

# Entre Experiência e Reflexão

## Tradução Comentada de *Burra Preta com uma lágrima* de Álamó Oliveira

Dissertação de Mestrado

Miguel Lopes

Mestrado em

**Tradução e Assessoria Linguística**



Ponta Delgada  
2018



# Entre Experiência e Reflexão

Tradução Comentada de  
*Burra Preta com uma lágrima*  
De Álamo Oliveira

Dissertação de Mestrado

Miguel Lopes

## Orientadora

Professora Doutora Dominique Faria

Dissertação de Mestrado submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em  
Tradução e Assessoria Linguística



## **Às minhas homologias**

Há mais marés, que marinheiros  
Il y a plus de marées que de marins  
There are more tides than sailors

## Índice

Agradecimentos .....	v
Resumo .....	vi
Abstract .....	vii
Epígrafes .....	viii
Introdução .....	1
I. Tradução Literária: Escopo e Escolho .....	10
O Escopo .....	12
O Escolho .....	14
O Projeto .....	16
(II) <i>Bourrique Noire avec une larme</i> .....	19
Chapitre Omis .....	22
Chapitre I .....	26
Chapitre II .....	32
Chapitre III .....	41
Chapitre IV .....	48
Chapitre V .....	54
Chapitre VI .....	61
Notes du Traducteur .....	67
III. Comentário à Tradução: Análise de Casos .....	68
1. Tradução de Referências Culturais .....	71
1.1. Antropónimos, Topónimos, Hagiónimos e Formas de Tratamento .....	71
Antropónimos .....	71
Topónimos .....	74
Hagiónimos .....	75
Formas de Tratamento .....	76
1.2. Referências à Cultura Açoriana .....	77
Festividades do Espírito Santo .....	80
Outras Referências à Religiosidade .....	82
1.3. Referências à Cultura Portuguesa .....	84
2. Tradução do Estilo do Autor .....	88

2.1. Inventividade Lexical .....	89
2.2. Registo de Língua Familiar .....	92
2.3. Expressões Idiomáticas .....	93
2.4. Particularismos Estéticos .....	95
Comparações .....	96
Estruturas com Sentido Metafórico .....	97
Repetições .....	98
2.5. Questões de Sintaxe .....	99
2.6. Campo Lexical Equídeo .....	103
Conclusão .....	105
Bibliografia .....	114

## **Agradecimentos**

A nossa primeira palavra de apreço vai para a Universidade dos Açores, na pessoa do seu Magnífico Reitor, Professor Doutor João Luís Gaspar. As instituições públicas de Ensino Superior, santuários de ciência e cultura, espaços de pesquisa e inovação, último reduto de uma investigação independente são também o lugar onde se cumpre a única formação contínua séria e competente. A Universidade dos Açores abriu-nos as suas portas e deixou-nos crescer.

Queríamos manifestar igualmente o nosso reconhecimento à Professora Doutora Leonor Sampaio, coordenadora do Mestrado em Tradução e docente da disciplina de Cultura e Contemporaneidade, por transmitir uma aura inspiradora de saber e de cultura.

E queríamos transmitir à Professora Doutora Dominique Faria, orientadora deste projeto, sem a qual este não se teria concretizado, toda a nossa gratidão e admiração, pela sua doura bonomia, pela sua generosidade intelectual e pela sua competência despretensiosa. Por ter sido, claro, a leitora crítica incansável dos nossos escritos titubeantes. A sua luz irradiou-nos.

## Resumo

Com esta dissertação de mestrado pretende-se levar a cabo uma experiência de tradução literária e desenvolver uma reflexão sobre o ato de traduzir. Queremos questionar o que se traduz, por que se traduz e como se traduz, defendendo uma prática tradutiva ética e dialogante. Fundamentaremos a nossa análise em alguns dos autores mais relevantes no campo dos Estudos de Tradução. Acreditamos que a tradução participa de um processo através do qual se deve promover a diversidade cultural e linguística, dando maior visibilidade às literaturas periféricas. Escolhemos, pois, uma obra de um autor açoriano, Álamó Oliveira, cujos romances não estão traduzidos ainda em Francês. A sua voz única caracteriza-se por uma escrita mordaz enraizada nos condicionalismos insulares. *Burra preta com uma lágrima* constitui a efabulação do modo como foram vividos nos Açores acontecimentos marcantes na história portuguesa contemporânea. Por tudo isso, a sua tradução representa um desafio e a sua divulgação suscita-nos um interesse acrescido.

**Palavras-chave:** Álamó Oliveira, *Burra Preta com uma lágrima*, Açores, tradução literária, línguas e literaturas



## **Abstract**

With this Masters dissertation we intend to carry out a literary translation experience and develop a reflection on the act of translating. We want to question what is translated, why it is translated and how it is translated, defending an ethical and dialogic translation practice. We will base our analysis on some of the most relevant authors in the field of Translation Studies. We believe translation is part of a process by which one should promote cultural and linguist diversity, showcasing peripheral literature. We chose, therefore, a work by an Azorean author, Álamó Oliveira, whose novels are not yet translated into French. His unique voice is characterized by a biting writing rooted in island constraints. *Burra Preta com uma lágrima* is the parable of how the Azores have experienced important events in contemporary Portuguese history. For all this, its translation represents a challenge and its dissemination provokes an increased interest.

**Keywords:** Álamó Oliveira, *Burra Preta com uma lágrima*, Azores, literary translation, language and literature

TOI,  
Qui que tu sois !  
Je te suis bien plus proche qu'étranger.

Andrée Chedid

Or la langue n'est pas seulement un moyen de communication, elle est porteuse d'une culture et d'une vision singulière du monde. Une langue n'est pas une façon différente de désigner les mêmes choses, c'est un point de vue différent sur ces choses. [...] Appréhender cette diversité, c'est contribuer à préserver la richesse de la pensée.

Barbara Cassin

Translation has a crucial role to play in aiding understanding of an increasingly fragmentary world.

Susan Bassnett

## Introdução

Convidado a dar um contributo para a Revista *Granta*, em outubro de 2017, sobre o tema das Revoluções, o escritor Rui Cardoso Martins, grande conhecedor da literatura russa, escrevia:

[...] tenho de lembrar que **nenhum destes mundos existiria para mim<sup>1</sup>**, e para a maioria dos portugueses, **sem o trabalho dos tradutores**. O esforço dos homens e das mulheres que transformam os complexos, elegantes, estridentes fonemas e as cirílicas sílabas do russo em português. O que vão ler a seguir é também uma homenagem aos Heróis da Grande Guerra Patriótica da Tradução (Martins, 2017: 70)

Apresentado como sendo imprescindível, o trabalho dos tradutores alarga os horizontes dos leitores, ao dar-lhes acesso a textos escritos primeiramente numa língua estrangeira. Por vezes, da semente deixada pelos tradutores brota no leitor uma vontade de descobrir a cultura de origem e a língua primitiva das obras, lidas inicialmente por intermédio de uma tradução<sup>2</sup>. Assim nascem verdadeiras paixões. De acordo com Rui Cardoso Martins, foram, pois, os tradutores que lhe abriram as portas da russofilia.

Escreve João Barrento que “[a] tradução tem a função da ponte, faz as vezes do barco: “tra-ducere” significa isso mesmo, levar para o outro lado, transportar para a outra margem.” (Barrento, 2002: 124). O ato de traduzir aproxima-nos, promove o diálogo e o descentramento cultural. Em outubro de 2011, num fórum sobre tradução literária, que teve lugar na Société des Gens de Lettres, em Paris, Gisèle Sapiro (2011, s.p.) lembrava que:

Depuis le milieu du XIX<sup>e</sup> siècle, la traduction est devenue le mode principal de circulation des œuvres littéraires entre les cultures [...] la traduction devenait un véhicule de démocratisation et de laïcisation de la vie culturelle, à mesure que se créaient les identités, les cultures et les littératures nationales.

As traduções estiveram, desde cedo, na génese das literaturas nacionais, contribuindo para constituir o cânone literário de uma época. De um outro ponto de

---

<sup>1</sup> Todos os destaques no texto são da nossa responsabilidade, salvo se existir uma nota a referir o contrário.

<sup>2</sup> Preocupar-nos-emos, exclusivamente com tradução interlinguística, conforme a definição dada por Roman Jakobson (Bassnett, 2014: 25), dando especial relevo à tradução de textos literários.

vista, num artigo recente, Maria João Ferro atribuía à tradução o desígnio de se assumir

como uma infraestrutura fundamental da globalização, assegurando, por um lado, que aqueles que querem comunicar para uma audiência global o façam através de uma língua global dominante (em muitos casos, o inglês); mas, por outro, garantindo também que os consumidores tenham acesso a informação e conteúdos nas suas próprias línguas, o que gera o movimento contrário de passagem da língua (ou das línguas) dominante para as línguas autóctones. (Ferro, 2017: 1011)

Vendo a tradução como traço de união da diversidade, Umberto Eco elevava-a ao estatuto de “língua da Europa” (Eco, 1994). Esta ascensão honorífica da tradução deve no entanto ser mitigada. Numa obra referencial, Susan Bassnett defendia que: “Translation [...] is never an innocent activity”<sup>3</sup>. (Bassnett, 2014: 85) A atividade tradutiva reflete dinâmicas de dominação de uma língua e de uma cultura em relação a outras. A expansão da cultura anglo-americana na senda da hegemonia política e económica dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial foi suportada por traduções massivas de uma grande variedade de livros em língua inglesa, com a agravante de promover uma cultura anglo-americana monolingue e pouco recetiva às literaturas estrangeiras, “accustomed to fluent translations that invisibly inscribe foreign texts with British and American values and provide readers with the narcissistic experience of recognizing their own culture in a cultural other.” (Venuti, 2008: 12)

O mercado das traduções deixa transparecer jogos de poder e de influências, pois responde a desafios culturais, económicos e políticos internacionais. Para ajudar a compreender estes fenómenos, invocamos outro acontecimento elucidativo, que também ocorreu no ano de 2017, no mês de junho: José Eduardo Agualusa era galardoado com o maior prémio literário em termos pecuniários para uma obra de ficção publicada, mesmo que não originalmente, em língua inglesa, o International Dublin Literary Award, com o romance *Teoria Geral do Esquecimento*. O autor reafirmava, então, **a capacidade de a tradução dar visibilidade às culturas periféricas**, agradecendo ao seu tradutor Daniel Hahn e concluindo que aquele era “também um prémio para a tradução, e essa distinção pode ser uma forma de **haver mais literatura**

---

<sup>3</sup> Completando esta afirmação, Bassnett acrescentava que “translation is not just the transfer of texts from one language into another, it is now rightly seen as a process of negotiation between texts and between cultures, a process during which all kinds of transactions take place mediated by the figure of the translator.” (Bassnett, 2014: 6)

**traduzida nos países anglo-saxónicos**” (Lucas, Nadaís, 2017: s.p.). Podemos depreender do discurso de José Eduardo Agualusa que os países anglo-saxónicos traduzem pouco e constatar que grassa, nas esferas literárias, o reconhecimento da existência de culturas periféricas, ou seja, simultaneamente, da ausência de neutralidade nas relações culturais internacionais que envolvem também as traduções.

Estas noções advêm da difusão, nos últimos cinquenta anos, dos estudos de tradução sociologicamente orientados, que têm por base os trabalhos, entre outros, de Itamar Even-Zohar (2000: 192-197) com a teoria dos polissistemas, segundo a qual as traduções (subsistema do sistema literário) não só favoreceram os intercâmbios culturais, como também se afirmaram como elementos constitutivos das literaturas nacionais, enriquecendo ou revigorando os modelos existentes. E o impacto das traduções num determinado sistema pressupõe uma relação de forças desigual entre a cultura de partida e a cultura de chegada, sendo certo que esta relação não é constante e depende, também, de fatores políticos e económicos. Para comprovar esta realidade, basta observar o crescimento nos últimos anos das traduções chinesas (do “chinês” e para o “chinês”) e o retrocesso das traduções russófonas.

Certamente inspirada por esta perspetiva, Gisèle Sapiro desenvolveu vários estudos sobre o mercado das traduções e irá declarar, no fórum ao qual já aludimos:

la circulation des œuvres n’est ni symétrique ni aléatoire. Si on les suit de leur lieu de production à leur lieu de parution en traduction, on voit se dessiner une géographie qui présente certaines régularités tout en évoluant dans le temps. Ces régularités révèlent l’inégalité des échanges entre langues et cultures (Sapiro, 2011 : s.p.)

O percurso de uma obra traduzida, desde a língua de partida à língua de chegada, é revelador do peso relativo de cada língua no mercado das transações culturais. Johan Heilbron, que colaborou com Gisèle Sapiro, definiu a posição relativa de cada língua no sistema mundial de traduções, com base nos fluxos internacionais de livros traduzidos, tendo apurado que o inglês ocupa uma posição que o autor classifica de hipercentral com 60% do mercado mundial; o francês e o alemão representam aproximadamente 10% do mercado, cada uma, e são consideradas línguas centrais; o espanhol, o italiano e o russo têm uma quota entre 1 e 3%, classificando-se, por isso, como semicentrais; as restantes, entre as quais se situa o português, com menos de 1% do mercado, são línguas periféricas (Heilbron, 2010).

Sendo o papel das traduções preponderante na divulgação e na promoção de uma língua e de uma cultura<sup>4</sup>, é do interesse mais elementar das nações e dos autores que a sua língua seja mais traduzida. Foi neste contexto que surgiu a vontade de traduzir de uma língua periférica (o português) para uma língua central (o francês); traduzir um autor açoriano que tem poucas oportunidades de ser traduzido, sendo certo que isso iria aumentar o seu prestígio, assim como as hipóteses de ser traduzido noutras línguas a partir daí, dado o caráter veicular das línguas centrais (Heilbron, 1999). Ademais, numa altura em que as literaturas ultraperiféricas estão a recrudescer de importância, sendo o prémio atribuído a José Eduardo Agualusa um indicador dessa tendência.

O interesse em fomentar laços culturais luso-franceses através da literatura traduzida vai ao encontro de uma curiosidade natural, que acreditamos existir, pela cultura portuguesa em França. Dados do Instituto Nacional de Estatísticas deste país mostram que aí residem, atualmente, mais de 530 000 portugueses (o que faz da comunidade portuguesa a maior comunidade estrangeira no seu território). Estes estão entre os estrangeiros que mais adquiriram a nacionalidade francesa, nas últimas décadas (mais de 10 000 processos anuais, em média, nos últimos 30 anos). Depois dos magrebinos, a nacionalidade portuguesa é a mais representada nos casamentos mistos, em França (mais de 1 300 casamentos, só em 2015). O português é a 6ª língua mais estudada no sistema de ensino francês, com mais de 18 000 alunos inscritos, à frente do árabe e do russo, por exemplo. Temos, portanto, várias gerações de lusodescendentes naquele país, seguramente mais de dois milhões de indivíduos para quem a língua e a cultura portuguesas são significativas.

Por outro lado, há uma apetência do mercado livreiro francês por literaturas estrangeiras periféricas, designadamente pela literatura portuguesa, como atestam os dados da publicação de livros traduzidos do português nos últimos anos. Sendo este, portanto, um momento oportuno para abordar, tratar e sugerir uma aposta mais forte das autoridades portuguesas com o objetivo de promover o livro de língua portuguesa em mercados importantes como o mercado francês. De acordo com dados do Ministério da Cultura francês, em 2017, a tradução representava 19,1% do mercado do livro em

---

<sup>4</sup> « La traduction dans les langues centrales constitue une consécration qui modifie la position d'un auteur dans son champ d'origine. Elle peut être aussi un mode d'accumulation de capital littéraire [...] un moyen d'accumuler du capital symbolique... » (Sapiro, 2008 : 41-42)

França. 93 títulos haviam sido traduzidos do português (0,7% do total das traduções), depois de terem sido 103 (0,8%), em 2016 e, sobretudo, depois de terem atingido um pico de 113 títulos em 2015 (1%), primeiro ano em que o português aparece nas estatísticas, tendo subido da 14ª para a 10ª posição das línguas mais traduzidas, no cômputo dos últimos vinte anos, aproximando-se, assim, do estatuto de língua semicentral. Segundo números do Sindicato Nacional da Edição daquele país, em sentido inverso, no ano de 2016, traduziram-se 313 “livros” do francês para o português. Este número equivale a 15,9% do mercado das traduções em Portugal (que pesa 23,4% do mercado livreiro global — fonte: Pordata, 2016), de acordo com o estudo já referenciado, elaborado por Maria João Ferro, com o auxílio dos dados compilados no *Index Translatorium* da responsabilidade da UNESCO. Este panorama faz do francês a segunda língua mais traduzida no nosso país (o que mostra, em paralelo, a desigualdade entre as duas línguas no que se refere a trocas de direitos de edição).

Com base ainda neste repositório de dados estatísticos sobre tradução que constitui o *Index Translatorium*, Portugal ocupava, até 2009, a 18ª posição entre as línguas mais traduzidas (11 581 títulos) e o 8º entre as línguas que mais traduzem (78 905 títulos). Basta deslocarmo-nos a uma livraria em Portugal e observar as estantes para compreender o lugar que ocupam as traduções na edição nacional de livros. A sua presença é hegemónica, mais significativa do que revelam os números da tradução no mercado livreiro global, no que toca a novas edições anuais de livros. Se Portugal traduz muito, de facto é pouco traduzido. É forçoso, portanto, alertar para a necessidade de as autoridades nacionais responsáveis investirem mais em projetos de tradução de literatura portuguesa, uma vez que, comprovadamente, constituem um estímulo decisivo para o seu desenvolvimento e subsequente ancoragem no mercado global<sup>5</sup>.

Com esta dissertação, pretendemos apresentar uma tradução comentada, para Francês, dos sete capítulos iniciais (incluindo o chamado “Capítulo Omisso”) do romance de ÁlamO Oliveira intitulado *Burra Preta com uma lágrima*. A escolha foi determinada por múltiplos fatores: primeiro por se tratar de uma obra de um autor açoriano cujos textos em prosa não se encontram ainda traduzidos naquela língua (já

---

<sup>5</sup> « Le cadrage identitaire des œuvres en traduction est renforcé par les politiques mises en place par les États-nations pour favoriser la traduction de leur production nationale. » (Sapiro, 2011, s.p.)

existem traduções nos Estados Unidos e no Japão); segundo, porque as características da escrita de Álvaro Oliveira, a sua ironia, o seu sentido crítico, o modo como descreve e narra os Açores possuem um valor intrínseco presente noutros romances do autor: *Já não Gosto de Chocolates*, *Pátio d'Alfama meia noite*, *Marta de Jesus A Verdadeira* e *Murmúrios com Vinho de Missa*, assim como a coletânea de contos, *Com Perfume e com Veneno*. Terceiro, porque a publicação de *Burra Preta com uma lágrima* data de 1982. De acordo com o narrador do romance, a narrativa foi encetada em novembro de 1978 e reporta-se a “factos” ocorridos antes e depois de 1974. Terá sido, por conseguinte, dos primeiros escritos de ficção a tratarem do 25 de abril e da Revolução dos Cravos nos Açores, revestindo-se, por essa razão, de um valor testemunhal único. Por último, a nossa preferência recaiu sobre este livro por ser também o único romance do autor disponível em português na Biblioteca Nacional de França, cuja obra julgamos merecedora de outra divulgação<sup>6</sup>.

Decidimos traduzir até ao capítulo VI, inclusive, o que corresponde às primeiras 63 páginas de um total de 151, ou seja, 41,7%. Mais do que uma justificação quantitativa, traduzir este segmento da obra fundamenta-se por nele haver uma caracterização completa de todos os elementos constituintes da narrativa — o que fornece ao leitor instrumentos de leitura indispensáveis — e por sugerir um adensamento estimulante da intriga.

Este trabalho irá contribuir para, por um lado, fazer chegar este romance, arquétipo da “literatura açoriana”<sup>7</sup> (logo literatura periférica, segundo a teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar), a um público francófono (que participa de uma literatura central, de acordo com a classificação atribuída por Gisèle Sapiro no seu estudo das trocas culturais internacionais), dando-lhe um novo fôlego ou uma nova vida nas palavras de Walter Benjamin. Por outro lado, permitirá gizar uma reflexão sobre o ato de traduzir, identificando os limites de uma tarefa eminentemente altruística, pelo quanto o papel do tradutor sobrevive confinado numa invisibilidade paradoxal.

---

<sup>6</sup> Em boa hora, a Editora Companhia das Ilhas decidiu reeditar a prosa completa do autor na Coleção Ficção Açores.

<sup>7</sup> Não pretendemos aqui entrar no debate sobre a pertinência da expressão « literatura açoriana », usada desde 1852. Remetemos para o primeiro capítulo de *O Amanhã não Existe*, de Urbano Bettencourt (2017: 21-106), perfeitamente esclarecedor sobre a matéria.



Tendo já introduzido a obra, falta apresentar o autor classificado como sendo “dos mais representativos autores contemporâneos da Açorianidade literária” (Chrystello, *in* Girão; Silva, 2014: 14) e “um dos expoentes máximos da escrita açoriana de hoje” (Almeida, *in* Girão; Silva 2014: 23). ÁlamO Oliveira é natural da ilha Terceira, estudou Filosofia no seminário e cumpriu o serviço militar durante a guerra colonial, na Guiné Bissau, entre 1967 e 1969. De regresso, fez carreira na Função Pública (começou por ser catalogador), dedicando-se, paralelamente, à Literatura e ao Teatro. É sócio fundador do grupo Alpendre, onde tem sido diretor artístico e encenador. Escreveu 36 livros que incluem poesia, romance, conto, teatro e ensaio e está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa. O seu romance *Até Hoje Memórias de Cão* recebeu, em 1985, o prémio Maré Viva, da Câmara Municipal do Seixal. Em 1999, recebeu o prémio Almeida Garrett/Teatro com a peça *A Solidão da Casa do Regalo*. Em 2002, o Programa de Estudos Portugueses, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de “escritor do semestre”, para falar na primeira pessoa sobre o seu trabalho literário que integrava o currículo do Curso de Língua Portuguesa, sendo o primeiro português a receber tal distinção. O seu contributo para a divulgação da cultura açoriana levou-o a receber em 2010 a Insígnia Autônómica de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e o grau de Comendador da Ordem do Mérito atribuído pela Presidência da República no dia 10 de junho.

Na sua tese de Doutoramento sobre o conto literário de temática açoriana Mónica Cabral afirmava que a obra de ÁlamO Oliveira mostra “um homem profundamente marcado por condicionalismos históricos e geográficos”, em que “[a] condição insular está presente em inúmeros momentos, revelando uma multiplicidade de facetas (etnográfica, antropológica, histórica, literária e linguística) deveras enriquecedora.” Quanto ao estilo do autor, este caracteriza-se “por uma grande originalidade, sentido de humor e perspectiva crítica e irónica do homem e da comunidade em que ele se insere.” (Cabral, 2010: 31) Em linha com esta matriz, *Burra Preta com uma lágrima* é um romance de 1982, edição de autor<sup>8</sup>, cuja intriga se desenrola em três ilhas dos Açores, nos anos 70, retratando as desventuras de uma “burra” num contexto sociopolítico conturbado. A estratégia narrativa autobiográfica e alegórica desenha um quadro dos costumes e das tradições açorianos, assim como do período histórico que se vivia na

---

<sup>8</sup> Para este trabalho, consultámos a segunda edição das Edições Salamandra, de 1995.

região e no país. Por essa via, o texto propõe igualmente uma reflexão efabulada sobre valores universais como a liberdade e a dignidade humana. Esta versatilidade temática e estilística aliada à vontade, já evocada, de promover e divulgar a literatura e a cultura açorianas junto de um público francófono motivaram a escolha desta obra.

A nossa abordagem à tradução literária assenta no pressuposto de que o texto literário, enquanto objeto original e criativo, espelha uma determinada estética. No processo de escrita, agindo sobre a língua, tornando-a sua e vertendo nela a mensagem que deseja transmitir, o autor faz emergir a sua identidade e a sua representação do mundo. Começando por um processo de interpretação, uma tradução literária deve absorver o “humor” do texto, na consciência de que o resultado nunca será o mesmo texto, senão a sua nova “pousada”.

Com estas proposições em mente, identificámos em *Burra Preta com uma lágrima* os aspetos potencialmente mais problemáticos a ter em consideração no momento de “entrar em diálogo com outra língua”. Assim, uma das particularidades deste texto assenta no facto de a personagem principal ser uma burra. Esta circunstância implicará, por vezes, um trabalho de tradução especializada, devido à utilização por parte do autor de um léxico relacionado com o mundo equestre. Daí decorre, por outro lado e como já foi referido, um tom narrativo marcado pela alegoria efabulada e humorística através da qual se descreve a condição dos oprimidos. Aqui o desafio consistirá, pois, em preservar o estilo do autor no seu retrato crítico de um cenário sociopolítico em convulsão e na personificação heroicizada da “burra”, reproduzindo a criatividade linguística, as metáforas, as comparações e as repetições, abundantes no texto, sem que se verifiquem perdas empobrecedoras.

Simultaneamente, a liberdade e integridade moral da protagonista são postas à prova num contexto em que o folclore cultural exerce um papel importante. São, pois, os elementos culturais que constituem o outro aspeto decisivo a levar em linha de conta nas opções de tradução. O espaço é determinante na construção da intriga e na caracterização das personagens. Os tópicos relacionados com a mundividência açoriana e o seu *modus vivendi* (o culto do Divino Espírito Santo, a sua gastronomia...) estão permanentemente presentes no texto. É fundamental “manifestar” esta idiossincrasia, para retomar a linguagem utilizada por Antoine Berman. Neste particular, deverá impor-se um registo

explicitador, em harmonia com uma estranheza natural a provocar no leitor francófono, sempre com o intuito de abrir horizontes dialogantes<sup>9</sup>.

Estas são algumas das premissas prévias que orientarão o nosso esforço de teorização da tradução (mormente a literária, capítulo I), com o qual pretendemos problematizar o seu exercício (com a análise de casos práticos, capítulo III, resultantes da experiência efetiva de tradução de *Burra Preta com uma lágrima*, capítulo II) e assim contribuir para uma revalorização do papel do tradutor e da tradução. A *tarefa do tradutor*, que encaramos como um privilégio, é, concomitantemente, um dever e uma responsabilidade. O dever de estabelecer um diálogo intercultural (na mesma medida em que o texto de partida é transportado para outra língua, também o leitor da tradução é transportado para outra cultura) e a responsabilidade de difundir a literatura, dando-lhe um novo impulso:

As traduções que são mais do que meios de transmissão de conteúdos nascem quando, na **sobrevida de uma obra**, esta atinge o seu período áureo. [...] Nelas, a vida do original alcança o seu desenvolvimento último, mais amplo e sempre renovado. [...] Assim, a tradução tem por finalidade dar expressão à **relação mais íntima das línguas** umas com as outras. (Benjamin, 2015: 94)

Como iremos ver na secção seguinte, na conceção pós-colonial dos Estudos de Tradução, à qual também aderimos, a tradução assume-se, efetivamente, como um novo original numa outra língua. Esta perspetiva positiva das traduções reforça a importância da operação tradutiva enquanto ato comunicativo intercultural e transgeracional.

---

<sup>9</sup> « les œuvres traduites ne sont pas sélectionnées en fonction de leur représentativité, mais l'on suppose néanmoins qu'elles disent et nous apprennent quelque chose du pays dont elles proviennent. » (Sapiro, 2011 : s.p.)

Il convient de traduire  
aussi près qu'on peut et  
aussi loin qu'il le faut.

Jean-René Ladmiral

## I. Tradução Literária: Escopo e Escolho

Poucas horas depois de receber o International DUBLIN Literary Award, atribuído à edição em inglês do romance *Teoria Geral do Esquecimento*, José Eduardo Agualusa afirmava a sua felicidade ao jornal Público, sublinhando o trabalho autoral que qualquer tradução implica, e o acerto do tradutor Daniel Hahn na criação de “uma voz inglesa” para a sua obra. **“Ele criou uma voz própria a partir da minha.”** No discurso proferido durante a cerimónia de entrega do prémio, o autor reforçava o desempenho dos tradutores: “Também me deixa muito feliz o facto deste ser um prémio não só para os autores, mas também para os tradutores. **Tradutores são igualmente autores.** Autores generosos, por vezes quase invisíveis, largamente responsáveis pelo sucesso de um livro.”<sup>10</sup>

Voltámos às palavras edificantes de José Eduardo Agualusa, pelo quanto valorizam o papel do tradutor e da tradução. Estas declarações levantam questões interessantes sobre o seu estatuto e a sua legitimidade. Para desfazer quaisquer equívocos, ladeando os caminhos mais progressistas dos Estudos de Tradução, advogamos, como nos termos a seguir transcritos, que:

Both original and translation are viewed as equal products of the creativity of writer and translator [...] The translator is seen as a liberator, someone who frees the text from the fixed signs of its original shape making it no longer subordinate to the source text but visibly endeavouring to bridge the space between source author and text and the eventual target language readership (Bassnett, 2014: 6-7)

Não cremos, pois, que uma luta de legitimidade entre o texto de chegada e o texto de partida seja a abordagem mais produtiva para os interesses de uma Teoria da Tradução. Julgamos que ambos se devem afirmar e serem reconhecidos pela função

---

<sup>10</sup> Disponível em <http://www.agualusa.pt/imagens/pdf/discurso-pt.pdf>, consultado em março de 2018.

indispensável que desempenham. O tradutor deve usar de toda a sua criatividade<sup>11</sup> para libertar o texto de partida das amarras originais, levando-o para a sua nova e descomplexada identidade e deve levar a cabo “um esforço visível” no sentido de carrear o autor e o seu texto rumo ao leitor da tradução.

Os autores citados reconhecem, indubitavelmente, um estatuto relevante aos tradutores, atribuindo-lhes uma função autónoma. Todavia, ambos aludem ao conceito iminentemente depreciativo de um tradutor invisível. José Eduardo Agualusa salienta, certamente, o facto de o seu trabalho ser menosprezado e Susan Bassnett reporta-se, indiretamente, à figura do tradutor camuflado e etnocêntrico que vulgariza e domestica o texto de partida. A invisibilidade do tradutor confere ao texto de chegada a ilusão da transparência ou, se quisermos, a aparência de não se tratar de uma tradução. A aceitabilidade da tradução seria então avaliada em função do grau de fluência do texto e da ausência de sinais da intervenção tradutiva.

Apelando a um maior despudor estratégico no exercício da tradução e a uma maior consciência da sua missão por parte do tradutor, Lawrence Venuti, autor do célebre ensaio, programaticamente denominado *The Translator's Invisibility*, questiona, igualmente, a pertinência do conceito de “texto original”, alegando que toda a obra deriva de uma tradição cultural e se insere num determinado momento histórico, de maneira que dificilmente se poderá falar de uma voz autoral, verdadeiramente pessoal e única. No excerto selecionado, que consideramos fundamental, Lawrence Venuti não só desdramatiza o carácter secundário do texto traduzido, que, segundo ele, mesmo quando evidenciado, não se opõe à fluência e ao prazer da leitura, como também polariza a importância de uma ação autorreflexiva por parte dos tradutores, a fim de desmistificar o seu trabalho, junto dos leitores:

Fluency need not be abandoned, but rather reinvented so as to create new kinds of readability that provide more sophisticated pleasures by calling attention to the secondary status of the translation and by signalling the linguistic and cultural differences of the foreign text. [...] Translators must also force a revision of the codes — cultural, economic, legal — that marginalize them and exploit them. They can work to revise the individualistic concept of authorship that has banished translation to the

---

<sup>11</sup> A premência das questões relativas à criatividade do tradutor na tradução literária (e que iremos retomar mais à frente) é comprovável pela temática da última edição, Volume 62, número 3, de dezembro de 2017, da revista canadiana *Meta*: « La traduction littéraire comme création ».

fringes [...], not only by developing innovative translation practices in which their work becomes visible to readers, but also by presenting incisive rationales for these practices in prefaces and essays, lectures and interviews. Such self-presentations will indicate that the language of the translation originates with the translator in a decisive way, but also that the translator is not its sole origin: a translator's originality is second-order, revealed in the choice of a particular foreign text and in the development of a particular discursive strategy in response to an existing cultural situation. (Venuti, 2008: 273-274)

Portanto, todo o tradutor deve ter em mente uma ideia sobre o que é o traduzir e sobre o que é traduzir, nomeadamente, um texto literário.

### **O Escopo**

Num texto fundador intitulado “A Tarefa do Tradutor”, Walter Benjamin (2015: 91-112) considera que a missão do tradutor é de reproduzir noutra língua o “efeito pretendido” de uma determinada mensagem. Depreende-se, portanto, que o escopo da tradução não deverá ser de obter uma equivalência absoluta entre dois textos, ou seja, de conseguir o mesmo texto numa outra língua, mas sim de replicar elementos do texto que transcendem a palavra.

Deixando adivinhar alguns caminhos tortuosos, João Barrento define a tradução literária como “um processo único de leitura-escrita em que um texto é lido e reconstituído num outro código, como uma estrutura polifónica complexa em que a desconstrução pode ser feita estrato a estrato, mas em que a reescrita deve deixar transparecer os modos de funcionamento em simultâneo dessa polifonia verbal.” (Barrento, 2002: 23)

Com efeito, “[a] prosa literária caracteriza-se, em primeiro lugar, pelo facto de captar, condensar e misturar todo o espaço polilinguístico de uma comunidade.” (Berman, 1997: 42) Portanto, um dos aspetos fundamentais que distinguem a escrita romanesca é a sua diversidade, a sua riqueza de estilos, as suas múltiplas vozes. Esta asserção sintetiza a especificidade do texto literário e aponta, desde logo, para as dificuldades do seu manuseamento translatório, porquanto na tradução literária

estão implicados [...] todos os níveis da língua, numa interação que visa produzir efeitos de sentido e de linguagem que fazem apelo à reconstituição, não apenas do nível de superfície do texto, mas também das ausências

significantes, dos brancos, dos ritmos, da alusão, da denotação [...] *os invisíveis do texto*. (Barrento, 2002: 17)

Aqui, o autor defende uma abordagem que privilegia o sentido do texto, ou, de um modo mais aprofundado, um trabalho de tradução em que:

a “fidelidade” [se] refere, assim, sobretudo ao respeito destas instâncias instáveis e ocultas. [...] O importante não será tanto a equivalência dos ingredientes [...], mas mais as correspondências no plano dos efeitos e dos envoltórios [...]. O rigor não será meramente terminológico ou conceptual, mas estético. (Barrento, 2002: 17)

O “tradutor/intérprete” utiliza todas as ferramentas linguísticas ao seu alcance, a sua “intuição recriadora”, por forma a atenuar os elementos do texto impossíveis de “ressuscitar”. No entanto, corroborando este ponto de vista sobre a tradução, Susan Bassnett antecipa o problema de ter de determinar os níveis de equivalência, uma vez que:

Translation involves far more than replacement of lexical and grammatical items between languages [...] the process may involve discarding the basic linguistic elements of the SL (*source language*) text so as to achieve Popovic’s goal of ‘expressive identity’ between the SL and TL (*target language*) texts. But once the translator moves away from close linguistic equivalence, the problems of determining the exact nature of the level of equivalence aimed for begin to emerge. (Bassnett, 2014: 35)

A natureza das equivalências aflorada neste excerto consubstancia-se na famigerada oposição quiasmática entre uma equivalência formal e uma equivalência dinâmica. Como sintetiza Jean-René Ladmiral, no primeiro tipo de equivalência, o tradutor « tend à démarquer d’aussi près que possible le texte-source, culturellement et linguistiquement, quitte à n’être plus directement intelligible sans un appareil de notes en bas de page : [...] une traduction savante ou « philologique » ; no segundo tipo, o tradutor « recherche une expression naturelle et elle vise à produire le « même » effet chez le public-cible qu’a pu avoir le message-source sur ses destinataires d’origine ». (Ladmiral, 2015 : 9)

Atendendo a esta divergência, julgamos indispensável um tratamento analítico da tradução que favoreça o desvelar das decisões do tradutor, tendo em vista a elucidação das transformações produzidas no texto, permitindo compreender o modo como traduziu cada excerto textual e verificar o seu impacto global no texto de chegada,

aferindo, assim, um maior ou menor afastamento do texto de partida, da sua forma e do seu conteúdo.

## O Escolho

Citar Susan Bassnett permite-nos recolocar o problema da tradução literária e da dificuldade que consiste em conciliar, simultaneamente, os efeitos estilísticos que se escondem em cada frase e a necessidade de produzir um texto de chegada *legível*. Senão vejamos:

Again and again translators of novels take pains to create *readable* TL texts, avoiding the stilted effect that can follow adhering too closely to SL syntactical structures, but fail to consider the way in which individual sentences form part of the total structure. (Bassnett, 2014: 124)

Nesta aceção, tornar legível não significa apenas tornar um texto acessível no sentido em que se traduziu para outra língua. Depreende-se da citação anterior que tornar legível significa, isso sim, tornar a obra mais fácil de ler, de alguma maneira, porque se quer garantir que o texto irá comunicar algo ao leitor. O tradutor, para criar textos mais fluentes, anula as construções em que autor toma algumas liberdades gramaticais, ao nível da pontuação do texto, da sua sintaxe ou do seu léxico, por exemplo. Mas esta tentativa é justamente o escolho da tradução, uma armadilha para o tradutor, uma vez que o ato de traduzir tem, segundo Antoine Berman, “uma vocação ética que consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro”, (Berman, 1997: 60) que não se compadece com dissimulações.

No texto literário, quanto mais vincado for o cunho autoral, mais a sua escrita se mostrará capaz de transformar a língua, de enunciar e acolher novas formas de pensamento, novas representações da realidade. Além disso, um escritor espelha as especificidades de uma dada cultura, ou de várias culturas. Logo,

[t]raduzir é ter em conta a procura das “idimensões”<sup>12</sup> transculturais através do encontro de dois “mundos” ou culturas, da renovação da escrita num processo em plena liberdade e criatividade, disseminado de oralidades e polifonias, da apropriação de identidades humanistas e universais. Traduzir é criar um diálogo entre a multiplicidade de formas que interagem no texto, de maneira a reproduzir esse diálogo na outra língua, com interlocutores diferentes. (Jorge, 2014: 55)

---

<sup>12</sup> Neologismo, da autoria de Mia Couto, que pretende significar as dimensões individuais infinitas.



Reiteramos que a tradução, propriamente dita, só se inicia depois de uma leitura integral da obra a traduzir e de leituras exploratórias do contexto sociocultural da sua produção e da sua receção crítica, o que permitirá evitar incongruências de ordem pragmática. Estando ciente das características essenciais do texto que se propõe traduzir, das suas qualidades literárias e do seu enraizamento cultural mais lato, o tradutor traça um roteiro de modo a

refazer os efeitos presentes no texto de partida, com vista a conseguir as homologias discursivas adequadas e possíveis. [...] Sem texto de partida não há tradução, e por isso ele servirá sempre de instância moderadora de veleidades arbitrárias, vontades violentadoras ou devaneios pessoais do tradutor. (Barrento, 2002: 47)

A tradução não deixará de ser, no entanto, um trabalho duplo: um trabalho de leitura, de decomposição, de desconstrução e um trabalho de escrita, de recomposição, de recriação. Traduzir é voltar a escrever um texto numa outra língua, processo no qual se reflete a interpretação do tradutor.

De acordo com algumas metáforas sobre a tradução, o dilema que se coloca ao tradutor é o de ter de “servir a dois amos”, ou o de “conduzir o autor ao leitor e o leitor ao autor”, ao mesmo tempo (Ricoeur, 2005: 42). Cremos ser determinante afastarmos desta dicotomia e granjear o terreno mais fértil da autonomização do tradutor, a exemplo do que vem já sucedendo, aliás, há algum tempo, nos estudos de tradução:

the figure of the subservient translator was replaced with the visibly manipulative translator, a creative artist mediating between cultures and languages. [...] The common threads that link the many diverse ways in which translation has been studied over the past two decades are an emphasis on diversity, a rejection of the old terminology of translation as faithlessness and betrayal of an original, the foregrounding of the manipulative powers of the translator takes on a greater significance. (Bassnett, 2014: 10-11)

É nesta ótica que importará ao tradutor neoempoderado definir um projeto com objetivos claros que poderão constituir-se como um autêntico caderno de encargos para o seu trabalho de tradução.

## O Projeto

Muito se escreveu sobre a (im)possibilidade de traduzir determinado tipo de textos. Alguns autores defenderam que algumas visões do mundo se revelavam irreconciliáveis de tão afastadas que eram<sup>13</sup>, antes de enunciar universais linguísticos e culturais capazes de reverter as diferenças mais profundas. Da mesma maneira, acreditamos que pode ser muito mais difícil a comunicação entre dois falantes de uma mesma língua do que entre falantes de línguas diferentes. Pretendemos, pois, operar uma tradução dialogante e dialógica, que possa configurar um “convite” aos leitores francófonos.

Para alguns teóricos como Umberto Eco, o ato de traduzir consuma-se na negociação entre ganhos e perdas de sentido. Nesta visão, percebe-se a dificuldade que é encontrar um equilíbrio naquilo que se apresenta como um jogo de opções e um pulsar de decisões:

le maître-mot en matière de traduction, c’est la décision. [...] tout traducteur aura dû opérer des choix à tout moment [...] Traduire, cela implique non seulement que soit prise une option de traduction au niveau pratique de l’écriture traduisante — mais aussi déjà, en amont, au niveau « théorique » de la réception du texte-source, de sa « lecture-interprétation ». [...] Et l’ensemble de ces choix (théoriques et pratiques) ponctuels devra avoir la cohérence d’une stratégie globale définissant un *projet de traduction* (Ladmiral, 2015 : 77-78)

Neste excerto, o autor vinca as várias etapas do processo de tradução que assentam num projeto preparatório concebido e conduzido pelo tradutor. Do mesmo modo, encontramos em Conceição Lima a ideia implícita de um plano preliminar de onde se possa retirar “um fio condutor” que garanta a coesão de todo o trabalho, como refere Jean-René Ladmiral. As noções de “recepção do texto de partida” e de “leitura-interpretação” do tradutor são substituídas pela noção de “apropriação do sentido” e o conceito de “escrita translatória” é visto por Conceição Lima como comunicação intercultural:

[...] Estabelecendo um fio condutor à ideia de manipulação, associada à estratégia de tradução, descreve-se um processo baseado na apropriação do

---

<sup>13</sup> Ver, por exemplo, Mounin (2014 : 189-249)

sentido, de que se obtém a tradução, o produto de um evento comunicativo em que culturas diferentes se entrelaçam. (Lima, 2009: 61)

Em termos práticos, admitimos estratégias de tradução que vão, *grosso modo*, desde a **conservação**, ou “não tradução”, com diferentes graus de explicitação, até à **substituição** (que pode significar a omissão de elementos do texto de partida), com diferentes graus de equivalência ou de variação (Nida, 1945; Vinay e Darbelnet, 1958; Peter Newmark, 1995; Andrew Chesterman, 1997). Ou estratégias que vão desde opções mais óbvias e naturais (onde a tradução literal ou fórmulas já testadas funcionam) até opções mais criativas, quando são chamadas a resolver problemas de equivalência, que, pela sua imprevisibilidade, podem suscitar no tradutor profundas incertezas<sup>14</sup>.

Todo este leque de opções materializa-se num percurso entre o texto de partida e o texto de chegada, promovendo uma relação de maior ou menor afastamento entre ambos. Esta relação pode ser averiguada em função de diversos indicadores que têm por base a observação das mudanças produzidas no texto de partida. Quanto mais os tradutores cumprirem um processo de neutralização dos elementos mais marcados do texto de partida, quanto mais trabalharem no sentido de criar um novo texto que pareça ter sido escrito originalmente na língua de tradução, quanto mais priorizarem a legibilidade do texto, tendo por único critério a sua fluência, mais se irão aproximar de uma **tradução etnocêntrica**, hipertextual ou **inautêntica**. Pelo contrário, quanto mais fomentarem a manutenção dos traços culturais únicos do texto de partida, quanto mais se preocuparem em reproduzir os mesmos efeitos a nível sintático, semântico e pragmático, quanto mais souberem dar a primazia a uma relação aberta e dialógica entre línguas e culturas, mais se irão abeirar de uma **tradução autêntica e ética**. (Berman, 1984: 241)

Neste percurso, está implícita uma prática de **manipulação** do texto de partida que passa por várias fases. Duas, decodificação (análise) e recodificação (reestruturação), de acordo com Eugene Nida (Bassnett, 2014: 26); três, conforme a

---

<sup>14</sup> « Si l'on constate que la solution mécanique ne fonctionne pas, on se tourne vers les solutions standards, dont l'exploration s'accompagne d'une incertitude qui reste toute relative, car le traducteur reste dans sa zone de confort. Si, en revanche, et à la suite de l'échec de ses premières démarches, il doit quitter cette zone de confort, il se retrouve devant une incertitude maximale, celle qui est associée aux solutions non prévisibles qui, elles, relèvent de la créativité. » (Hewson, 2016: 23)

teoria interpretativa da tradução, genericamente as duas anteriores às quais se intercala a *desverbalização*<sup>15</sup>, que, de acordo com os inventores do conceito, se explica nos termos que se seguem:

la prise de conscience du sens qui couronne la première étape de compréhension s'accompagne de la disparition des formes verbales qui l'ont fait comprendre ; il se produit une déverbalisation qui ne laisse subsister qu'un état de conscience grâce auquel le sens s'exprime avec spontanéité en toute liberté par rapport aux moyens d'expression de la langue originale. (Seslekovitch ; Lederer, 1989 : 40)

ou quatro, segundo o movimento hermenêutico de George Steiner: confiança (seleção), penetração (descodificação), encarnação (assimilação) e restituição. (Steiner, 2002: 335-342).

Num pequeno artigo, publicado na revista “Traduire”, sobre a tradução da comicidade dos efeitos linguísticos, Joëlle Popineau (2015) definia o ato de traduzir como *a arte do compromisso*. Serão, pois, estas premissas que irão orientar a nossa experiência de tradução para língua francesa do romance intitulado *Burra Preta com uma lágrima*, de Álamó Oliveira. Atrevemo-nos a percorrer um itinerário experimental que constitua uma matéria de estudo útil e que ofereça alguma resistência às forças centrípetas assepsizantes, que dominam o mercado da tradução.

Nas páginas que se seguem, iremos apresentar aquele que forma o segundo capítulo desta dissertação (II), com uma proposta de tradução dos sete capítulos iniciais (incluindo, desde logo, alguns elementos paratextuais) do romance açoriano supramencionado, fresco “político” do destino ilhéu que o próprio narrador “cronista” diz ter empreendido a partir de novembro do ano de 1978.

---

<sup>15</sup> « la déverbalisation articule une première phase de « lecture-interprétation » du texte-source à une seconde phase de réexpression, qui est la rédaction du texte-cible. » (Ladmiral, 2015 : 106-107)

**BOURRIQUE NOIRE**  
Avec une Larme

À

São Ávila

(compagne inséparable pendant  
la recherche et le choix de cet itinéraire  
et  
première lectrice de cette chronique)  
avec une larme – aussi.

*Ecris donc les choses que tu as vues,  
et celles qui sont, et celles qui doivent  
arriver après elles.*

Apocalypse, 1 :19

## CHAPITRE OMIS

*Il y eut des époques où l'on crut, pieusement, que les animaux avaient le don de la parole. Et l'argumentation que les croyants utilisaient pour prouver de telles informations m'a toujours échappée. Tout comme m'échappe la contre-argumentation des incrédules. Les uns et les autres semblent buter sur un point, là où l'indécision s'installe — même si, en pratique, ce point est d'une irréfutable instabilité. En matière de foi, les philosophes soutiennent que : « ou l'on croit ou l'on ne croit pas », ce qui rend impossible toute marche ludique sur ce fil. On tombe toujours d'un côté ou de l'autre selon les arguments et les faits qui agissent sur un état d'esprit particulier.*

*Or, au sujet du dogme des animaux qui parlent, on sait a priori quelle est l'opinion générale : les animaux ne parlent pas, ils n'ont jamais parlé et ne parleront jamais. À vrai dire, tout mène à croire que c'est ainsi, amen. Même notre quotidien nous impose cette affirmation. Pourtant, il y a des exceptions... Et c'est tant mieux !, parce qu'elles ne font que confirmer les règles. Quelles exceptions ?! Les perroquets et leurs apparentés, par exemple. D'autre part, je connais beaucoup d'anecdotes qui ne me permettent pas d'accepter sans gêne la vérité généralisée selon laquelle les animaux ne parleraient pas. Je peux en citer quatre, de source fiable (ou tout du moins, je le crois).*

*1<sup>ère</sup> - Ma grand-mère maternelle avait une poule jaune avec qui elle s'entendait admirablement. Elles se parlaient l'une à l'autre et, si cela plaide en faveur de la vraisemblance, il convient de noter que la poule l'a débarrassée plusieurs fois de soucis ponctuels. Je n'entre pas dans les détails parce que je sais que ma grand-mère – qui n'a jamais eu aucun rapport avec des forces de sorcellerie – n'aurait pas aimé que je révèle ici certaines choses.*

*2<sup>ème</sup> – L'oncle Chico da Rocha, que l'on suspectait d'être atteint de capacités surnaturelles, dialoguait couramment avec un papillon rouge. L'entente entre les deux était parfaite. A tel point que l'oncle Chico, alors qu'il présageait sa propre fin, avait préféré mourir en compagnie du papillon dans un champ de luzerne attendant de fleurir, que de mourir dans son lit, aux côtés de sa femme, comme on pouvait s'y attendre.*



3<sup>ème</sup> - La tante Anica – la seule que j’ai connue qui n’était pas de Loulé – vivait avec un chat au poil gris, engraisé de rats et de souris, fainéant, sournois, félin, mais excessivement affectueux envers sa maîtresse. Tous les matins, le voisinage assistait à une scène incroyable : la tante Anica se montrait à son balcon en pierre et appelait Voleur. (Pourquoi ce nom ? Je ne sais pas !) Et lui, obligeant, le voilà qui arrivait auprès de la tante Anica, en sautant par-dessus murs et potagers. Ce qu’ils se disaient l’un à l’autre, personne ne le sait non plus. On voyait le chat bouger la tête, remuer la queue et repartir. Où allait-il ? Là, les opinions se polypartageaient et se mystérisaient. Des incongruités...

4<sup>ème</sup> - Ma tante Glória (que Dieu l’ait exactement dans sa sainte gloire !) est aussi devenue célèbre grâce à sa Maraca – une petite chienne insignifiante et stérile qui mangeait des biscuits salés avec du thé. Ma sœur cadette surnommait Maraca : « la chienne en deuil », puisqu’elle prenait à tous les repas le menu des endeuillés. Mais, ce que je voulais dire c’est que, quand j’ai entendu ma tante raconter qu’elle parlait à Maraca comme Dieu parlait à ses anges, j’ai esquissé un sourire au sens douteux qu’elle a remarqué, avant de rougir et de me priver, le Noël suivant, de son cadeau – qui était celui que je souhaitais le plus avoir, car ma tante était généreuse et devinait mes goûts.

Outre ces quelques exemples, je peux en citer d’autres, presque tous à caractère religieux et qui prennent, donc, de ce fait, davantage d’ampleur.

Il semblerait que Dieu, à l’issue de l’acte de Création, convoqua tous les animaux pour vérifier s’ils se souvenaient encore du nom qu’Il leur avait donné. Par hasard, l’âne qui ne se rappelait pas le sien, se fit prévaloir de la grandeur de ses oreilles. C’est un serpent, la bouche en cœur, qui séduisit Ève. Mais, Daniel, dans la fosse aux lions, garda le silence. C’est Saint François d’Assise qui est allé plus loin : en plus de parler aux animaux, il parlait aussi à frère soleil, à sœur lune, à sœur eau, etc.... Saint Antoine trouva dans le jardin des délices, peuplé de porcs et de vaches, ses tentations. Il en tira le service et la protection de tous les animaux.

Cependant, ce n’est pas seulement dans le domaine de l’hagiographie que les animaux figurent parmi les êtres parlants. Rappelez-vous le Petit Chaperon Rouge, Alice au Pays des Merveilles, le Chat Botté et tant d’autres héros de tant d’autres histoires qui, sous prétexte qu’elles s’adressent aux enfants, ne doivent pas être sous-

*estimées. L'imagination est toujours conditionnée par la réalité et il s'ensuit la crédibilité que de telles histoires méritent. Tout n'est peut-être pas vrai, mais ça le pourrait bien. D'ailleurs: si les histoires que l'on raconte aux enfants étaient absolument invraisemblables, les adultes feraient mieux d'apprendre que l'on n'enseigne pas le mensonge aux enfants et que, en ce sens, on ne joue pas avec eux. Mais, prenez ce cri du cœur comme une simple opinion – très personnelle par ailleurs.*

*Or, tout cela vient à propos – tout à fait à propos – de cette Bourrique Noire, dont je vais égrener la biographie (je doute de la propriété du terme) malgré la crainte raisonnable de ne pas avoir suffisamment de cran pour sillonner, les dents serrés, un parcours de la taille des caleçons où les rêves d'enfance se déposent comme des sédiments. Mais c'est justement ce dont je me sers, puis j'ai tout mon temps. Et, dès à présent, je veux exprimer deux ou trois idées. Mi-homme, mi-animal, Bourrique Noire est, sans doute, un signe johannique des temps. Elle se situe entre l'irrationnel et le rationnel, en vivant au dépend de surpassements successifs de rationalité. C'est en partant de cette composante biopsychique que Bourrique Noire doit être perçue, car c'est dans son tourment inappréciable et incroyable qui consiste à être homme et animal qu'elle révèle sa génialité par sa façon de réfléchir, puis d'oublier.*

*Une « ânesse » qui parle – donc un animal qui parle. Elle vit, ainsi, dans le monde surréaliste évoqué ici, sans toutefois prétendre trouver une quelconque excuse pour justifier son existence. Pas du tout. Bourrique Noire a existé et j'assume l'éternelle responsabilité de cette affirmation. Si j'ai dépouillé, bien que de façon succincte, le panorama historique des animaux parlants, ce fut davantage pour la situer dans le contexte général de l'Histoire que pour essayer de prouver la possibilité qu'une « ânesse » a de parler. Naturellement, je pourrai compter sur les enfants, surtout. Eux, qui, dans leur perception du monde, admettent tout et assument, sans déductions mirobolantes et en s'y conformant, la simplicité des choses simples. Et une « ânesse » qui parle est, en fin de comptes, un fait très simple. Il suffit qu'il y ait une sorte de bonne volonté.*

*Toujours au sujet de Bourrique Noire – qui s'est sauvée d'une condamnation charismatique qui est, après tout, la fatalité d'être îlien (cette thèse est trop pessimiste, mais elle n'en garde pas moins un grand fond de vérité) – je dirai toute sa vie possible, puisque dans ma fonction de scribe-chroniqueur aucun autre plaisir ne m'occupera*

*prochainement. Bourrique Noire sera ce soulagement de poche, le fleuve qui coule dans mon corps et où je baignerai les projets et les idées, comme un ingénieur nocturne et insulaire, assis sur la pierre du temps qui passe.*

*Je suis en novembre 1978. Quand j'aurai fini, ce sera fini. Bourrique Noire précède largement tout cela. Très largement ? Très peu. Presque rien. Vraiment rien.*

## I

*Et la fumée de leur tourment monte  
aux siècles des siècles*

Apocalypse, 14, 11

Ils étaient plus d'une cinquantaine – hommes, femmes et enfants – et ils arrivaient tour à tour, par groupement familial, chez l'oncle Joaquim Maúrcia, marié de longue date avec la tante Clementina, à qui incombait d'exécuter le rituel du couronnement en ce sixième dimanche du Saint-Esprit. Leur maison de deux étages, flanquée d'une annexe, était devenue, ce jour-là, trop petite pour héberger autant de monde. De plus, la salle de réception avait été envahi par l'autel (décoré par des dentelles, du papier crêpe et des fleurs) où la couronne du Divin était solennellement intronisée. Dans les meubles des autres divisions, on avait entassé toute la nourriture: les fournées de pain maison et de cette sorte de brioche appelée *massa sovada*; les viandes aussi (cuites et en ragoût, l'*alcatra*) et les *brindeiras* des innocents, des petits pains sucrés que l'on donne aux enfants. L'annexe, de son côté, était réservée pour les tables de la *função*, le repas festif de ce jour sacré. Par conséquent, ce n'était pas surprenant que seules les femmes, estampées sur leurs robes en coton et en soie, osassent monter jusqu'au balcon, au pied du drapeau hissé et entouré de pittospore ondulé, pour profiter du confort de quelque chaise éventuellement disponible. Les hommes, revêtus de polyester venu d'Amérique, cravate et chapeau, restaient dans la rue, à l'ombre, tandis que les enfants, qui avaient déjà oublié les mises en garde pour ne pas salir leurs vêtements et ne pas abîmer leurs chaussures, préféraient s'adonner à leurs mondes d'amitié et d'espiègleries. Et tous laissaient transparaître un air joyeusement grave, comme celui qui dort sans craindre la mort. C'était bien le minimum. Un couronnement du Saint-Esprit ce n'est pas seulement ce qui se mange et ce qui se boit, ce n'est pas seulement la fête avec ses fusées et ses rencontres amoureuses. C'est aussi une dévotion, surtout celle qui jaillit de la cérémonie dans l'église, héritée de la foi et léguée de génération en génération, du berceau jusqu'à la sépulture. Le Saint-Esprit avait toujours été leur Dieu Majeur, le plus attentif à tous leurs tourments, toutes ces maladies du corps et de la poitrine, c'est lui qui apaisait toutes les crises – les crises sismiques, les sécheresses ou même les tempêtes cycloniques.

Quand l'oncle Joaquim vit tous les invités ensemble (ses proches et ses voisins) il commença à distribuer des couronnes, des drapeaux, des verges, des torches et des bâtons à tous ceux qu'il daignait honorer de ces insignes, tout en formant deux rangs — les femmes devant et les hommes derrière — ; les drapeaux ouvraient le cortège et les couronnes fermaient la marche. Puis ils partirent en direction de l'église, en chantant *Je Vous Salue, Marie*, une mélodie provenant des confins des temps et de la mémoire, mais toujours vivante dans leur poitrine. A la queue du cortège, l'oncle Joaquim serrait les lèvres d'un effort masqué, en accentuant plus encore les rides de ses quasi soixante-dix ans. Il était triste, triste, si triste. C'était une tristesse qui se voyait, qu'on pouvait même toucher. Les convives la justifiaient par l'absence de ses deux fils établis à Tulare en Californie. Ils n'avaient pu venir au couronnement et être là c'était une joie rituelle pour ces moments si solennels. En cette matinée ensoleillée, alors que le mois de mai avait déjà fait fleurir des marguerites sur les bas-côtés, j'étais le seul, dédaigneux et fier de porter une couronne aux côtés de l'oncle Joaquim, à savoir que cette tristesse-là n'avait rien à voir avec le manque permanent de ses enfants. J'étais le seul à connaître ce glas qui lui sonnait dans l'âme; ce venin enraciné dans son cœur qui n'était pas mortel mais qui était capable d'entretenir la douleur comme de l'huile d'olive dans la lampe du diable. Seuls le couple Maúrcia et moi savions que le couronnement du sixième dimanche du Saint-Esprit n'était pas le fruit du hasard d'un tirage au sort entre « confrères », mais le respect d'une promesse qui advenait de l'agonie et de l'issue brutale dont avait été victime une insignifiante « ânesse » au poil foncé qui portait le nom insipide de Bourrique Noire.

Six mois s'étaient déjà écoulés depuis le jour où Jacinto, à la demande de l'oncle Joaquim, appuya sur la détente de son fusil à deux canons sur la tête de Bourrique Noire qui tomba, sans un hennissement, dans la fosse ouverte au milieu des terres buissonneuses de Relvinha, en nous transperçant l'âme de son regard stupéfait et désolé.

Quel chapelet mal récité : « Je vous salue Marie, pleine de grâce... Qui sait ce qu'ils vont faire maintenant ?... Vous êtes bénie entre toutes les femmes... » / « Et si tu allais à la police raconter ce qui s'est passé ? Sainte Marie, Mère de Dieu... » / « Ça sert à rien. Tu crois que la police s'intéresse à ce qui s'est passé... » / « Priez pour nous, pauvres pécheurs, Maintenant, et à l'heure... » / « Puis il n'y a que des bourgeois alors

nous... Ils se protègent tous sous la même cape... » / « À l'heure de notre mort... » / « Pauvre Bourrique Noire !... Amen, Jésus. » Le couple Maúrsa était décidé. Ils feraient tuer l'« ânesse ». Ils allaient le faire le cœur froissé, la tendresse linceulée sous le froid de cette nuit de novembre – le mois des âmes et des chrysanthèmes, le mois des cloches que le vent et les pleurs font retentir. Et si le Divin Saint-Esprit couvrait, sous la robe de son silence, la mort de Bourrique Noire, ils consacraient un dimanche de couronnement à la distribution de viande en aumône aux pauvres et à leurs proches, de la *função* aux invités et des *brindeiras* aux innocents.

Après quarante ans de vie commune, le couple Maúrsa affrontait la nuit la plus angoissante de toute leur vie. Et même toute la misère qu'ils avaient endurée à l'époque où ils élevèrent leurs enfants ne pouvait se comparer en termes de souffrance à ce stupide incident qui les jeta dans les bouches du village, toujours avides de petits riens avec lesquels elles donnaient du mou au quotidien, transformés en scandales capables de déplacer des montagnes ou de s'assujettir à toutes les pierres qui vous entraînent jusqu'au plus profond des abîmes.

Je rencontrai l'oncle Joaquim, à la tombée du jour, auprès de la fontaine de la Preza. Il conduisait Bourrique Noire par la longe et il marchait lentement, très lentement... — trop lentement pour permettre de supporter, avec une telle indifférence, cette pluie éternuante qui, bientôt, les mouillerait jusqu'à la moelle des os. « Bonsoir, oncle Joaquim. », dis-je. Mais il continua sa marche sans réponse, maladivement replié sur lui-même, ce qui me poussa à m'arrêter, puis à me retourner. « Oncle Joaquim, bonsoir ! Vous allez bien ? » Il me regarda en affichant la fatigue la plus triste de novembre et, comme s'il revenait d'un long et profond voyage, il répondit : « Je ne vais pas bien du tout, mon ami ! » / « Qu'avez-vous, oncle Joaquim ? Voulez-vous rentrer chez tante Amélia pour vous reposer ? » / « Je ne suis pas fatigué. Je me sens plutôt vidé... » Alors, je me suis rendu compte du tremblement dans sa voix et de ce filet d'eau qui coulait en suivant le parcours exact des rides sur son visage. Je me mis à ses côtés. Je ne lui posai plus de questions et je le laissai livré à cette désolation inconnue.

« Tu as fait demi-tour ! », observa-t-il. / « Oui. J'allais au bistrot mais, par ce temps-là, il vaut mieux aller retrouver les draps de son lit... » Mensonge. Je frémis à l'idée d'un petit jeu de cartes bien arrosé à l'eau-de-vie du terroir, au bistrot de l'oncle

Mateus, là-bas, juste en face de l'église où on m'avait baptisé et où j'avais reçu tous les autres sacrements possibles. Tous les soirs, sous la tempête ou sous le plus grand calme, j'étais là, fidèle comme un pèlerin pénitent ou comme une *caspeada*, une sorte de gâteau d'âme flamand, dans un bol de lait. J'avais cette habitude tellement enracinée dans la peau que, malgré l'odeur constante de pisserie et de sueur qui planait dans le bistrot, je ne perdais aucune veillée ni ma place à la table des jeux.

« Tu sais déjà ce qui m'est arrivé aujourd'hui ? », me demanda l'oncle Joaquim. / « Non, mon oncle ! » / Silences. / « Et je peux le savoir ? » / « Chez toi personne ne t'a rien dit ? » / « Au sujet de l'oncle Joaquim, non ! » / « Apparemment, tu n'étais pas là lors de l'assemblée sur la place... » / « Moi ?! Oncle Joaquim, au début j'étais toujours là. Mais, aujourd'hui, j'ignore tout simplement ces rassemblements. Ils disent tous la même chose... », dis-je ironiquement sans humour. / « C'est ça. Ils sont tous pareils... » Et le silence se posa jusqu'à la clôture de l'étable où Bourrique Noire passait ses nuits.

« Bourrique Noire a les oreilles baissées. Est-elle malade ? », demandai-je en réfléchissant à partir. / « Oui. Elle est malade ! » Et j'entendis, une nouvelle fois, cette commotion dans la voix. Plus sombre et plus pluvieux, je devinai à peine ses larmes. / « Il faut que je te parle ! », ajouta-t-il. « Rentre avant que tu ne sois trempé... »

J'entrai par la cuisine, ce qui m'était permis par notre degré d'intimité. Je dis bonne nuit, désinvolte, à tante Clementina et ce n'est qu'à ce moment-là que je remarquai son allure. Elle était assise sur la vieille estrade en cèdre, son mouchoir froissé dans les mains, recroquevillée comme le tronc d'un châtaigner, ses yeux comme si elle avait pleuré jusqu'à n'en plus pouvoir ; un sanglot vulgaire s'échappait encore de sa poitrine, anémique mais pertinent, une goutte d'eau pressée de la fontaine en période de sécheresse. L'oncle Joaquim rentra. Ils se regardèrent l'un à travers l'autre et les digues du cœur se rompirent en versant leur douleur à travers les déservoirs des yeux. Ils ne m'ont pas laissé comprendre ce qui se passait. Naufragé sans planche de salut, je m'assis sur le banc qui, en l'occurrence, se trouvait là alors que l'oncle Joaquim s'installa sur le tabouret où il se lavait les pieds.

« Que vas-tu faire maintenant ? », demanda la tante Clementina. / « Tuer Bourrique Noire ! », déclara l'oncle Joaquim en guise de sentence. Mon âme n'en croyait pas ses oreilles, comme si les démons de la catéchèse de mon enfance m'eussent entraîné à travers un labyrinthe obscur, dont la destination était, irrémédiablement,

l'enfer. « Pourquoi tuer Bourrique Noire ? », alors que quasiment tout le monde l'appréciait sans réticences et que le couple Maúrça l'aimait comme leur propre fille. Leur entente avec l'« ânesse » était parfaite. Seules les mauvaises langues, pendant les heures mesquines de lessive et d'emplètes, avaient inventé des histoires de sorcellerie et d'âmes réincarnées, en utilisant des arguments sans consistance et en remuant, de manière creuse, des passés recouverts depuis longtemps par la poussière de l'ignorance. Tout ça, finalement, n'était que la façon de réinventer cette monotonie ruralissime de la vie qui confère aux exceptions la luminosité du phénomène. Non. Je ne pouvais croire en cette sentence dépourvue de sens, mouillée de larmes, prononcée sans conviction, comme si l'on savait qu'on accusait un innocent. « Tuer Bourrique Noire ?! », murmurai-je effrayé. / « J'en ai déjà parlé à Jacinto. Tôt demain matin, on ira dans les terres de Relvinha et il emmènera son fusil. » / « Pourquoi ? », criai-je presque.

L'oncle Joaquim me raconta, alors, ce qui s'était passé avec Bourrique Noire ce dimanche matin, pendant l'assemblée sur la place et qui était si vite devenu un scandale digne de pierre au cou, comme l'ordonne l'Évangile en de pareils cas. Je me levai, poussé par la rage et par l'effroi et je pense que, entre larmes et rires, j'hurlai en sortant : « Je n'aurais pas tué Bourrique Noire à cause de ça ! Moi, oncle Joaquim..., je l'aurais mise sur un autel ! » / « Moi aussi, mon ami ! Moi aussi ! Mais je ne peux pas ! », me cria-t-il déjà à la porte, avec la douleur de celui qui voit partir la dernière part de foi de son armoire d'espérance.

Pour dire vrai, je n'ai pas réussi à dormir cette nuit-là. J'ai su que le couple Maúrça non plus. Mais, tandis que l'oncle Joaquim et la tante Clementina avaient gardé leur douleur dans le Saint-Esprit, en l'enveloppant sous une couverture de silence et d'oubli, j'ai empoigné ma rage par les cheveux et je me suis proposé de parcourir tout l'itinéraire possible de Bourrique Noire, sans tenir compte des distances ou des difficultés. J'ai fini par me retrouver dans un village paisible de l'île de Pico – berceau de cette « ânesse » qui, pour moi, était le dernier symbole de la résistance insulaire. Elle représentait le courage majeur (elle serait même la mère de tous les courages), l'héroïne très attachée à sa propre liberté, la grande sœur de ma foi vaincue, une montagne inaccessible pour les corruptions à la mode. Comme un chien, j'ai reniflé tout son passé. Et toujours, toujours, je l'ai toujours vu à mes côtés, jumelle de mon âme et de ma vie.



Je suis ainsi devenu chroniqueur, chevalier errant de cette table maritime et j'ai chevauché champs et vagues. Du sillage à la conque, de l'hortensia à la voile, du mur à l'étoile, j'ai fouillé le passé de Bourrique Noire de manière à le rendre limpide et clair comme un nuage accroché à l'horizon de l'été. Et ne me prenez pas pour quichotte. Je suis de ceux qui préfèrent la liberté toute nue, telle une femme bleue qui vogue la nuit dans les sables mouvants du rêve.

Je continue à déposer des hortensias à l'endroit où Bourrique Noire fut enterrée. Dans cet hommage, je me vois déposer des fleurs sur ma propre tombe. Donc, ce n'est pas étonnant si j'ai pris un stylo et du papier et si j'ai promis, à moi-même, de léguer, à la postérité, la vie et les actes de Bourrique Noire. Au beau milieu de la feuille, avec émotion, j'ai écrit :

BOURRIQUE NOIRE

avec une larme !

## II

*Je suis l'Alpha et l'Oméga, le commencement et la fin.  
Ne crains point ! Je suis le premier et le dernier.*

Apocalypse, 1, 8, 17

La naissance de Bourrique Noire ne fut pas un succès. Prédestinée au malheur, la vie lui sourit vaguement. C'était une « ânesse » - donc héréditairement résignée, car la vie d'une « ânesse » ne va pas au-delà de la charrue, quelle que soit la beauté du chemin parcouru. De plus, en tant qu'« ânesse » des îles, ses pattes eurent toujours du mal à s'appuyer au sol, qui ne permet même pas de galoper comme il faut, si petites qu'elles étaient dans leurs formes presque rondes. Et courir en rond, même au trot, cela fatigue, cela ennuie et, surtout, cela étourdit. Mais, les maux d'une « ânesse » sont toujours des maux tordus et, qu'elles vivent dans un grand ou dans un petit territoire, leur unique fonction sera bête de charge, telle a toujours été leur destinée.

Bourrique Noire ne fut pas une exception. Outre sa destinée, elle accepta également l'insularité avec la même philosophie humaine et décantée qu'elle employait pour mâcher sa ration de foin. Circuler et s'arrêter invariablement au même endroit c'était son quotidien coutumier. Toutefois, en termes de voyages elle fut assez favorisée. Elle connut trois îles, avec deux déplacements en bateau inoubliables, ce qui la transforma en une singulière trotteuse de l'atlantique, en une sorte de marin ad hoc par manque d'un minimum de vocation maritime. Ce n'est pas pour si peu que Bourrique Noire mérite un monument. Mais, sachons qu'elle n'était pas coupable de cette condition préalable de toutes les « ânesses », elle qui n'avait même pas connaissance de l'existence de la ligue protectrice des animaux.

Si aucun homme, réduit à sa condition de spermatozoïde, le plus intelligent qu'il soit, ne choisit son ovule, son fœtus ou son berceau, il en revient le même sort aux autres animaux qui de surcroît possèdent la non rationalité comme excuse. Il peut aussi bien naître dans le domaine d'un propriétaire fortuné, ayant droit à l'assistance vétérinaire, que dans la hutte d'un quelconque charretier pauvre ou dans le moulin d'un petit laboureur, croulant sous les dettes, sans les soins d'une sage-femme et sans autre soutien que la volonté maternelle d'expulser le fils de son ventre. Et c'est ainsi que

Bourrique Noire, en sa qualité de créature non née, ne pouvant choisir ni le lieu de sa naissance, ni le berceau, a fini par naître d'un acte quasi inanimal.

En vérité, elle était le fruit d'un péché intempestif, irrémédiablement irréparable en son essence et en tout ce que celle-ci a de déterminant pour l'avenir. Le stigmate issu de l'acte interdit entraîne un traumatisme qui se colle au fruit, comme c'est le cas pour les enfants qui, étant nés dans un foyer sacramentellement légalisé, ont toutefois été engendrés à un des moments les plus aboutis des fiançailles : la mère de la fiancée qui s'absente, délibérément ou pas, pour rendre visite à quelqu'un en toute convenance ; le garçon s'aperçoit de l'absence, a la gaule, prend la main de la fille et la pose sur sa braguette ; et elle se laisse faire agréablement contrariée. Ils agissent, ensuite, avec une complicité réciproque – technique primitive, affolée, rapide, mais efficace. Des baisers éclatent au hasard sur les yeux, le nez et puis se collent à la bouche les langues sucées jusqu'à l'âme. Simultanément, les mains parcourent le corps comme si elles étaient des détecteurs de mines, saisissant tout ce qu'elles peuvent dans un désir semé d'intentions. Comme par enchantement, les boutons quittent nerveusement la braguette, la jupe monte, le caleçon descend et relâche la verge juteuse qui, avide et turbulente, pénètre, tel un véritable couteau à cran d'arrêt, dans cette petite grotte à la chair tiède ourlée d'un plumage farouche. Et, des respirations secouées, confondues, rythmées, bruyamment électrisées, s'effondrent d'un « oh » aigu, infinie consolation. Du frémissement final naît une rivière de giclées impétueuses et porteuses d'hypothèses multiples de faire lever le ventre. Alors, la peur arrive, subitement, avec son énorme cauchemar et, en duo, on se pose la question fatidique qui accompagne la descente de la jupe, la montée du caleçon et le reboutonnage de la braguette : « Et maintenant ? »

Maintenant il faut se marier, car une graine lancée de telle façon germe mieux que le blé dans une assiette pour l'Enfant Jésus. Neuf mois plus tard, après un mariage matinal secret, le fruit rompt le cocon et cela donne un être vivant de plus sur terre. Mais cet enfant restera toujours dans la mémoire de tous (si ce n'est dans sa propre mémoire) comme quelque chose de suspect, non désiré, de honteux, et aussi ineffaçable qu'un tatouage.

Bourrique Noire résultait aussi de cette situation douteuse. Seulement, en tant qu'« ânesse », peu lui importaient certaines moralités de bon aloi. Néanmoins, elle conservait de petits préjugés, puisque la morale en dicte quelques uns et la vie, entre-

temps, se charge d'en ajouter d'autres et de tous les modifier. Pour elle, la morale c'était comme les vêtements : on doit les porter en fonction du froid, quand la chaleur est excessive on doit les enlever tous. (Ces longues parenthèses ont été ajoutées pour que l'on comprenne mieux la personnalité de Bourrique Noire). Etant une « ânesse », elle avait une personnalité forte et étrange – une personnalité qui, parce qu'elle était rare, lui coûta, tout au long de sa vie, des déboires de grande ampleur et peu de joies.

Et nous irons jusqu'aux origines de Bourrique Noire, dans leur version la plus vraisemblable, puisqu'en effet lorsqu'il s'agit de faits historiques nous nous devons d'employer la raison et la persistance, pour ne pas céder au plus facile, en écourtant les recherches ou en plissant les yeux pour ne pas en arriver au fond des problèmes. Je ne ferai pas partie de ceux-là. L'histoire est bourrée d'historiens qui souffrent de myopie mentale, qui touchent légèrement les faits par craintes diverses ou qui vendent la vérité afin qu'elle continue d'être ignorée et ne perturbe les consciences supérieures. Donc, je le répète : je ne ferai pas partie de ceux-là. J'ai frappé aux bonnes portes. J'ai bu aux meilleures sources. J'ai obtenu les informations les plus raisonnables.

L'oncle Joaquim de Terra do Pão — une toute petite bourgade au sud de l'île de Pico —, né et élevé là-bas, qui n'en est sorti ponctuellement que deux fois (une aventure de chasse à la baleine et une consultation médicale à Horta, sur l'île voisine de Faial), est un homme digne de respect et de considération, d'une seule parole et qui a la vérité dans sa manche chaque fois qu'il doit s'en servir. Il a parlé de Bourrique Noire en connaissance de cause, avec la réserve que le sujet exigeait et douter de lui c'est comme douter de Fernão Lopes<sup>1</sup> ou du mystère de la Trinité – ce qui est encore plus grave. C'est par l'oncle Joaquim que j'ai appris tout ce qui m'intéressait à propos des origines de Bourrique Noire.

Le samedi de la fête du Bon Jésus de São Mateus, l'oncle Joaquim — qui était encore un jeune garçon à la recherche d'une fille qui voudrait bien partager avec lui une éventuelle aventure amoureuse — alla de Terra do Pão jusqu'à São Mateus (à peine quelques kilomètres que certains parcouraient à pied sans se fatiguer), monté sur son « ânesse » au poil foncé, pour le bal du soir, vivre des amourettes et siroter avec ses amis ; ces fêtes rassemblent aujourd'hui encore beaucoup de gens et créent des engagements. D'autres amis sont arrivés ensemble, sur leurs chevaux et leurs

« ânesses », car, en groupe, le déplacement devenait plus court et, surtout, plus amusant grâce aux conversations pleines de sous-entendus et aux boutades directes, percutantes et drôles. A cause du Bon Jésus, ou plutôt, à cause du bal du Bon Jésus, le destin de Bourrique Noire – nom sans baptême mais qui a toujours été le sien – fut stellaiement tracé. Le reste se déroula simplement, même si de façon imprévue. L'oncle Joaquim, qui était loin de comprendre ce qu'était la grossesse animale, s'est fort inquiété avant de savoir ce qui arrivait à sa « petite ânesse ». Manuel – son compagnon d'aventure et maître de l'« âne » coupable de ce qui s'était passé – lui asséna sans cérémonies morales et contre ses préoccupations : « L'« ânesse », elle est pleine ! » / « Mais, comment ?, si je ne l'ai jamais emmenée au mâle ? » / « Oh !, des fois, ils sautent ! »

Et c'était vrai. Il y avait eu un bond. Non pas de l'« ânesse », mais de l'« âne » - ce qui revenait au même. Tout avait été très simple, comme pour les fiancés : les boutons de la braguette exclus de la boutonnrière, la jupe en haut, le caleçon en bas, la verge dehors et raide, l'entrée dans la grotte, le cri et le reste. Seulement, cette fois, il n'y a pas eu de fiançailles et il n'y a pas eu le problème du « et maintenant ? ». Pour eux, des « ânes », tout était plus simple. Leurs maîtres (un « âne », discrédit de la création, est toujours la propriété de quelqu'un) leur ont rendu la vie facile. Ils les avaient laissés dans un petit enclos, qui était situé sous le nez du bal où ils cohabitaient avec des veaux et des poules, attachés par la longe aux barreaux de la clôture et en sécurité, bien loin l'un de l'autre. L'oncle Joaquim a dit qu'ils étaient même à l'extrême opposé, chacun attaché à sa clôture, l'une donnant sur le chemin et l'autre sur la maison du propriétaire de l'enclos. (« À propos – souligna l'oncle Joaquim -, j'ai appris à dire propriétaire après le 25 avril 1974, le jour de la Révolution, que Dieu la porte sur ses genoux ! »). Fatigant ce gentil homme qui, bien qu'il ne se mouche pas avec un mouchoir, ne nous permettait jamais d'entrevoir quelle était sa couleur politique. Tantôt, il se prenait pour un progressiste capable d'estomper des partis communistes entiers ; tantôt, il devenait un réactionnaire à tel point qu'il humiliait n'importe quel fasciste. Il était peut-être les deux choses en même temps par besoin. En politique, on ne sait jamais si c'est à droite ou à gauche que plane un peu d'honnêteté. Heureusement pour moi, Bourrique Noire a toujours été beaucoup plus définie. Noir c'était noir et blanc c'était blanc. Mais, je parlais des géniteurs de Bourrique Noire et ce détour est non seulement douteux mais aussi de mauvais goût. Il faut maintenir, avec sang-froid, la

chronologie des faits. Ne pas compliquer, par fausse vocation détectivesque ou littéraire, ce qu'il importe de révéler et de relever. Sinon, personne ne tiendra le fil du récit, disparu dans la marée haute de l'océan de la patience.

Comme nous le vîmes auparavant, l'« ânesse » de l'oncle Joaquim et son ami l'« âne » — sans vilain jeu de mots ! — furent attachés aux clôtures d'un enclos. Les maîtres se mêlèrent au bal, au rythme de la fanfare sous la lumière des petites lampes, pour boire un verre de vin, manger de l'igname avec de la *linguiça*, le saucisson du terroir local et, si possible, frotter la braguette contre le derrière d'une fille quelconque prise (ou pas) au dépourvu — acte qui suffit pour avoir une trique suivie d'une branlette derrière le premier buisson sombre. Donc, les géniteurs de Bourrique Noire étaient livrés à leur fausse solitude, enveloppés au loin par les accords pénibles de la fanfare, et la stupeur du claquement des pétards, sans paille ou herbe qui puisse distraire leurs sens. Et ce fut un morceau de musique régionale, au rythme attristant et évocatoire de romantismes démodés, que la fanfare interpréta avec plus de soin et de justesse, qui fit émerger chez eux des sentiments dissimulés et qui assouplit le respect que seuls les « ânes » savent entretenir. La musique, mélangée à une secrétissime arôme de reine-marguerite et de houle, assourdie par un ciel noir, très bas, nuancé d'étoiles aussi brillantes que des paillettes, les a bouleversés à tel point qu'ils ont laissé s'échapper, à voix haute, leurs désirs. L'« ânesse » de l'oncle Joaquim secoua la crinière et soupira et l'« âne » de Manuel comprit, du premier coup, le message de ce tressaillement de harnais. Avec un hennissement de tendresse, il fit un bond, détacha les rênes et fonça sur l'« ânesse ». Au début, celle-ci se cacha sous une réserve de timidité et d'embarras. Elle était vierge et avait déjà entendu des histoires ahurissantes sur les dangers d'une virginité mal perdue. Mais, cette odeur dans l'air, cette musique et ce désarroi dans l'aine étaient plus persuasifs que la force de la pudeur. Puis, le déhanchement de ce mâle, les mouvements de sa langue, d'abord à hauteur du museau puis qui redescendait aussitôt, en faisant des haltes patientes et judicieuses sur les points névralgiquement sensibles, jusqu'à en arriver à son bas-ventre. « Ah, il sait vraiment comment s'y prendre ! », pensa-t-elle.

Quand il ressentit qu'elle était réceptive, sans crainte et sans préjugés, il la chevaucha et la pénétra jubilant, comme un vrai mâle de race pure. Elle, pour sa part, émue de commencer à vivre, se détendit assouvie. La fanfare aborda un « ordinaire »

fortissimo, où les cymbales et les tambours exprimaient une joie furieuse. L'« ânesse » ne se doutait pas encore que, quelques mois plus tard, elle éprouverait ces impressions constantes de ventre plein. Son instinct, par contre, l'avertit que quelque chose de merveilleux allait lui arriver. A partir de cet instant, Bourrique Noire avait commencé à exister.

L'« ânesse » de l'oncle Joaquim était devenue mère. Elle avait accouché de Bourrique Noire, en passant par toutes les douleurs, dans un pâturage sans fleurs. Seule. Alors que la nuit sombre lui créait des hantises, elle eut son petit entre angoisse et tendresse, sans que la main du maître lui vienne en aide ou, encore moins, celle d'un vétérinaire. C'était comme ça que les enfants naissaient sur les îles (quelques uns, sans doute, naîtront encore), car les maternités, malgré leur ancienneté, sont d'usage récent.

Le matin, quand l'oncle Joaquim arriva au pâturage, il fut confronté à sa nouvelle et petite « propriété ». Jalouse et sûre d'elle-même, l'« ânesse » fit comprendre à l'oncle Joaquim que son instinct de mère marchait bien et que, même en cas de guerre, c'est-à-dire, au cas où on voudrait lui extorquer sa fille, il y aurait un vrai combat. Pendant ce temps, Bourrique Noire tétait. Insouciant.

Pourquoi Bourrique Noire ? Pour des raisons évidentes. Le poil, encore mouillé par les lèchements de sa mère, était d'un noir plutôt louche. Quand il la vit, l'oncle Joaquim l'appela tout de suite Bourrique Noire.

Mais, qu'importe le nom ? Une bonne enfance lui aurait été plus bénéfique. Cependant, les « ânes » sont comme les pauvres : travailler, travailler, travailler, être mal payé et ne pas rouspéter car il y a toujours un pauvre pour en remplacer un autre à tour de rôle. Bourrique Noire, la mamelle rien que pour elle, ne savait pas encore combien la vie était dure, elle ne savait pas non plus que, du lever au coucher du soleil, elle ne ferait rien d'autre que de porter sur son dos, porter sans même comprendre le contenu de la charge.

Les mois se sont écoulés. Ils ont formé une année. Bourrique Noire était devenue grandelette, bien galbée, le poil foncé et brillant. Elle n'était pas d'une jolieesse capable d'émerveiller son petit monde équidé, mais les « bourricots » du village admiraient déjà la finesse de ses chevilles, ses jambes raides, nerveuses et rondelettes, son corps qui se paraît des derniers ornements. Mais, elle, motus ! Pourtant elle devinait

leur pensée. Elle les refoulait sans un regard, un sourire ou un geste qui aurait entretenu un maigre espoir d'amour.

Aux côtés de sa mère, Bourrique Noire trouvait toujours de quoi s'occuper en chemin. En fait, elle était encline à de longues méditations (il faut toujours redouter les méditations d'un « âne »), elle s'intéressait au paysage, fascinée par la couleur noire de la lave brûlée, le vert des vignobles, des pâturages, des figuiers, des pittosporos ondulés et le bleu des hortensias. Toutefois, ce qui la séduisait sans réserve c'était l'immensité de la mer et ce qui se trouvait au milieu ou au-delà de la mer, comme cette tache là-bas au fond, verte foncée, l'île de São Jorge, très allongée et élégante. « La mer !, la mer bleue, sérénissime... ! Et pourquoi se met-elle tant de fois en colère et devient grise ?! » Bourrique Noire ne regardait jamais le ciel. Un « âne » ne se livre pas au mysticisme des hauteurs. Sa tête entraînait en ébullition à cause de rêveries incongrues. Tantôt c'était une « ânesse » joyeuse ; tantôt une « ânesse » triste. C'était vraiment une Açoréenne de souche : imprévisible et bizarre.

Bourrique Noire – grandelette, son corps atteignant sa taille définitive – était vraiment intelligente. Et cela ne vaut pas la peine d'invoquer l'imprécation de ce que pourrait signifier avoir une tête d'« âne ». Si seulement certains hommes possédaient une cervelle aussi noble que celle de Bourrique Noire. En outre, elle avait une manière bien à elle d'envisager la vie et elle portait un regard réprobateur sur sa mère chaque fois qu'elle la voyait être dominée par des résignations déraisonnables ou par des attitudes qui étaient vraiment d'un « âne ».

L'oncle Joaquim, même s'il était doux comme un lit après un jour de fatigue, sortait quelquefois hors de ses gonds et il frappait la pauvre « mère ânesse ». Une fois, il l'a fait avec tellement de rage que la pauvre a perdu son appétit pendant une semaine et ne consentait plus qu'on lui charge le dos. Bourrique Noire avait assisté à cette scène de furie avec la pire des impuissances. En silence et abasourdie, elle laissa croître toute la haine de l'âme. Elle eut envie de fuir même sans savoir où aller. Mais, après, l'oncle Joaquim est retombé dans sa bonté, il a soigné la mère avec une nourriture améliorée et une ration renforcée. Comment une « ânesse » pourrait-elle bien comprendre les hommes. Elle trouvait que même entre eux ils se laissaient dominer par des comportements étranges. Elle cherchait à les comprendre, écoutant des conversations,



interprétant des habitudes, déchiffrant des attitudes. « Ils étaient très étranges les ânes à deux pattes ! » Seuls les plus petits prenaient sur elle un certain ascendant affectif. C'était envers les enfants qu'elle ressentait de l'amitié.

« Ah, l'école ! », soupirait Bourrique Noire quand, tous les matins, elle voyait passer des bandes d'enfants imprudents, leur cartable en tissu en bandoulière, se disputant bruyamment une toupie ou une estampe de catéchèse. Mais c'était une « ânesse ». Elle n'avait ni le droit à l'école ni à la catéchèse. Toutefois, malgré cette petite jalousie pénétrée d'un indétournable destin enveloppé d'analphabétisme, elle adorait tous ces petits garçons et toutes ces petites filles. Quant à Jorginho – la peau brune, les yeux noirs protégés par une longue paire de cils et un corps qui laissait deviner qu'il deviendrait un beau garçon – elle avait un béguin très spécial pour lui. Elle devinait quand il bavardait au loin, elle reconnaissait sa voix et aussitôt se penchait sur la clôture. Voilà qu'il arrivait, en dominant le groupe de sa voix fraîche (la voix de Jorginho lui rappelait toujours l'eau de la fontaine), fourré dans sa salopette déteinte en coton des Açores, qui avait un raccord récent sur les rondeurs du cul. (Aux îles, on appelle ce vêtement *alvarozes*, par influence probable de l'américain *overalls*). « Ce qu'il est beau aujourd'hui ! », déclarait Bourrique Noire. Et Jorginho, les bouclettes défaites par le vent, par sa taquinerie et par les sauts de ses pieds nus, ouvrait un énorme sourire aux dents blanches : « Salut, Bourrique Noire ! » Elle fondait de tendresse, la colonne vertébrale frissonnante d'émotion, et souhaitait que Jorginho soit le premier à lui sauter sur la croupe.

Mais, un jour, Jorginho est passé par la clôture et il n'a pas salué Bourrique Noire. Il marchait le visage tuméfié d'avoir tant pleuré et il ne l'a même pas regardée. Elle sentit le cœur s'arrêter de battre sous la pression de la tristesse. Pourquoi ?, se demanda-t-elle. En aiguisant les oreilles en baïonnette, elle comprit vite le pourquoi de cette indifférence. « C'était un drame, Grand Dieu ! Un drame de la taille d'un enfant ! » Il racontait à son groupe d'amis, à voix haute et sans fioritures, que le jour s'était levé chez lui sans une croûte de pain. Son père, assis au coin de l'estrade, était impuissant ; sa mère, toujours débordée, écrasait toutes les larmes avec la voix ; ses deux frères, plus jeunes que lui d'ailleurs, ne comprenaient pas ce qui se passait. Et lui, qui était sur le chemin de l'école, sans rien à manger. « Ah, si j'étais du pain... », se lamenta Bourrique Noire, en suivant Jorginho de son regard triste jusqu'à le perdre de

vue. Juste derrière lui, d'un pas frêle, trot d'« âne » efféminé, marchait le fiston du président du Village, un homme possédant de nombreuses propriétés à Terra do Pão et qui, de ce fait, justifiait les fonctions qu'il exerçait depuis longtemps – un poste qui lui avait été honorablement imposé par le Maire de l'époque de Vila de Madalena. Bourrique Noire ne savait pas ce qui l'énervait davantage chez le fils du président du Village: son air insouciant, avec sa mallette en cuir tanné et son goûter copieux; ou alors sa tenue grêle et trop grande, où sa tête pointait comme celle d'un poussin au cou frêle, couronnée par une frange à la raie rigoureuse et collée avec de la brillantine ; ou bien cet individualisme si féminin et si cultivé qui le transformait en un bibelot qu'on a envie de laisser tomber pour qu'il se fracasse pour de bon. Il y eut des moments où ce sectarisme précoce dépassa la contenance naturelle de Bourrique Noire, alors elle le huait avec des hennissements de dédain en montrant son postérieur. Dieu merci, le fils du président du Village ne s'est jamais rendu compte de rien, car elle en est arrivée même à ignorer les limites de la décence. Un jour de mauvaise humeur, en plus d'un hennissement, elle a levé la queue bien haut et a déféqué une douzaine de « châtaignes » qui ont craché de la fumée pendant longtemps et offensé, âprement, les narines palmolivées du fiston du Président. Des réactions d'« ânesse », soit dit en passant. Toutefois, elle sentait qu'elle apaisait une part de sa colère, due à l'accumulation de biens de si peu de gens face à la misère d'un si grand nombre. On aurait dit, pour employer un langage contemporanément scientifique, que Bourrique Noire était une névrosée contestataire. A part ces toutes petites inconvenances, on ne lui connaissait aucun autre défaut. Elle n'avait pas de vertus à relever non plus. D'ailleurs, la vie qu'elle menait était semblable à l'enfance du petit Jésus : elle grandissait en sagesse. Mais elle ne s'est jamais égarée parmi les bourgeois.

Un jour (il y a toujours « un jour » quelconque dans la vie de tout le monde), un homme d'une quarantaine d'années est apparu chez l'oncle Joaquim et, après un court dialogue, il lui a mis dans la main des papiers en forme de billets de banque, a attaché Bourrique Noire par le cou et l'a emmenée sur la route. Elle, elle ne savait pas où on l'emmenait. Elle n'a jamais revu ni l'oncle Joaquim, ni Jorginho, ni le fiston du président du Village. On ne lui a même pas donné l'occasion de dire au revoir à « mère ânesse ». Pour le meilleur ou pour le pire, tout ce que Bourrique Noire devinait c'est qu'elle allait commencer un nouveau chapitre de sa vie.

### III

*Après cela, il faut qu'il soit délié pour un peu de temps.*

Apocalypse, 19, 3

Ce déménagement inattendu de Bourrique Noire fut marquant et décisif. Un monde nouveau s'ouvrit à elle au long du parcours Terra do Pão/São Roque, un parcours qui lui permit aussi de s'apercevoir combien son île était plus grande qu'elle ne le pensait. Ce furent des heures à petits pas, aux côtés de l'inconnu qui l'avait prise par la longe et l'avait menée jusqu'à la lointaine Vila de São Roque. Le lendemain, elle se réveilla dans sa nouvelle écurie, le corps pourtant si engourdi qu'il semblait avoir été criblé de coups. La marche avait été trop longue. Au premier coup d'œil, tout lui parut un cauchemar : les odeurs différentes, un autre endroit défini par une autre lumière, la mémoire sans repères exacts, les douleurs au corps. Pourtant, comme le moribond attisé par la vie, elle se rappelait la veille : une route étrangement infinie, bordée de maisons, de champs noirs de lave, les fameux *mistérios*<sup>2</sup>, de vignobles, de figuiers... Et le soleil. Pendant quelques heures, des braises de chaleur tombèrent délicatement sur la mer. « Serait-ce l'été ?, le printemps ?, l'automne ? » Peut-être l'été – un été açoréen où il ne fait ni chaud ni froid, parfait pour faire venir les touristes, comme on dit. C'était impressionnant – « vraiment très impressionnant ! » - comment cette énorme montagne mît un point d'honneur à l'accompagner (au début, de côté et, ensuite, derrière elle) au long de tout le parcours.

En revoyant ce voyage, Bourrique Noire se laissa vider de l'intérieur par cette fatigue universelle qu'elle sentait tomber individuellement sur elle – comme Fernando Pessoa, des années auparavant, avait eu sommeil<sup>3</sup>. Qu'on ne la dérangeât pas ; Qu'on la laissât tranquille, couchée, avec sa fatigue et son sommeil. Il est intéressant que, étant capable de se souvenir de son voyage jusqu'au plus exquis des détails, elle n'attirât pas sa mémoire sur « mère ânesse », l'oncle Joaquim, Jorginho, ou, par contradiction de liens affectifs, sur le fiston du président du Village. Il semblait que cette nostalgie ne la troublait pas. C'est peut-être pour cela que toutes les mémoires d'un « âne » sont toujours très étranges. Elles donnent l'impression d'oublier tout ce qui leur convient. Mais, cela n'a ni un caractère définitif ni aucune consistance. Dans le cas de Bourrique

Noire, il y avait de la fatigue – cette fatigue propre à ceux qui participent, pour la première fois, à la dépravation d'une orgie. Elle n'avait même pas faim.

Tout à coup, des pas. Quelqu'un ouvrit la porte de l'écurie et Bourrique Noire plissa aussitôt ses yeux gênée par la lumière qui l'inonda. L'homme qui l'avait amenée jusqu'ici entra accompagné d'une délégation qu'elle ignorait encore : « un, deux, trois, quatre ! » Elle dut oublier la fatigue et réactiver ses sens. « Que veulent-ils de moi ? » / « Bonjour ! », dit l'homme qui lui remplit aussitôt son auge de maïs. « Elle est encore jeunette ! », ajouta-t-il au groupe. « Mais elle va devenir une jument renversante ». Les autres hochèrent la tête. Bourrique Noire, cependant, afficha ses deux rangées de dents formant un sourire de mépris qui n'aboutit pas à un hennissement par crainte des conséquences. « Jument ? Moi ? ! » La fille d'un « âne » et d'une « ânesse » ne deviendra jamais une jument. Elle sera sûrement comme sa mère : bien taillée mais petite. Et même si son père avait une quelconque influence génétique, celle-ci se serait déjà diluée dans son corps. D'ailleurs, elle savait que son père n'était pas un « âne » qui pût épater qui que ce soit. « Et puis, ne croyez pas que je vais grandir beaucoup plus que ça. J'ai déjà deux années sur le dos. Ce qui peut m'arriver maintenant n'ira pas au-delà d'un façonnage. Et ne croyez pas que j'ai des complexes à cause de ça. Bon sang ne saurait mentir. C'est ce qu'on dit. Je me suis déjà accoutumée aux mouches. Je vais bien m'accoutumer à vous. Présentez-vous ! »

Bourrique Noire avait raison. Les gens civilisés agissent en tant que tels et vu qu'on a inventé les protocoles, il faut les respecter jusqu'au bout. Nous n'avons pas besoin de grandes formalités, mais un peu de politesse ne fait de mal à personne, même si c'est envers une « ânesse ».

L'oncle António Parente est le nouveau maître de Bourrique Noire, plus de quarante ans usés par le soleil et la pluie, marié avec la tante Ricardina, qui lui a donné quatre enfants mâles (en dépit de leur volonté d'avoir une fille), soignés et sains comme des pommes et tous en totale légalité matrimoniale. Mais les desseins de Dieu sont toujours un mystère et le couple, résigné à la Sainte Volonté, était bien content de ses quatre grands garçons, élevés et éduqués dans la saine discipline du travail, de l'honneur, du visage propre, de la bénédiction de tous les jours. Et s'il est vrai qu'ils avaient traversé une époque de pressions et de tourments économiques, le couple se

sentait maintenant récompensé par son comportement exemplaire et par quelques économies accumulées mensuellement ; celles-ci étaient le fruit d'un plus grand nombre de bras au travail, ce qui allégeait les dépenses et améliorait la garnison du lit et de la table.

Puisque c'était une maison aux maigres avoirs, les quatre fils se trouvaient au travail dans de différentes situations: l'aîné – José Joaquim (un mélange des deux grands-pères) – était journalier ; le cadet – João Manuel (nom d'un oncle qui était mort il y a de nombreuses années d'un mal de poitrine) – s'était attelé, avec son père, au labour des terres qui leur appartenaient ; le suivant Francisco David (en hommage à son parrain de baptême, qui avait été choisi pour sa générosité à une époque de grande contrainte financière chez l'oncle António) était salarié à l'épicerie du coin ; enfin, le benjamin António (le prénom du père et déjà treize ans), avait le rôle du berger et de jambe droite de sa mère. Paradoxalement, aucun n'avait été atteint par le virus de la mer – ce qui est rare chez les habitants de l'île, les *picarotos*. Pas étonnant, donc, que, malgré les difficultés qui se posent à quelqu'un qui vit exclusivement de son travail, la vie de l'oncle António Parente lui souriait aujourd'hui un peu plus qu'au temps où il éleva ses enfants. Alors, en conversation avec eux, il ouvrit les portes à une petite affaire, motivé par l'envie du profit mais, surtout, pour échapper à une espèce d'arnaque légale, qui est, du reste, la pire des arnaques planant sur terre. Il retirait d'une demi douzaine de vaches des gallons de lait que son fils benjamin emmenait tous les matins à l'écémage. Là-bas, à l'intérieur de l'engin manuel, la crème était extraite et on lui remettait le petit-lait avec lequel il engraisait le porc pour l'abattage annuel. Pour ces quelques grammes de crème, l'oncle António recevait en retard quelques escudos – que les gens de l'Usine de Produits Laitiers n'étaient jamais pressés de payer. Il décida de renoncer à l'écémage et de trouver quelques clients sûrs pour leur vendre le lait à l'état pur, au bol et à domicile, en gagnant vingt centimes de plus la pinte. Pour cela, il eut besoin de deux choses, d'une charrette et d'une jument.

Et voilà. N'étant pas une jument, ce fut ainsi que Bourrique Noire atterrit à la nouvelle écurie de l'oncle António, écurie improvisée dans la vieille grange où il entreposait les charrues, les grilles, les binettes et la nourriture du bétail pour l'hiver. Observée encore et encore par toute la famille (seule la tante Ricardina, trop occupée avec le déjeuner, ne s'est pas présentée pour la visite), Bourrique Noire pressentit que,

quelle que fût sa mission, elle allait bien s'entendre avec son nouveau maître. Et elle se sentit presque soulagée de sa fatigue quand elle entendit l'oncle Antônio dire à son fils benjamin : « Occupe-toi bien de Bourrique Noire. Ce sera ta partenaire pour de nombreuses journées. »

« De nombreuses journées... » C'était un espoir qui l'enorgueillit beaucoup ! Elle regarda Antônio Filho et devina qu'elle avait affaire à une personne bien élevée, calme – qui ne ressemblait en rien à l'oncle Joaquim qui soulageait ses colères sur la « mère ânesse ». Elle était comme ça : elle oubliait beaucoup de choses (à première vue importantes), mais il y en avait d'autres (surtout les mauvaises), qu'elle n'oubliait pas et qu'elle ne pardonnait pas non plus.

Ils sortirent rapidement de l'écurie. La vie les attendait à leurs postes. Avant de sortir, Antônio Filho lui caressa le dos, lui donna une petite tape sur la cuisse droite et ferma la porte. Elle se retrouva seule, une fois de plus, livrée à elle-même, pleine de curiosité et de nombreuses questions. Ce jour-là, ils ne retournèrent à l'écurie que pour remplir l'auge d'une nouvelle portion de maïs. Il faisait presque nuit. Dans l'air, il y avait une odeur de pain au four et de dahlias jaunes. Et cette fois-ci Bourrique Noire mangea d'un appétit enflammé.

Ce fut avec remous qu'on lui ouvrit l'écurie le lendemain matin. Antônio Filho, sautant de bonne humeur, lui servit le petit-déjeuner, lui caressa le visage, le dos et : « Bonjour, mon amie ! Il fait si beau ! On va faire une promenade verte ! » Bourrique Noire s'émut. Cela allait lui faire du bien de manger le soleil, les pâturages, la musique de l'air, se sentir relâchée. Elle ne voulait même plus manger toute la ration. « Mange tout, petite sotte, la vie n'est pas au gaspillage et on a besoin de toi en forme ! », ajouta Antônio Filho. « Amène l'« ânesse » dehors ! », dit une voix qu'elle ne connaissait pas. Elle tourna la tête pour voir qui osait la traiter de façon si légère, en employant seulement le nom de son espèce. C'était un visage étranger. Elle fut tout de suite embarrassée, troublée, sans savoir comment réagir. Mais, merveille des merveilles !, l'homme avait dans la main l'objet de ses rêves : deux paires de fers à cheval tout petits et brillants. Bourrique Noire se sentit une femme (j'allais dire : femelle) complète. En fait, c'étaient ses premiers fers à cheval et elle savait bien que ce n'était qu'après l'âge adulte que les « ânesses » pouvaient utiliser ces accessoires subtils, qui prêtaient à la

marche autant de prose et de finesse, surtout quand les sabots heurtaient le pavé. Sans mauvaises comparaisons, ce qu'elle ressentait c'était le même plaisir que celui de la jeune fille qui va mettre ses premières chaussures à talons hauts. Bourrique Noire était vraiment heureuse. Elle s'imaginait déjà, sur les chemins de Vila de São Roque, d'un cataclop-cataclop métallique au son brillant, à attirer l'attention des gens sur sa silhouette et à faire tourner la tête des « ânes » en âge de la prétendre. Si, à ce moment-là, António Filho avait sifflé ou si un oiseau avait chanté, Bourrique Noire aurait dansé. Elle ne réfléchit même pas que les fers à cheval allaient lui coûter cher à cause de ces longs clous enterrés jusqu'à la chaire molle des sabots. Elle tromperait les douleurs, comme le font les femmes pour certains traitements de beauté. Son intuition lui disait que l'esthétique ne capitule pas face à des frivolités et elle exige un paiement en souffrance.

Le maréchal-ferrant fit un travail parfait. Bourrique Noire, pour sa part, s'était tenue comme une dame qui chausse du 38 mais qui, sans se plaindre, met un 36 : aucune lamentation, aucune larme. Ils remarquèrent à peine des petites tensions musculaires à chaque coup de marteau. Mais, mince !, pour quelqu'un qui ne tenait pas à devenir une sainte ni à éviter le purgatoire, une telle résignation était un succès. Bourrique Noire trépigna d'une inquiétude évidente. Ensuite, elle essaya un pas *saleroso*, la queue légèrement dressée et la croupe bombée comme les seins d'une jeune fille libérés devant un garçon. Elle se sentit parfaitement bien, comme si elle était née en chaussures. Ce qu'elle souhaitait le plus maintenant c'était de se promener dans Vila de São Roque et de comptabiliser les effets et les réactions. Mais ce n'était encore ni l'heure ni le jour de faire défiler ses talents d'« ânesse ». Une autre surprise lui était réservée. L'oncle António arriva avec une petite charrette. Bourrique Noire sentit que son cœur lui envoyait des pulsations jusqu'à la bouche. Et, sans avoir aucune idée de ce que cela lui coûterait de tirer cette voiture à deux roues, elle pria : « Mon Dieu !, » (les « ânes » ont aussi un dieu quelconque dans un recoin du paradis) « qu'elle est belle ma charrette ! »

Le possessif « ma » était ici synonyme de tendresse. Et la charrette n'était même pas un modèle spécial : quatre planches clouées en carré sur un fond de règles en bois, les brancards durs et arqués comme d'ordinaire, le tout soutenu par un axe avec deux roues vulgaires. De même, les couleurs avec lesquelles elle avait été peinte n'avaient

plus la force de faire transparaître une quelconque beauté : un vert usé pour les ridelles, un rouge écorché pour les brancards – le tout hurlait l’urgence d’une peinture neuve. Reste à savoir où découvrit-elle cette fascination. Ce que l’on sait c’est qu’elle a tout fait pour s’habituer à la charrette.

Si étrange que paraisse (à nous, les humains) cette charmante phobie de tout objet qui entrave manifestement les mouvements et qui ait pour habitude de servir d’ex-libris de l’esclavage, la charrette n’était pas, pour Bourrique Noire, ce symbole d’oppression ou de soumission servile. Elle ne souffrait pas du syndrome anti-travail. Au contraire, elle avait le sens exact de l’utilité et la conscience que, tant qu’elle serait une « ânesse », elle accomplirait sa mission sans détours et sans relâche. Elle ne se détournera jamais de ces principes sacrés. Donc, il n’est pas étonnant que, quelques semaines plus tard, l’oncle Antônio, courant le risque de tomber dans le ridicule, affirmât avec conviction : « Si seulement beaucoup d’hommes avaient la force de volonté de Bourrique Noire ».

Le lendemain, après le déjeuner, Antônio Filho et José Joaquim sortirent Bourrique Noire de l’écurie. Ils lui mirent sa bride et son bât qui, bien qu’achetés d’occasion, étaient encore en bon état d’utilisation, et ils l’attachèrent aux brancards. Tout cela fut très facile et très simple – au grand étonnement des fils de l’oncle Antônio. Mais, en essayant de faire les premiers pas, elle s’agenouilla presque, pliée sous le poids de la charrette. Elle eut honte. Il lui manquait la technique qu’elle ne pourrait acquérir qu’avec de l’entraînement. Elle ferma les yeux, serra les dents, concentra ses énergies et... la charrette fit un bond, retomba sur une roue, perdit l’équilibre, capota. Si José Joaquim n’avait pas été vivace, il se serait fait écraser. Bourrique Noire rougit. Non pas qu’ils la vissent devenir rouge, mais son embarras, son expression et ce haussement d’encolure dénonçaient sa terreur des conséquences. Elle se sentit l’« ânesse » la plus malheureuse du monde. José Joaquim lâcha un gros mot, tandis qu’Antônio Filho se frottait le ventre et riait aux éclats. « Oh ! Oh!... » cria-t-il. Mais, ce n’était pas la peine de crier. Bourrique Noire tremblait d’effroi.

Remis de l’impact, ils redressèrent la charrette et donnèrent une nouvelle opportunité à Bourrique Noire. Elle sut en profiter. A leur grand étonnement, elle commença à marcher avec la charrette. Ils l’applaudirent et elle oublia vite son chagrin.



Somme toute, c'était une affaire d'habileté, d'expertise musculaire. C'était un petit peu dur. Mais rien d'incontrôlable. Et ce fut avec grande joie que, le lendemain, elle fit son entrée triomphale à Vila de São Roque. Les pots à lait et Antônio Filho ne pesaient pas beaucoup. On entendit des cataclops-cataclops diligents, obéissants, joyeux et rythmés qui s'arrêtaient à chaque porte-cliente. Elle recevait un nouveau signal des rênes et aussitôt on entendait d'autres cataclops-cataclops sur le pavé. Ceux qui les entendaient, les trouvaient monotones, comme si c'étaient des boutons sur une soutane de curé. Mais, pour Bourrique Noire, c'était comme écouter sa propre symphonie dans un décor d'oiseaux et de miel sylvestre. Si elle connaissait la vie du Christ, elle croirait être en train de revivre une entrée hosannistique à Jérusalem, elle-même transporteuse et transportée, à laquelle il ne manquerait pas une chorale d'archanges annonçant une Pâques pleine de cloches festives et de gastronomiques *folares*<sup>4</sup>.

#### IV

*Je connais ta détresse et ta pauvreté et  
avec le glaive de ma bouche je les combattrai.*

Apocalypse, 2, 9 et 16

Bourrique Noire adapta et imposa progressivement sa personnalité de façon à conquérir l'affection de la famille de l'oncle António, toujours prête à lui reconnaître des devoirs et des droits. Bourrique Noire n'était pas simplement une bête de somme, ni tout juste un embarras, ou alors une chose indispensable que l'on se doit de préserver. Pas du tout. Sa façon de contribuer au pécule de la maison et, surtout, d'être là et de partager tous les moments du quotidien, faisait d'elle un être de corps et âme. Alors, ce n'était pas étonnant que l'oncle António préférât lui confier à elle ses projets et travaux, ses succès et défaites, ses larmes et rires. Bourrique Noire savait écouter, elle comprenait, applaudissait, désapprouvait, pleurait, riait—toujours solidaire, toujours capable de donner un conseil et d'agir. Ils formaient avec le reste de la famille une trinité si unie et indivisible qu'aucune religion, mystérieuse ou pas, n'était capable de faire triompher sur terre.

« Tu sais, Bourrique Noire », l'oncle António lui vidait, dans l'auge, son boisseau de maïs, « dans quelques jours, on sera un en moins ». Elle le regarda du centre de ses énormes cils, avec l'air de ne pas avoir saisi le sens de la confiance. L'oncle António poursuivit, « Et oui ! Notre José Joaquim est allé au conseil de révision et... il est apte pour le service militaire. Il est sain comme une pomme, Dieu merci, il n'avait aucune chance d'en échapper. En janvier, il intégrera le régiment de l'île Terceira et après..., après, c'est la guerre : l'Angola, la Guinée, le Mozambique. Que le diable choisisse ». Puis la voix de l'oncle António se brouilla, les larmes bloquées dans sa gorge sans pouvoir monter jusqu'aux yeux. Bourrique Noire le fixa longuement du regard, en essayant de deviner la raison de cette angoisse, de cette crainte, de cette peur... « Je n'ai jamais incité mes enfants à émigrer... » (À qui parlait maintenant l'oncle António ?) « Je les ai toujours voulu près de moi, avec cette manie de croire que cette terre, un jour, ne serait plus simplement cet endroit qui voit naître les gens pour, quelques années plus tard, les voir partir très loin d'ici. » Puis, il décortiqua, de façon linéaire et courante, cette vieille frustration de ne pas comprendre pourquoi il fallait

émigrer, alors que Dieu n'avait rien créé d'aussi vertueux que ces îles, de par leur climat, de par la qualité de leurs sols, de leurs êtres humains et de par leur beauté. Et il se sentait encore plus en détresse parce que, en discernant les coupables, il ne trouvait ni le tourniquet pour arrêter l'hémorragie, ni le courage de se battre pour une place pour tous les insulaires. A ce moment-là, il se sentait submergé par les remords. Des remords pour ne pas avoir encouragé José Joaquim quand, deux ans plus tôt, une fille émigrée est venue au village avec des papiers d'identité américains. Elle aurait volontiers choisi José Joaquim à la place du garçon à Luzia, qui n'était que le second de la liste. « L'île se devait de donner du pain à tout le monde ! » Et cette philosophie de pacotille était pour lui aussi simple qu'indéniable. Il dictait le tout à Bourrique Noire, comme s'ils constituaient un manuel, un courant unique — le courant de ceux qui pensent que le pain s'obtient « à la sueur du front », ne devant être donné qu'« à ceux qui travaillent. » Cependant, la réalité était tout autre. Au galop pour l'émigration, au trot pour la guerre, au petit pas pour le pain de ceux qui travaillent. En réalité, l'île s'était transformée en marâtre, comme toutes les îles, finalement. « Les riches de plus en plus riches et les pauvres de plus en plus pauvres. » / « Où est-ce que j'ai déjà entendu ça ? », grogna Bourrique Noire. L'oncle António se grattait la tête, en passant la main sous le béret, sans que l'on perçoive si ce geste prétendait essuyer l'entêtement des larmes ou bien, tout en cédant simplement à la moiteur de la résignation, s'il obéissait, comme d'habitude, aux lois de la nation, sans jamais avoir été consulté à leur sujet.

Au fond — Bourrique Noire en était persuadée, d'ailleurs —, l'oncle António était juste venu lui confier ce premier coup de hache que la famille allait subir parce que, plus tard, la nostalgie ressassée et la ceinture serrée, la vie continuerait à se vider de tous les côtés jusqu'à ce que la mort, imperturbable et définitive, ne vienne les toucher, un à un, sans appel ni recours. Mais « que cela faisait mal, oui, vraiment mal ! » C'était trop dur d'élever un enfant pour que le Pouvoir (instauré, mais jamais ratifié) vous le prenne, ensuite, et l'abandonne aux paranoïas d'un quelconque sergent ou capitaine. Eux, ils ne s'inquiéteraient pas si jamais José Joaquim se sentait las ou malade ; personne ne lui laverait son linge et le lui repasserait ; on ne le laisserait pas non plus rester au lit le dimanche matin, on ne lui ordonnerait pas de s'acquitter de ses obligations du Carême. « Tous des animaux ! », grommela l'oncle António sous forme de jurons envers les devises et les galons.

Bourrique Noire n'avait pas compris ces quolibets et, donc, elle n'en dit pas plus. Mais elle aurait aimé savoir ce que c'était l'armée. L'oncle António devait connaître, bien sûr. « Moi aussi j'ai déjà fait mon service militaire », sembla lui répondre l'oncle António. « J'y étais à la fin de la « guerre », en 44 et 45, au Château de l'île Terceira. J'y ai passé des moments pas trop mal, mélangés à d'autres qui m'ont laissé la marque d'une ferrure de bœuf ». Puis l'oncle António, qui avait déjà oublié José Joaquim, raconta à Bourrique Noire ce qu'avaient été ces deux années à l'armée, quoique de manière floue et avec des contours imprécis : des heures de marche mélangées à des anecdotes de caserne ; des histoires de putes mélangées à des serments d'allégeance ; du tir d'entraînement et des promenades dans le Jardin ; le cas du 118 (le suicidaire) et le Bon Jésus de São Mateus ; son rancard tarlouze au Pátio da Alfândega ; la messe de l'aumônier et cette trique incontrôlable, qui s'épuisa sous forme de sperme dans le pantalon de l'uniforme, l'embarras de cette tache cachée derrière les camarades — et tout cela à cause de la femme nue d'une carte postale achetée chez Domingos-Praça-Velha. « José Joaquim vivra-t-il tout ça ? », se demanda l'oncle António.

Bourrique Noire gymnastiquait le cerveau et, pour la première fois, elle concluait que les « ânes » à deux pattes sont une véritable infirmité sociale. « Que José Joaquim y aille à l'armée, alors. Et qu'il découvre ce que c'est. Il ne vaut pas mieux que son père ! », hennit-elle. / « Mais, la guerre ?! », interrompit le père António. / « La guerre ? C'est quoi ? » / « C'est l'endroit où les hommes peuvent s'entretuer en accord avec la loi et le sacré... »

Malgré l'étrangeté de ce dialogue entre une « ânesse » et un homme, José Joaquim se joignit à l'armée, en entrant à la caserne de l'île Terceira, en janvier 73. Il prêta serment d'allégeance trois semaines plus tard et fut mobilisé pour la Guinée au mois de mars de la même année. Avant, sa mère avait emmené trois kilos de cire au Bon Jésus de São Mateus en demandant que son fils ne soit pas engagé pour la guerre. Le Bon Jésus entendit rejeter la demande sans, toutefois, rendre la cire. Ils pleurèrent tous beaucoup, Bourrique Noire incluse, quand José Joaquim rentra juste pour leur dire au revoir, plié par des crampes d'estomac provoquées par la peur de ne jamais revenir. Sa mère s'adressa à nouveau au Bon Jésus de São Mateus, mais, cette fois, sans lui apporter de cire. Elle fit la promesse d'être là d'offrande à la main si son fils revenait de la guerre, un jour. Elle ne veilla même pas à s'assurer d'un retour « sain et sauf », détail

très en vogue dans les prières de l'époque. Ce qui est sûr c'est qu'elle retourna au Bon Jésus, plus tard, accompagnée de José Joaquim, qui était rentré « sain et sauf », en lui amenant une brassée de cire bien méritée.

Bourrique Noire fit partie de tout cela, non seulement en tant que membre de la famille, mais aussi en tant que moyen de transport de tous les parcours. Ce sont là, finalement, les avantages et les désavantages d'être une « ânesse ». C'était sa façon de participer aux grandeurs et aux misères des hommes — elle qui n'avait jamais lu Brecht, mais qui connaissait sa phrase célèbre.

*Pour la première fois, mon « je » chroniqueur choisit la narration directe, en laissant de côté — pour peu de temps, malgré tout — ce ton narratif impersonnel, tout en conservant en état d'éveil le récit volontairement interrompu. Je le fais par besoin horizontal de justifier que, en tant que chroniqueur agréé du royaume imaginaire où je vis (faculté que le lecteur ignore naturellement), quand j'ai assumé la responsabilité de biographier Bourrique Noire, j'ai bien mesuré tous les risques qu'un travail d'une telle envergure entraîne, moralement et physiquement. Pour biographier un animal à deux pattes il suffit de s'acquitter des normes institutionnalisées et, après, les risques sont minimes. On tombe fréquemment dans le délire du fantastique où l'on brouille la vérité avec des scénarios superflus qui ne servent qu'à enrober le biographié. Seulement, ici, ce ne sont pas des sentiments esthétiques qui me motivent. Je cherche purement et simplement la vérité. La verticalité de mon caractère (il n'y a point de laides amours !) est en train d'imposer la fantaisie de mon royaume imaginaire à l'intérieur d'un espace réel. Car, effectivement, Bourrique Noire a autant d'imaginaire que de réel. Si, par hasard, vous, lecteur, vous avez déjà été tenté d'interrompre la lecture parce que vous trouvez que cette chronique est une virée délirante dans le fantastique, c'est moi qui vous demande — qui vous implore ! — de ne pas vous arrêter. Faites-le, pour votre riche santé. Continuez même si vous êtes incapable de plonger dans la mare de ma fantaisie. Je vais vous faire une confidence extraordinaire : vous êtes, avec moi, le héros de ce récit. Non. Ne m'embrassez pas, ne me serrez pas dans vos bras. Ne me tirez pas dessus et ne vous fâchez pas, non plus. Je ne vous traite*

*pas de Bourrique Noire. Loin de là— notamment pour le respect que je lui dois. Vous, lecteur, vous êtes le héros... parce que vous êtes encore vivant. Par les temps qui courent être vivant, c'est la sublimation de l'héroïsme. Si vous voulez, réfléchissez et observez comment le monde vous privilégie en vous accordant une place tranquille, où vous pouvez jouir d'une certaine liberté, manger au moins une fois par jour, faire l'amour tout seul ou accompagné, vous enivrer en jouant aux cartes, voler une pomme et prier sans vous prendre une grenade sur la tête. Sauf que ce qui vous attache à la vie n'est guère plus que l'air que vous respirez. N'en est-il pas ainsi ? Oui, oui. Je sais : au-delà de ce qui a déjà été cité, il y a aussi la famille, le paysage, la société. Vous, lecteur, vous vous entendez bien avec tout cela. Toutefois, vous mourrez de toute façon, sans savoir à quel moment ni dans quelle position et rien n'évitera que la vie ne s'éteigne. Qu'importe, donc, que vous soyez, avec moi, « ma » Bourrique Noire ?! Vous ne m'accuserez sûrement pas d'être indélicat ou d'être moins respectueux. Ce serait une perte de temps et/ou, comme a l'habitude de dire mon amie, madame Maria, un manque de flegme, flegme devant se prononcer avec une souplesse oxfordienne.*

*Si c'est vrai qu'un homme n'est pas une Bourrique Noire, en même temps il n'y a rien qui dise le contraire. Personnellement et très modestement, je pense que l'on a atteint ce point du chemin où surgit la première bifurcation. Dans quelle direction faut-il tourner ? On tire à pile ou face : les Partis populaires à droite et les communistes à gauche ? Pardon ! Je retire ce que j'ai dit et je rectifie : faces à droite, et lettres à gauche ? Qu'est-ce que la droite et la gauche quand deux personnes se mettent face à face ? Si l'une d'elles ordonne : à droite !, nous savons tous que l'autre avance à gauche. La logique l'ordonne ainsi. Notre bifurcation va permettre cette confusion qui découle, malgré l'arrangement préalable, d'une divergence et de l'éloignement qui s'ensuit. Auparavant, la promesse avait été faite de marcher dans la même direction. L'intention était bonne, mais inefficace. Il semblerait que l'enfer en est pavé. Vous, lecteur, par hasard, savez-vous déjà de quel côté vous voulez tourner ? Du côté de la majorité ? Vérifiez si vous n'êtes pas face à cette majorité. Vous courez le risque de virer à l'opposé. Vous voulez de l'aide ?*

*C'est ça ? Faites comme moi. Je suis Bourrique Noire. Je ne lâche pas sa queue. Cela peut mal se finir ? Qui peut me garantir que cela se passera mieux de l'autre côté ? L'expérience des autres ?, de l'humanité, elle-même ? Et qu'en diraient les moutons ?*

*Merde ! (Pardon ! Combien mes mots ressemblent à son rot !) Y a-t-il par ici un nigaud qui considère que l'humanité et les moutons se portent bien ? Je préfère Bourrique Noire — oui, monsieur ! Malgré ses oreilles. Malgré son odeur. Je ne lâche pas sa queue même si vous ne m'avez pas compris. Peu importe de toute façon. Mieux vaut en finir avec ce chapitre.*

## V

*Ils chantent un cantique nouveau ; et personne  
ne pouvait apprendre ce cantique sinon ceux qui  
ont été rachetés et retirés de la terre.*

Apocalypse, 14, 3

La pluie fine faisait mal aux os de Vila de São Roque. L'hiver était arrivé chargé de plomb et avait rabaissé le ciel à tel point qu'il pouvait, à tout moment, s'effondrer sur l'île comme une fatalité indétournable. On le touchait presque de la main. Dans le désert de la rue, un chien errant et indolent flairait des tempêtes. La matinée avait rapetissé les gens comme un drap plié et le silence se promenait à son aise, à peine gêné, de temps à autre, par le grincement du vent. Même les grues restaient dans leurs abris inconnus. Une espèce d'hibernation coquillée pénétrait, ainsi, l'âme des gens et des choses. Une île, en hiver, est toujours aussi opaque et triste qu'un sexe mou et inexcitable.

Cependant, Bourrique Noire respectait son horaire de travail : les clients l'attendaient avec le même besoin. Bien sûr qu'il était plus agréable de sillonner les rues de Vila de São Roque les jours de soleil, en aspirant le bleu et la joie jusqu'à en intoxiquer les poumons. Mais, pour une « ânesse » — qui est l'équivalent d'une force obéissante — la pluie, le soleil, le vent ou le froid n'annulaient pas cette volonté de bien servir même si elle n'était due qu'à une routinière animalité. Ainsi, Bourrique Noire ne cessa d'avancer sur la route, stop-ici, stop-là, en obéissant au signal des rênes que António Filho lui transmettait, avec une monotonie non dissimulée. Bourrique Noire connaissait déjà tous les parcours et tous les arrêts obligatoires selon les clients ; elle se passait du contrôle d'António Filho et de sa voix encore mal affinée. Cette fois-là, pourtant, ils s'écartèrent de l'itinéraire habituel. Elle sentit le signal pour s'arrêter et la voix d'António « Ho ! » / « Pour quoi faire ? C'est pas normal ! Pourquoi tu veux t'arrêter ? » / « C'est un nouveau client ! », expliqua António. « Un client spécial : le Poète de Vila de São Roque ! » / « Un poète ! » Et les yeux de Bourrique Noire dansèrent émerveillés. Elle était devenue comme un enfant à qui on donne sa première toupie.

« Le lait ! », cria António Filho. Le heurtoir pivota et le Poète apparut en haut sur le balcon. « Bonjour, mon ami ! » / « Bonjour, monsieur F. ... » (ce nom est trop



connu). / « Un demi gallon ! » / « Voilà, monsieur ! Merci ! » / « Votre « ânesse » est très belle ! » / « Merci. À demain ! » Puis, alors qu'elle reçut un coup de rênes pour reprendre le chemin, Bourrique Noire resta plantée là, prise par son auto-fascination. En la voyant, le Poète avait dit : « Elle est très belle votre ânesse ! » Les clochettes qu'elle tenait au cou résonnèrent en signe de fête et de fierté, car un poète « c'est vraiment cet ange qui tisse les mots les plus doux du monde », il ne se trompe pas et ne « fait pas mousser » quelqu'un juste pour être aimable. S'il a souligné ma beauté c'est qu'il « a vu en moi des motifs pour ce faire ! » Cependant, António Filho, étranger à toutes ces rêveries, secoua les rênes avec plus de force et d'un « Allez, ânesse ! Tu dors ? » il réveilla brutalement Bourrique Noire de son extase. Elle se rétablit et cataclop-stop, cataclop-stop, cataclop-stop, elle passa devant les portes des clients et mit le cap sur l'écurie où elle reçut sa ration de paille, une gamelle de maïs (déjeuner mérité) et de la pâture l'après-midi. Le lendemain, ils suivirent le même rituel, noué à la même liturgie. Mais, le Poète ! — lui, il ne lui sortait pas de la tête ! Ce fut le jour le plus heureux de sa vie !

Les poètes s'entendent bien entre eux. Ils créent de petites trames d'origine cardiaque qui les emmêlent dans une puissante toile d'affectivité, les prennent au piège et les rendent universels. On s'attache bien ici à des poètes — poètes au pluriel — puisqu'il s'agit de la rencontre de Bourrique Noire et de Poète F. Elle souffrait depuis longtemps de crises d'intériorité, se remettant à de longs silences, à des poses de quiétude béatifique, qu'António Filho ne comprenait pas et qui étaient, en réalité, des périodes poétiques qui débouchaient sur un lyrisme profond. Bourrique Noire tomba dans cet état, tout le reste de la journée. Elle restait là, absorbée par un calme presque mortel, faisant tourner dans sa tête tous les mots qui pourraient façonner le poème qu'elle allait offrir à Poète F. le lendemain matin. Bouleversée encore par cette vision, elle hésitait, comme si elle était, elle-même, un ballet de vagues, une feuille automnale dominée par le vent. Le poème pivota et tournoya, coupé, rectifié, souligné, commenté et confus. Confus, surtout. Après traduction, (au point où il est possible de traduire le poème d'un « âne »), le poème donnait plus ou moins cela :

« Je vis le poète  
cravate couleur de rêve rouge

l'âme dans une joie  
de fusée.  
Et Dieu lui donnait la main  
et un sourire. »

C'était la dernière version. Dans la précédente, la plus proche de par les ressemblances au niveau de leur structure, elle mettait des papillons dans les yeux de Poète F. et Dieu ne lui donnait pas la main mais plutôt un chœur d'anges capable de chanter pour lui tous les vers. Elle choisit non seulement la simplicité mais aussi une logique moins paradisiaque. Ce n'était pas un poème génial. Son esprit critique lui en donnait conscience. Mais, pour un débutant en poésie, le poème dépassait la barre de la médiocrité.

Pour Bourrique Noire, cette nuit-là fut la plus longue de sa vie. Dès l'aube, elle se fit toute belle, le poème était en position dans sa tête, et elle attendit impatiemment qu'on l'attelle à la charrette pour marcher sur Vila de São Roque, cataclop-stop, cataclop-stop, devant la porte de tous les clients jusqu'à en arriver à celle de Poète F. afin de lui verser le lait et le poème. « Et ce matin qui n'en finit plus de se faire attendre...! », grogna-t-elle.

Lent, très lent, le jour se leva faible — un jour pluvieux, râleur, António Filho ouvra l'écurie et accomplit le rituel coutumier de l'attelage au même rythme et par la même séquence. Quand, finalement, elle arriva à la porte de Poète F., Bourrique Noire tomba quasiment dans les pommes, si nerveuse qu'elle était, pas sûre d'elle, euphorique, adolescente. Elle allait offrir au maître le premier poème de son jardin, avec la sainte timidité de celui qui se prête à la première communion.

« Bonjour, mon ami ! » / « Bonjour, monsieur F.. » (Il est encore inutile de révéler le nom). « Un demi gallon de lait ! » / « Oui monsieur, voilà ! Merci ! » Et le rituel prit une autre tournure. Poète F. descendit du balcon, caressa le cou de Bourrique Noire et « Merci, ma belle ! Merci pour ton poème ! » Le poète rentra chez lui comme quelqu'un qui porte une fleur à la boutonnière. C'est Bourrique Noire qui se sentit alice aux pays des merveilles. Plus jamais, elle ne pourrait oublier ces mots. Seul Antonio Fils devint muet, prostré et paranoïaque, plombé entre l'incrédulité et la fascination,

puis il se surprit lui-même à répéter d'une tristesse stupéfaite, « On m'avait déjà dit que le mec était fou. Et moi qui défendais que le mec était bien ! »

Depuis ce matin-là, Bourrique Noire et le Poète de Vila de São Roque s'unirent comme deux frères dans une amitié infiniment douce, une espèce d'union sacramentelle scellée de sang et de parfum, transformés qu'ils étaient en un seul corps et une seule âme, jusqu'à la fin des temps. « Que l'homme ne sépare point ce que la poésie a joint. »

Le gros avantage de l'amitié c'est qu'elle n'est pas aussi compliquée que l'amour. Malgré quelques accrocs certains, sa logique linéaire l'emporte toujours en quelques fractions de seconde. Quand l'amitié se brise c'est qu'elle n'a pas été pleinement assumée. Bourrique Noire et le Poète de Vila de São Roque ne s'aimaient pas, pas même d'un amour platonique. Ils étaient amis, amis à temps plein et, pour cette raison, ce n'était pas compliqué. Ils s'entendaient à merveille, ouverts et tournés vers eux et vers les autres, prenant en compte les réalités du quotidien, engagés dans une lutte qui leur permettait d'être utiles à la communauté. C'est que l'amitié engendre forcément la générosité. Une vraie amitié ne se contente pas d'un échange à duo : elle brille, se répand, se diffuse, germe, fructifie comme du pied d'oiseau. Elle n'est pas aussi compliquée que l'amour. Grâce à cette amitié renaissante avec le Poète, Bourrique Noire apprit progressivement quels étaient les grands enjeux des hommes, en les regroupant par secteurs sociaux, économiques, culturels, politiques et religieux. La vie de Bourrique Noire s'enrichit, ainsi, d'autres perspectives, d'autres incitations, malgré toutes les limitations imposées par le système au pouvoir — système qui ne permettait aucune entaille, quels que soient l'endroit ou la raison invoqués. Cependant, obsédée par la personnalité de Poète, tout méritait pour elle un intérêt des plus motivés. La poésie prit le pas sur toutes les auges de maïs, les pâturages verts, la paille et le foin. Tout autres étaient devenus ses chemins et ses horizons. Les matinées, avec cet arrêt obligatoire à la porte de Poète, lui offraient le nuage de rêve, le palais enchanté, l'extase.

L'après-midi, au repos dans l'écurie, Bourrique Noire alignait les poèmes qu'elle porterait le lendemain matin. Tout était très simple, très insulaire et, surtout, très fortement cimenté par ses affections trilogiques : le Poète, António Filho et elle-même. Rosinha était encore loin de son cœur.

Adoucis par leur bonheur de salopette et galoches, António Filho et Rosinha coururent vers le refuge de l'écurie pour fuir la pluie, interrompant, ainsi, le tiède repos de Bourrique Noire. Tout en riant de leur découverte du corps vigoureuse et naïve, ils assouplirent l'essoufflement de leur course, les cheveux mouillés. Leurs mains s'étaient liées d'entraide pendant la fuite et elles restaient sagement déposées l'une dans l'autre malgré l'absence, déjà, d'un réel besoin. Bourrique Noire les observa et approuva leur tendresse. Ils n'étaient que deux adolescents, vifs et sains comme un bol de lait frais ; seins et moustache pointant à peine, ils satisfaisaient leur curiosité.

Rosinha — nom récupéré d'une grand-mère qui avait été belle femme — était la meilleure amie d'António Filho. Ils étaient voisins depuis qu'ils portaient un bavoir et s'étaient habitués l'un à l'autre comme une patelle à son rocher. Leur amitié se renforçait jour après jour ; ils se complétaient avec les mêmes préférences ; ils se cherchaient dans tous les moments de rêverie et de récréation. L'innocence et la spontanéité de leurs plaisanteries amenaient certaines personnes à dire que leur amitié n'était pas un exemple à suivre. Ce commentaire contenait le venin catilinaire selon lequel Rosinha ne serait qu'un garçon manqué et António une petite poule mouillée. La mesquinerie emploie ce genre de mesures et, maintes fois contrariée, elle finit par reconnaître ses erreurs. Toutefois, Rosinha et António étaient simplement spontanés et purs, ils se maintenaient à l'écart de ces murmures qu'ils n'entendaient pas, d'ailleurs, ni même sous la forme d'un écho. Ils se disaient amoureux sans même comprendre complètement le sens du mot et, par conséquent, ils pouvaient aussi bien occuper les périodes de jeu avec des petites voitures et des morceaux de maïs (transformés imaginativement en bétail), qu'en sautant sur les murs du jardin, jouant à cache-cache, pour en finir, juste après, par la tranquillité casanière des poupées. En outre, dans le manuel de leurs divertissements, il y avait de la place pour toute leur splendide imagination, ce qui les rendait insouciamment heureux. Il y avait donc des jours pour lancer un nouveau cerf-volant ; d'autres pour voler les fruits de la passion de la tante Virgínia ; et d'autres pour glisser sur les rampes d'escalier de l'oncle Francisco, jeter des pierres sur les derniers carreaux des fenêtres de la vieille maison et, après, apaiser les esprits en regardant la chatte allaiter ses petits, ou rester immobile derrière la poule jaune pour voir sortir l'œuf. A tout cela et bien davantage, il faut rajouter leur passe-temps favori, découvert le jour d'un débordement imaginaire extrême : tout au fond du

jardin, un vieux prunier servait de toilettes insolites. Pour eux, soulager le corps c'était un délire, accroupis sur une branche, à une généreuse hauteur d'un mètre soixante-dix, sentant la musique molle de ce qu'ils déféquaient tomber sur la terre humide. On disait généralement que, malgré les mouches, ce prunier donnait les meilleures prunes de l'île de Pico. Personne n'avait compris pourquoi.

Avant de rentrer en trombe dans l'écurie de Bourrique Noire, poursuivis par une lourde et brusque pluie, António et Rosinha étaient perchés sur leur vieux prunier. Ils arrivèrent mal habillés et, surtout, mal boutonnés ; les cheveux trempés, ils riaient de leur course à gages : « Je suis arrivé le premier ! » / « Non ! C'est moi ! », suivi d'un tirage de tignasse et d'un pincement du cul. « Arrête ! Je t'assure que je te mors ! » On aurait dit des canaris échappés de leur cage.

Puis, là, main dans la main, sous la musique de la pluie, ils commencèrent à sentir la présence de leur propre corps, l'éveil des sens toujours mal dessinés mais qui s'échauffaient sous l'effet subtil du toucher. António Filho commença à s'agiter dans sa braguette et regarda de côté les petits seins de Rosinha qui, sous la chemise, étaient comme des coings qui grandissent, grandissent et qui, tôt ou tard, tombent trop mûrs. Mais, il y a ceux qui aiment les fruits verts, surtout quand ils commencent à gonfler, encore bourrés d'une douce acidité. C'est dans cette tentation qu'ils tombèrent. Ils se plaisaient.

Ils se sentirent serrés, figés dans le kiosque à musique de la tendresse, où les instruments étaient prêts à jouer la symphonie incomplète de leur corps. António frottait sa braguette difforme contre la hanche de Rosinha. Leurs visages se collèrent et tout doucement se décollèrent comme un timbre non-tamponné que l'on réutilise. Les bouches se touchèrent. Au début, elles semblaient mêlées à une peur divine comme des anges battant des ailes ; puis, stimulées par le courage chronométré de la fièvre montante, elles formèrent, à la fin, un long baiser, imprévisible comme la mort, mais aussi doux que le sommeil d'un enfant. Bourrique Noire les regardait. Elle les regardait et essayait de les comprendre. Et elle voyait que l'orchestre s'accordait pour un concert de vagues et de fleurs d'eau.

Ils se laissèrent aller sur la paille, leurs bouches l'une contre l'autre, leurs respirations bouleversées et frénétiques comme des animaux en chaleur ou comme une bouilloire en ébullition. Il tira le pénis de la braguette et, tout de suite, une odeur de

muscle non-lavé se fit sentir. Rosinha ouvra les jambes et le déposa sur son velours sans oser lui donner une destination plus adulte. Il atteignit rapidement l'orgasme, tandis que Bourrique Noire ouvrait les mâchoires devant le délire de la jouissance — jouissance qu'elle devina par le mouvement nerveux des yeux. Alors, l'orchestre s'effondra et les notes s'évanouirent en adagio sombre, car la nuit tombait aussi sans qu'ils s'en aient rendu compte. Rosinha se leva au même rythme vif de la main sur le clavier du piano et sortit de l'aventure heureuse et craintive. António Filho fit disparaître, par la braguette de la salopette, son instrument reposé et soulagé. Il regarda Bourrique Noire, sourit et s'en alla. Calmement. Elle répondit au sourire sans aucune hésitation. Seuls les hommes n'auraient rien compris à tout cela, comme c'est leur habitude.

Dehors, une radio faisait écouter Zeca Afonso et « Grândola Vila Morena<sup>5</sup> ». La Révolution pouvait commencer. On était en avril et les œillets étaient rouges. Dans le ciel, un clair de lune jaillit abasourdi et absolument inutile.

## VI

*Prête comme une épouse parée pour  
son mari.*

Apocalypse, 21, 3

Trois jours s'étaient écoulés depuis le « 25 avril » avant que l'île ne s'aperçoive que les œillets étaient rouges. L'insularité possède d'étranges maléfices, même s'il était difficile de croire qu'un État, après cinquante ans de siège, puisse tomber de son piédestal d'un seul coup d'éventail ou d'une simple effusion de parfum, de surcroît, d'un parfum d'œillets. Peuple insulaire qui a l'habitude de voir des baleines à l'horizon, avec un harpon aiguisé et une mer houleuse dans les yeux, les *picarotos* restèrent figés dans l'attente d'informations plus solides, en observant les œillets d'une vigilance redoublée, de peur qu'ils ne flétrissent, tout à coup, attaqués par le même mal qui les fanait tous les ans.

Trois jours après le « 25 », l'écurie s'ouvrit avec des grincements de porte pour donner passage à Antônio Filho qui, hurlant et bondissant, enlaça Bourrique Noire pour lui dire : « Écoute, ma poupée noire ! Vive le 25 avril ! » Et il lui accrocha deux œillets (roses, soit dit en passant) aux anneaux de la bride. « Tu ne peux pas comprendre ! Tu ne peux pas comprendre, ma belle ! » Puis il commença, comme d'habitude, à l'atteler à la charrette mais en sautant d'euphorie ce qui étourdit Bourrique Noire et l'énerva presque.

Bien sûr, Bourrique Noire ne comprenait pas. Elle apprécia les œillets et la matinée de ce jour qui annonçait un soleil à se secouer la sueur. De plus, pourquoi « Vive le 25 avril ! » ? Pour elle, le 28 c'était pareil. Son calendrier souffrait d'une monotonie atrophiant qui ne rimait guère avec celui de l'année civile. Elle le calculait d'après les saisons — sans aucun doute, une façon simpliste et, donc, peu rigoureuse. Toutefois, la complexité de l'année civile — avec ses transformations saisonnières multiples et imprévues, ses comportements d'humeur quotidiens et familiers — était, pour elle, d'une sophistication bourgeoise à toute épreuve et, comme telle, d'un mauvais goût inclassable. Donc, elle sortit en poussant la charrette à travers Vila de São Roque, concernée à peine par le client Poète qui restait, même si elle était ornée de deux œillets roses à côté du visage, l'unique intérêt vivant que le quotidien lui apportait.

Bourrique Noire aperçut Poète posté au balcon, sourire aux lèvres et qui l'attendait d'une impatience manifeste. Il descendit, deux par deux, les escaliers qui les séparaient pour lui offrir un joli bouquet d'œillets, rouges cette fois-ci. « Vive le 25 avril ! », cria Poète. Après, il lui broda la bride avec des œillets et la caressa d'une tendresse qui ne pouvait qu'être Majeure. Mais, Bourrique Noire ne suivait pas car elle ne comprenait pas non plus. Elle se limita à regarder Poète pour solliciter l'explication nécessaire. « Oui, mon amie ! Je t'explique tout. Il suffit qu'António te confie à moi cette après-midi. » / « Il était temps ! », sembla dire Bourrique Noire. António se devait de la lui confier quitte à le payer, plus tard, par du travail supplémentaire. Et comme il était déjà habitué à ces dialogues d'une complicité douteuse entre Poète et Bourrique Noire, António Filho ne vit aucun inconvénient au fait de lui concéder une telle permission.

Ce qu'ils dirent l'un à l'autre échappa à quasiment tout le monde. Cependant, à partir de ce jour, Bourrique Noire ne fut plus jamais la même. Et personne à Vila de São Roque ne doutait de son intelligence. On racontait du bout des lèvres (péché de mauvaises langues à l'érudition bon marché) que, cette après-midi-là, Poète transforma la paisible Bourrique Noire en une espèce de haut-parleur de meeting politique, projetant des boniments couverts de bluff comme dans un jeu de cartes. D'autres, probablement plus modérés, affirmaient que Poète s'était limité à lui faire un lavage de cerveau, inculquant en elle la terminologie fleurissante de la révolution œillétique à son état pur.

Cela ne s'est pas passé comme ça. Ce qui naît simplement se gardera de toute complexité. Ils se limitèrent à tisser des réflexions au long d'une route bordée de pâquerettes, se reposant dans un pâturage appartenant à Poète, planté sur le versant d'une petite colline en surplomb de Vila de São Roque et d'où on pouvait dévorer la mer. Ils discutèrent ainsi pendant des heures, démêlant de vieux mots qui, à ce moment-là, étaient tout neufs, comme démocratie cassée en deux, démo et cratie, mêlée à des valeurs que Bourrique Noire ignorait vraiment. Dédémagogiquées d'un quelconque empirisme politico-provincial, Paix et Justice s'ourdirent en opposition au silence insulaire résigné, symbole de famine et de condescendance analphabète. Ce surplus de dignité humaine, qui se traduisait par une vie meilleure pour tout un chacun, que Poète



avait anticipé avec une description réaliste du statut social insulaire, apporta à Bourrique Noire une autre manière de comprendre la vie et la munirent d'un énorme arsenal d'idées qui la rajeunirent et la transformèrent mentalement. Et elle comprit d'emblée que la joie de Poète due au « 25 avril » ne cessait de souligner les rides de son visage, soucieux maintenant de la voie qu'il fallait définir pour que les œilleux rouges réalisent, de façon mythique, la révolution elle-même. De retour à la tranquillité de son écurie, Bourrique Noire portait dans la tête un tourbillon de pensées. Ces pensées dansaient, elles dansaient sans réglages de rythme. Mais elles étaient innovatrices et transformatrices. Elle sentait sa tête comme un volcan qui a explosé. Elle vomissait des laves et des sables, des anges et des démons.

Pendant la nuit, Bourrique Noire organisa ses idées. Si, pour les hommes, le « 25 avril » était l'avènement d'une nouvelle ère, ça le serait aussi pour elle. Son sens des classes sociales récemment acquis avait transformé sa personnalité, il l'avait enrichi, il avait transfiguré son importance, en donnant une nouvelle mesure à sa force personnelle qui s'imaginait maintenant additionnée à celle de tous les « ânes » de l'île, du pays, du monde. Et elle se croyait attelée à des milliers d'individus de son espèce, traînant au sol tous ceux qui font du fouet leur loi et les jetant à la mer immense à coups de sabots, dans une opération de nettoyage qui rendrait jalouse la police d'intervention la plus efficace du monde. Le pic de lave de l'île, avec sa grandeur solide et incommensurable, lui sembla, à cet instant précis, un enfant fragile suçant son pouce et plissant le nez afin de ne pas pleurer.

Il n'est pas étonnant que Bourrique Noire se soit retrouvée à taper des sabots par terre — c'était sa façon singulière d'applaudir les grandes lignes du programme avec lequel elle cherchait à promouvoir sa classe sociale.

*En tant que chroniqueur, je suspends à nouveau ma tâche qui consiste à suivre le quotidien routinier et rhumatique de Bourrique Noire pour, une nouvelle fois, tisser des réflexions indispensables à une meilleure caractérisation de l'époque à laquelle ce chapitre se réfère. Je le fais pour soulager ma conscience, au cas où, à la fin, le diable me condamnerait pour avoir, à un certain moment de cette chronique, omis, par inadvertance, les informations qui justifient le mieux le comportement de mon héroïne. J'ai la prétention (et la velléité) que tout soit dit*

au sujet de Bourrique Noire. Et c'est pourquoi je n'hésite pas à prendre tout le temps nécessaire, basé sur les sources dont je dispose, afin de biographier, « comm'il faut<sup>6</sup> », une « ânesse » qui, tout en étant insulaire, eut l'art de représenter une bouffée d'oxygène pour le royaume animal de nos îles. Si vos souvenirs sont bons (pardonnez-moi, Professeur Vitorino Nemésio<sup>7</sup>, l'usage abusif de ce qui vous appartient exclusivement !), le « 25 avril » fut un petit collapsus frivole et désopilant qui attaqua mortellement le vieux cœur gouvernemental du pays. Cela s'est passé une nuit d'avril, alors que l'on pouvait déjà ouvrir la fenêtre pour apercevoir le mois suivant. On était en avril et c'est tout. Personne ne vit dans ce fait une quelconque prédestination spéciale. On ignore comment le moteur du cœur coula et les œillets se mirent à fleurir. Jusqu'ici tout est trop simple. Personne ne se sent confus. Entretemps, pendant que les journaux des îles changeaient à la hâte les titres et les lignes éditoriales (certains d'entre eux conservèrent le vieux goût et la vieille forme), les mots vomirent des mots, par milliers, par millions comme des boutons dont Babel, si elle était vivante, serait à nouveau morte de jalousie. Ils plongèrent tous dans le chaudron de la confusion. Au début, le mot démocratie contenait, à lui seul, le salut du monde entier. Mais, très vite on s'aperçu que la démocratie d'untel n'est pas la même de tel autre, d'autant plus que, à la fin, il y avait la démocratie du centre, de la gauche, de la droite, d'en haut et d'en bas et toutes ensemble elles n'en faisaient pas une, ce qui donnait origine à une grande galère pour les mathématiciens, toujours si habitués à la logique féroce des chiffres. Pour ma part — chroniqueur intègre et sans préjugés —, j'aime davantage l'amour dans sa position litale et vous n'allez pas me mettre, à cause de cette courageuse déclaration, dans le rang anonyme des anarchistes. Comme je ne comprends rien de cette démocratie qui est la nôtre, je préfère occuper le cœur avec les fausses (fausses car dissimulées) délices des poètes ; on ne précise pas ici lesquelles, puisque chacun aura les siennes et ça, oui, c'est la démocratie. Donc, ne me traitez pas d'anarchiste. Je vous en supplie ! Même si je le suis, permettez-moi de l'être en silence. Alors, je m'apprêtais à dire que les œillets étaient encore ouverts, quand le mot dictature commença aussi à subir de fortes altérations signifiantes. (Est-ce que cela se dit comme ça?... ) Au bout du

compte, il y avait autant de modèles de dictature que l'on voulait ; autant qu'il y en avait pour la démocratie. Il y a même la dictature démocratique par opposition à la démocratie dictatoriale. Tout le monde connaît aussi bien l'une que l'autre. Personnellement, j'ai aussi appris que les communistes ne mangeaient pas de petits enfants au petit-déjeuner — ni rôtis, ni grillés, ni même frits ou tout simplement cuits au bain-marie. Tout du moins, ce n'était pas un plat obligatoire. D'ailleurs, sans même n'y avoir jamais goûté, j'ai toujours eu du mal à admettre qu'on pouvait avoir si mauvais goût. (Si. Si. Les anthropophages, etc., ils apprécient ça..., eh bien qu'ils en profitent !) Même si un communiste aime bien manger un enfant ou deux, je pense qu'il ne s'agit pas là d'une imposition idéologique du parti. J'en vois tellement d'autres festoyer un peu partout tout en criant qu'ils sont anti-communistes. Bref. Bien entendu, je savais déjà que les dictatures fascistes ne mènent pas les hommes à un royaume céleste à cause (et en conséquence) d'une demi-douzaine d'entre eux à peine qui chevauchent tous les autres. (Chevaucher doit se comprendre comme un terme technique du domaine de l'équitation). Et, bien que je fusse habitué déjà au fascisme, je ne pouvais m'empêcher de ressentir un grand soulagement quand tomba de mon dos la partie de la dictature qui me revenait de porter. Salazar<sup>8</sup> et ses pairs me menèrent une vie infernale au moment précis où j'aurais eu besoin qu'elle fût plus clémentine. Mais, cela ne sert à rien maintenant de taper sur Salazar — qui est déjà mort, Dieu soit loué ! —, parce que ce n'est pas déontologique de battre quelqu'un qui ne peut pas se défendre et parce que le diable pourrait songer à inciter quelque part un fils-de-quelque-chose qui serait en train de ressasser l'envie d'en incarner l'esprit et le corps. Les quelques apparitions qui, de temps à autre, cherchent à hanter nos petites vies nous suffisent déjà. Je parlais donc de démocraties et de dictatures et c'est tout cela mis bout à bout qui me paraît confus. Toutefois, j'ai tenu à raviver ce problème, ici et maintenant, pour mieux comprendre les mailles qui se tissent dans notre empire. Le « 25 avril » est une chose si récente que vous, lecteur, vous avez, certainement, déjà oubliée. C'est pourquoi (je vous prie de ne pas vous étonner de ma grossièreté congénitale), à chaque fois que le temps et les faits m'obligent à de grandes professions de foi afin de sauver mon statut de

*chroniqueur agréé, je suis complètement bouleversé et j'ai envie de noyer la plume du courage dans l'encrier de la peur. Cependant, soutenu par le « 25 avril », qui est arrivé sur les îles comme un feu de paille insignifiant, je donne la main à Bourrique Noire (il est possible de tendre sa main à une « ânesse ». Il suffit d'essayer) et, ensemble, nous nous jetons à la mer, lit solide et inviolable, afin de dessiner, dans les confins de notre horizon, toute la grandeur de l'ultime vomissement transformé en mot d'ordre : PUTAIN !*

---

*Dernière observation : tous les après-midis de ciel dégagé, si vous voulez perdre du temps, fixez l'horizon et vous verrez toujours notre vomissement. Vous n'avez pas besoin de jumelles. Point final à la ligne.*

## Notes du Traducteur

<sup>1</sup> Fernão Lopes fut le chroniqueur du Royaume pendant les Grandes Découvertes portugaises du XV<sup>e</sup> siècle.

<sup>2</sup> *Mistérios* [mystères], c'est l'expression utilisée aux Açores pour désigner ces champs qui résultent d'éruptions volcaniques importantes survenues dans l'archipel, au XVI<sup>e</sup> siècle, et que les habitants ne savaient expliquer, d'où leur désignation originale.

<sup>3</sup> Allusion au poème *O Sono que Desce Sobre Mim* [*Le Sommeil qui Tombe Sur Moi*] de Fernando Pessoa.

<sup>4</sup> Le pain de Pâques au Portugal, dont la recette varie selon les régions. La coutume veut que les parrains en offrent à leurs filleuls.

<sup>5</sup> «Grândola Vila Morena » est une chanson écrite et interprétée par Zeca Afonso qui servit de signal pour enclencher la Révolution des Œillets au Portugal, le 25 avril 1974, mettant fin à un des derniers régimes autoritaires d'Europe.

<sup>6</sup> En français dans le texte.

<sup>7</sup> En référence à une émission télévisée *Si mes souvenirs sont bons* (*Se Bem Me Lembro*) des années 1960/70, qui était conçue et présentée par Vitorino Nemésio, un grand écrivain des Açores, auteur de *Gros Temps sur l'Archipel*, un des chefs-d'œuvre de la littérature portugaise.

<sup>8</sup> Homme politique portugais, inspirateur et figure centrale du régime autoritaire qui gouverna de 1932 à 1968.

### III. Comentário à Tradução: Análise de Casos

Propomo-nos fazer uma análise dos casos mais problemáticos da tradução dos sete capítulos iniciais (incluindo o intitulado Capítulo Omisso) de *Burra Preta com uma lágrima* de ÁlamO Oliveira com o objetivo de compreender o modo como a tradução modificou o texto e a experiência de leitura e de aferir a relação de maior ou menor proximidade entre o texto de partida e o texto de chegada.

Como já foi referido, será necessário, a fim de fazermos uma avaliação do presente trabalho de tradução (sendo claro que não está em causa apurar se é uma boa ou uma má tradução), ter conhecimento e consciência dos **objetivos** definidos para este projeto. Posteriormente, ter-se-á em conta as **dificuldades** colocadas pelo texto de partida, as **técnicas** de tradução e os seus **efeitos** no texto de chegada. É importante recordar que este exercício de tradução foi sempre um trabalho com propósitos académicos, acima de tudo, não padecendo de quaisquer imperativos editoriais.

Recordamos que, antes ainda de refletir sobre a metodologia a aplicar na tradução, houve um período durante o qual definimos os critérios de seleção da obra a traduzir, considerando que os nossos objetivos passavam por traduzir para francês, uma língua central no mercado das traduções literárias, uma obra de um autor açoriano escrita em português, dando-lhe, assim, maior visibilidade e, portanto, promovendo a língua e a cultura portuguesa e açoriana, entendidas como periféricas. No fundo, o objetivo seria o de encetar um movimento de reequilíbrio de forças, de incremento partilhado de poder e de reaproximação de duas culturas, a francesa e a portuguesa, com laços muito fortes, mas que, à luz das traduções luso-francesas e franco-portuguesas, não vivem plenamente essa relação, com prejuízos para ambas.

A metodologia tradutiva começou (antes da manipulação do texto, propriamente dita) com a leitura da obra a traduzir (na sua íntegra) complementada com leituras de textos críticos sobre a obra de ÁlamO Oliveira e de outros livros do próprio autor. Na medida em que o nosso objetivo era o de estabelecer um diálogo intercultural, com origem no texto a traduzir e tendo por destinatário o leitor francófono (admitindo que alguns desses leitores são, potencialmente, bilingues, com algum conhecimento do português e da cultura portuguesa) identificámos, nas várias leituras que realizámos de *Burra Preta com uma lágrima*, as áreas do texto que iriam causar mais problemas de

tradução. Relacionando-se estes, de maneira geral, com a dificuldade em comunicar (porque a tradução é um diálogo) ao leitor da tradução (o seu destinatário “empírico” ou “modelo” conforme a distinção realizada por Eco (1985)), do texto de partida para o texto de chegada, não só os significados mais ocultos das palavras, devido ao contexto cultural diferente da narrativa, como também os sentidos mais omissos, por razões do próprio texto e da sua linguagem literária. E, tudo isto, sem deturpar o conteúdo do texto, nem desvirtuar a sua natureza.

Assim, tendo já a perceção de quais poderiam ser os elementos mais problemáticos do texto e de modo a operar uma análise metódica dos casos, fomos em busca de fundamentos teóricos que consolidassem e orientassem as nossas “impressões”. No que toca às características da obra de Álvaro Oliveira, inspirámo-nos, entre outras<sup>16</sup>, na interpretação feita por Urbano Bettencourt. O autor identificou “dois procedimentos [...] significativos para o enquadramento e a compreensão” da prosa literária de Álvaro Oliveira. Em primeiro lugar, “a **configuração do espaço açoriano**”, na sua dimensão particular e como parte integrante do espaço *lusitano* e, em segundo lugar, as “**estratégias narrativas e discursivas do autor**, entre a representação de pendor realista e a que exhibe os seus mecanismos, num jogo autorreflexivo e irónico de questionamentos e distâncias” (Bettencourt, 2015: 407-411).

Ressaltavam, desta perspetiva, duas áreas principais que englobam as dificuldades mais significativas que enfrentámos na tradução de *Burra Preta com uma lágrima*. Por um lado, os casos de tradução relacionados com as estratégias de transmissão das **referências culturais** que retratam o espaço natural, social e psicológico onde a ação se desenrola, que ajudam a caracterizar as personagens e, por conseguinte, a melhor perceber a trama romanesca. E por outro lado, os elementos que constituem a **singularidade estilística** do autor, o lado mais puramente literário do texto de partida. Esta divisão surge corroborada por Conceição Lima quando identifica

no seio dos fenómenos [...] que [...] redundam em problemas para a tradução, [...] a existência de **elementos extralinguísticos**, por um lado (por sua vez subdivididos em fenómenos *naturais*, como os de natureza topográfica, a flora e a fauna, de entre outros, e os elementos *associados à ação do homem*, nomeadamente a denominação das instituições sociais e dos edifícios [...]) e,

---

<sup>16</sup> Brasil (1999), Cabral (2010) e Girão; Silva (2014).

por outro lado, **os elementos intralinguísticos/pragmáticos**. É aqui que se enquadram os idiomas e os jogos de palavras ou trocadilhos. Este segundo grupo abarca, portanto, as mensagens indiretas ou implícitas. (Lima, 2009: 29-30)

Deste modo, em função da sua resistência à operação tradutiva e de acordo com a sua pertinência na obra, iremos problematizar, na primeira secção do comentário, a tradução dos antropónimos, topónimos, hagiónimos e formas de tratamento, das referências à cultura açoriana e ao Espírito Santo, de outras referências religiosas e das referências à cultura portuguesa de âmbito nacional. E em seguida, numa segunda secção, debruçar-nos-emos sobre o estilo do autor, tentando explicar o modo como procurámos recriar os casos de inventividade lexical, os registos de língua familiar, as expressões idiomáticas, os particularismos estéticos, as questões de sintaxe e o léxico equídeo.

Passamos, então, a expor e comentar alguns casos que melhor ilustrarão o processo através do qual levámos a cabo a árdua tarefa de transportar *Burra Preta com uma lágrima* para uma nova vida. Optámos por organizar os excertos textuais analisados em duas colunas (texto de partida (TP) e texto de chegada (TC)). O levantamento das situações sujeitas a análise pretendeu ser representativo (não podendo ser exaustivo). A ordem da apresentação respeita a ordem das ocorrências no texto (situámos entre parêntesis a página da primeira ocorrência). Pelo facto de incorporar o texto da dissertação, a numeração das ocorrências para o texto de chegada releva apenas para permitir uma localização mais eficaz de cada um dos casos analisados e não como indicador comparativo de um aumento ou de uma diminuição do volume total de páginas. Depois da listagem dos casos, inserimos o nosso comentário com a finalidade de explicar o que mudou de um texto para outro: o que se perdeu, o que se manteve e o que se ganhou, sobretudo em termos de informação para o leitor e dos efeitos estilísticos do texto.



## 1. Tradução de Referências Culturais

Num esforço de categorização dos obstáculos à tradução, Eugene Nida (1945: 194-208) estabeleceu vários domínios nos quais os problemas da passagem de um universo cultural para outro se acentuam: o **domínio ecológico** onde se inserem os elementos naturais como a fauna e a flora, por exemplo; o **domínio material** onde o mundo natural surge transformado pelo homem em resultado do uso de ferramentas e da aplicação de tecnologias; o **domínio sociocultural** no qual se refletem as relações humanas e o modo como as sociedades se organizam; o **domínio religioso** (ideológico), o mundo dos conceitos. Embora sendo mais conhecido por ter cunhado a noção de “equivalência dinâmica”, os seus trabalhos também nos inspiraram na hora de definir áreas preferenciais de análise do texto.

Nesta primeira secção, iremos, portanto, apresentar e explorar alguns desses elementos que, pelo número de ocorrências e pelo seu relevo na caracterização dos elementos constituintes da narrativa, merecem algum destaque.

### 1.1. Antropónimos, Topónimos, Hagiónimos e Formas de Tratamento

Esta primeira subsecção centra-se, grosso modo, na tradução dos nomes próprios. Estes podem designar personagens, locais ou entidades ligadas ao sagrado. Incluímos também as formas de tratamento, pois surgem sempre ligadas aos nomes de personagens. Constituem o primeiro obstáculo à tradução pela sua onipresença, pela sua grande visibilidade. Pertencem ao domínio sociocultural do texto, de acordo com a classificação de Eugene Nida.

#### Antropónimos

Talvez devido ao carácter realista da narrativa e ao próprio contexto em que a ação se insere (ilhas açorianas do grupo central nos anos 70), os nomes das personagens de *Burra Preta com uma lágrima* (se excetuarmos Burra Preta) são nomes (“João”, “António”, “Manuel”, “Joaquim”, “Jorginho”, “Rosinha”) típicos, tradicionais e, ainda hoje, muito frequentes em Portugal com os quais, portanto, o leitor do texto de partida está familiarizado, o que favorece uma dinâmica de identificação imediata. Este

processo não ocorrerá da mesma forma com o leitor do texto de chegada, como veremos.

Texto de Partida (TP)	Texto de Chegada (TC)
1. Burra Preta (capa)	Bourrique Noire (24)
2. Joaquim Maúrc̃a (17)	Joaquim Maúrc̃a (26)
3. Jorginho (34)	Jorginho (39)
4. João Manuel (42)	João Manuel (43)
5. Antônio Filho (43)	Antônio Filho (44)
6. Rosinha (62)	Rosinha (57)

A tendência na tradução literária abona em favor da não tradução dos **antropónimos** (e nomes de personagens), isto quando existe uma afinidade cultural e gramatical que o permite. Seguindo essa linha, a nossa estratégia passou por não os traduzir, apesar de saber que apresentam uma grafia parcialmente estranha para o leitor da língua-alvo, devido ao tipo de acentuação (não existe o *til* na língua francesa: em 4.), a aspetos morfológicos (o sufixo *-inho(a)* não tem um correspondente formal: 3. e 6.) e ao uso de um agnome (*Filho*, em 5.). No entanto, a decisão de não traduzir não foi assim tão simples, até porque qualquer opção de tradução não é totalmente inócua e acaba quase sempre por ter consequências se concluirmos que os efeitos criados nos textos de partida e de chegada são diferentes, como será diferente a receção dos mesmos por parte dos seus leitores respetivos.

Começando pelo sufixo *-inho(a)*, lembremos que, quando usado no nome de uma pessoa (o que é bastante comum), pode exprimir laços especiais de afetividade, normalmente, ligados à infância. Esta é, portanto, uma informação que se perde. O leitor francófono comum irá apreender o tipo de relação que une as personagens através de outros indicadores. Entendemos que qualquer alternativa à não tradução de Jorginho e Rosinha (por exemplo, optando por: *le petit Jorge* e *la petite Rose*, de uso menos comum na língua francesa, logo com um efeito imediato de maior estranhamento) constituiria um desvio dos nossos objetivos fundamentais. Com efeito, desta perda resulta, simultaneamente, a vantagem de familiarizar o leitor francófono com nomes portugueses.

Prosseguindo com o agnome “Filho”, diga-se que houve uma hesitação entre traduzir e não traduzir esse elemento. Tornou-se raro, hoje em dia. É usado por algumas

famílias para identificar o filho herdeiro ou sucessor. Noutros casos, é usado para distinguir o filho, sobretudo em meios pequenos, quando, em função das tradições, os pais dão os mesmos nomes aos filhos. Esta noção pode não ser evidente para o leitor menos informado. O leitor francófono, apesar de alguma desvantagem em relação ao leitor do texto de partida, saberá captar todo o sentido de “Filho”, relacionando os outros indícios. Cremos que não irá escapar ao leitor do TC o facto de António Filho ser mesmo o filho de António Parente, visto que o facto é explicitado pelo narrador, momentos antes da primeira aparição da personagem. Em última análise, prevaleceu o critério da não tradução.

De entre o conjunto dos nomes das personagens, *Burra Preta* foi, indubitavelmente, o nome que suscitou a maior interrogação, porque é o nome da heroína, com um número de ocorrências elevado; porque surge, desde logo, no título do romance e porque é o nome de um animal. Este último fator levou-nos a optar por uma tradução literal, que preserve os efeitos do texto de partida, tendo em conta o próprio processo de atribuição do nome no curso da narrativa. Lembremos que os donos escolheram o nome pelo facto de ser o animal que é e de ter pelo escuro. Portanto, acabámos por traduzir dois nomes comuns pelos seus correspondentes na língua de chegada, o que, no que respeita ao título, era uma condição indispensável na preservação do impacto que pudesse ter no leitor-alvo. Com efeito, se tivéssemos optado por não traduzir, a presença de palavras estrangeiras na capa suscitaria um efeito muito diferente do original. Este caso evidencia que a estratégia tradutiva é mais devedora dos efeitos estéticos pretendidos (e da importância da informação a transmitir) do que dos métodos de tradução. Isto significa, ao mesmo tempo, que a coerência da tradução se mede, justamente, em termos de fidelidade às características do texto de partida e da sua preservação no texto de chegada, independentemente da multiplicidade de técnicas tradutivas utilizadas, sendo, aliás, a sua maleabilidade um argumento em favor da sua eficácia<sup>17</sup>.

De todos estes nomes de personagens advém um efeito para o leitor do TC muito diferente daquele que terá sido sentido pelo leitor do TP. Acreditamos que é uma

---

<sup>17</sup> Esta ideia está de acordo com o conceito de *feuilletage* (“la coexistence dans le texte traduit de plusieurs interventions hétérogènes du traducteur: traduction, glose, note de bas de page...”) defendido por Michel de Certeau (Placial, 2015: 117-125).

consequência inevitável numa tradução que se quer ética (para ir ao encontro de uma filosofia prezada por Antoine Berman). Defendemos para a tradução o dever de estabelecer uma dialogicidade intercultural que liga o TP e o TC e que, de alguma forma, tenta transportar o leitor do TC para o mesmo contexto narrativo do TP.

### Topónimos

Os topónimos referem-se a nomes de localidades. O modo como um país concebe a designação das suas divisões territoriais pertence-lhe, de maneira que a filosofia que preside à atribuição desses nomes pode variar muito de país para país. Em Portugal, algumas localidades adotam nomes de santos ou de outras entidades, outras nomes mais descritivos, olhando em redor, espelhando a flora presente, a orografia ou outra característica típica próxima. Os nomes também exibem a organização administrativa e política dos países. Todos são reveladores de um determinado perfil cultural e social dos povos.

TP	TC
1. S. Mateus (28)	São Mateus (34)
2. S. Jorge (33)	São Jorge (38)
3. Vila (36)	Vila de Madalena (40)
4. São Roque [...] Vila de São Roque (39)	São Roque [...] Vila de São Roque (41)
5. Pátio da Alfândega (52)	Pátio da Alfândega (50)
6. Vila (57)	Vila de São Roque (54)

No que diz respeito à estratégia tradutiva que envolveu estes casos, a opção genérica também foi de não os traduzir. A narrativa situa-se nos Açores, num espaço perfeitamente real, logo não havia interesse em fazer pensar algo de diferente ao leitor da tradução com nomes de localidades afrancesados. No fundo, adotámos para estes nomes a mesma posição adotada para os nomes das personagens, correndo o risco de retirar alguma fluência à leitura devido às grafias inabituais.

Quando o autor escolheu designar as localidades de maneira abreviada (ver os casos 1., 2. e 3.), nomeámos as mesmas por extenso para evitar quaisquer ambiguidades (uma vez que “Vila” tanto se pode aplicar a Madalena como a São Roque). Estas poderiam surgir devido ao menor grau de familiaridade do leitor da tradução para com o espaço físico e social da narrativa. Apesar de perder a subtilidade da abreviatura, o leitor

da tradução, através de outros indícios evidentes, percebe-se claramente a mudança de ambiente pela qual passa Burra Preta na sua ida de Terra do Pão para São Roque.

Casos houve em que a estratégia de tradução dos topónimos foi mais complexa.

Topónimos (com explicitação incisa)	
TP	TC
1. Terra do Pão — ilha do Pico (28)	Terra do Pão — une toute petite bourgade au sud de l'île de Pico (34)
2. Horta (28)	Horta, sur l'île voisine de Faial (34)
3. picarotos (42)	les habitants de l'île, <i>picarotos</i> (43)
4. Terceira (49)	l'île Terceira (48)

Nas situações acima, julgámos pertinente adicionar uma informação que permitia um melhor enquadramento do espaço e dos seus condicionalismos. No caso 1., sublinha-se a sua natureza rural. Com a indicação acrescentada no caso 2., reforça-se a certeza de que uma consulta no médico podia implicar para os habitantes do Pico uma deslocação a outra ilha. Não significa isto que todos os leitores do texto de partida tenham obrigatoriamente uma percepção clara das realidades geográficas locais, por conseguinte, pode-se admitir que colocámos o leitor francófono, de alguma maneira, em vantagem. Seja como for, cremos que não adulterámos o espírito do texto de partida (que, se não acrescentou, também não quis esconder). Finalmente, em 3. e 4., esclarece-se, respetivamente, que “picarotos” é o nome dado aos habitantes da ilha do Pico e que *Terceira* é efetivamente designativo de uma outra ilha.

### Hagiónimos (e apelativos ligados ao sagrado)

Escolhemos apresentar estes casos por contrariarem, de certa forma, a tendência tradutiva de outros nomes próprios, que, lembremos aqui, consistiu, no essencial, na sua conservação “original”. Ora, como veremos em seguida, os nomes de santos foram traduzidos por terem uma dimensão universal ao contrário dos nomes meramente individuais, como aqueles que denominam as personagens ou as localidades deste romance .

TP	TC
1. S. Francisco de Assis (13)	Saint François d'Assise (23)
2. Santo Antão (13)	Saint Antoine (23)
3. anjo (13)	ange (23)

4. Deus (13)	Dieu (23)
5. Espírito Santo (17)	Saint-Esprit (26)
6. Bom Jesus (28)	Bon Jésus (34)
7. arcanjo (47)	archange (47)

Efetivamente, os hagiônimos, ou por existirem afinidades culturais, ou por designarem entidades “universais”, encontram correspondentes imediatos em várias línguas e, por essas razões, os casos acima apresentados foram transferidos para os seus “cognatos franceses”.

### Formas de Tratamento

Relativamente às formas de tratamento, começámos por analisar cuidadosamente o contexto de utilização dos termos abaixo destacados, uma vez que o seu referente imediato não corresponde àquele que é mais comum, a saber um grau de parentesco.

TP	TC
1. do <b>tio</b> Joaquim Maúrcã, (17)	l'oncle Joaquim Maúrcã, (26)
2. a <b>tia</b> Clementina, (17)	la tante Clementina, (26)
3. o <b>tio</b> António Parente, (41)	l'oncle António Parente, (42)
4. a <b>tia</b> Ricardina, (41)	la tante Ricardina, (42)
5. Não, senhor! (21)	Non, mon oncle ! (29)

Diga-se, pois, que *tio* e *tia* são aqui usados como formas de tratamento que denotam respeito e um laço afetivo particular. São importantes na medida em que o seu uso é frequente no texto e pelo quanto ajudam a caracterizar as relações entre as personagens. Geralmente, empregam-se para pessoas mais velhas e amigas da família. Ora, a pesquisa efetuada através da base de dados em linha do “Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales” permitiu-nos verificar que *oncle* e *tante* refletem um uso semelhante ao do texto de partida para *tio* e *tia*, isto é: um “titre donné à un homme plus âgé que l’on s’interdit, par respect, d’appeler par son prénom, ou, en raison des liens d’affection, d’appeler monsieur; personne dont le lien de parenté est difficile à établir, inexistant ou de fantaisie.”<sup>18</sup> Será conveniente acrescentar, no entanto, que estas formas de tratamento, senão verdadeiros arcaísmos, são hoje pouco usuais (na França

---

<sup>18</sup> Em: <http://www.cnrtl.fr/definition/oncle>, consultado em abril de 2018.

mais urbanizada, pelo menos). Não correspondendo integralmente ao uso das mesmas expressões em Portugal, têm o mérito, neste caso, de “mergulhar” o leitor da tradução no ambiente rural da narrativa.

No que diz respeito ao último caso, ou seja, a tradução do nome *senhor*, preferimos *mon oncle* a um hipotético *monsieur*, por razões de coerência, tendo em conta o que ficou exposto anteriormente.

## 1.2. Referências à Cultura<sup>19</sup>Açoriana

O espaço físico e social é determinante na construção da intriga e na caracterização das personagens. Era fundamental "manifestar" esta idiossincrasia, para retomar a linguagem utilizada por Antoine Berman. Neste particular, enveredamos por um registo explicitador, mas em harmonia com uma estranheza natural a provocar no leitor francófono, sempre com o intuito de abrir horizontes dialogantes. Em matéria de referências culturais, os tópicos relacionados com a mundividência açoriana e o seu *modus vivendi* estão permanentemente presentes no texto.

TP	TC
1. a sua casa de sobrado e loja [...] o meio-da-casa (17)	leur maison de deux étages, flanquée d'une annexe [...] la salle de réception (26)
2. como caspeada em tigela de leite (21)	comme une <i>caspeada</i> , une sorte de gâteau d'âme flamandien, dans un bol de lait (29)
3. desbotados alvaroses de cotim (35)	salopette déteinte en coton des Açores [...] (Aux îles, on appelle ce vêtement <i>alvaroses</i> , par influence probable de l'américain <i>overalls</i> ) (39)
4. de mistérios negros em lava (39)	de champs noirs de lave, les fameux <i>mistérios</i> <sup>2</sup> (41) [ <i>Mistérios</i> (mystères), c'est l'expression utilisée aux Açores pour désigner ces champs qui résultent d'éruptions volcaniques importantes survenues dans l'archipel, au XVI <sup>e</sup> siècle, et que les habitants ne savaient expliquer, d'où leur désignation originale.] (67)
5. a mãe foi levar ao Bom Jesus de S. Mateus três quilos de cera (52)	sa mère avait emmené trois kilos de cire au Bon Jésus de São Mateus (50)
6. Se bem se lembra o leitor (desculpe, Senhor	Si vos souvenirs sont bons (pardonnez-moi,

<sup>19</sup> Adotámos o conceito de cultura defendido por Geertz : « un réseau — transmis historiquement — de significations incarnées dans des symboles, un système d'idées héritées et exprimées sous forme symbolique, au moyen desquelles les hommes communiquent, perpétuent et étendent leur savoir concernant les attitudes envers la vie. » (BYRAM, 1992 : 68)

Professor Vitorino Nemésio (71)	Professeur Vitorino Nemésio <sup>7</sup> (64) [En référence à une émission télévisée <i>Si mes souvenirs sont bons</i> ( <i>Se Bem Me Lembro</i> ) des années 1960/70, qui était conçue et présentée par Vitorino Nemésio, un grand écrivain des Açores, auteur de <i>Gros Temps sur l'Archipel</i> , un des chefs-d'œuvre de la littérature portugaise.] (67)
---------------------------------	--

É, justamente, na área das idiossincrasias que o tradutor corre o risco de transformar o texto num tratado de etnografia ou num guia turístico; o risco de *etnologizar* o texto, para retomar a expressão de Jean-René Ladmiral, de criar um documento em vez de uma obra literária.

Si je traduis un texte original fortement enraciné au sein de la langue-culture dont il vient, la question préjudicielle que j'aurai à me poser est celle de savoir si, de ce texte-source, j'entends faire un *document-cible* ou une *œuvre-cible*. En quoi résidait « l'étrangeté » de ce texte original ? et quelle est la part de cette altérité qu'il me faudra prioritairement respecter ? En clair : est-ce que, dans ma traduction, je devrai *ethnologiser* et/ou *philologiser* le texte ? (Ladmiral, 2015: 81-82)

Nos exemplos seleccionados, as opções de tradução possíveis variavam entre a omissão dos elementos problemáticos, o que significaria ignorar ou amputar a narrativa de algumas das suas singularidades (uma operação de normalização do texto), e a sua substituição por equivalentes na cultura francesa, o que representaria uma naturalização ou uma viciação dos particularismos, adulterando a origem e a génese do texto de partida. A alternativa, digamos assim, e que defendemos, é, pois, a de conservar as especificidades culturais retratadas no texto de partida, acrescentando a informação necessária para permitir o acompanhamento do texto de chegada por parte do leitor da tradução sem, no entanto, comprometer totalmente a fluência e o prazer da leitura. Foram várias as estratégias adotadas com esta finalidade, tendo resultado, quase sempre, numa explicitação do TP.

O primeiro dos casos acima apresentados situa-se no início do Capítulo Um que marca o arranque da narrativa, propriamente dita. É domingo (sexta domingo de Espírito Santo), dia de “coroação”, os convidados chegam a casa do “mordomo”. A casa, uma construção típica da ilha do Pico, é descrita com termos que podem ser considerados regionalismos, sublinhando-se o facto de ela ser grande. Na tradução,



procedemos a um esclarecimento dos referentes, usando termos mais comuns: “sobrado”, dois andares, “loja”, anexo e “meio-da-casa”, sala de estar, perdendo-se o sentido mais conotativo dos termos originais que foram retirados. Neste processo, ocorre aquilo que Ilaria Vitali apelida de neutralização do texto (Vitali, 2012: 4), isto é, a destruição das redes vernaculares, segundo Antoine Berman (Berman, 1997: 53). A tradução transformou, numa primeira fase, o regionalismo em português padrão e numa segunda fase, o português padrão em francês padrão. Outra opção teria sido a de conservar o regionalismo na língua de partida, acrescentando uma nota explicativa, no entanto a quantidade de regionalismos levou-nos a alternar as estratégias de tradução.

Outro exemplo de uma referência à cultura açoriana (embora se admita a existência da mesma tradição noutras regiões do continente) é o da “caspeada” (o autor escreve com “e”, mas os registos que encontrámos durante a pesquisa *online* apontam para uma grafia com “i”: “caspiada”<sup>20</sup>), que é uma tradição da ilha Terceira (cremos que o autor apelou aqui às suas memórias de infância), no dia de Todos-os-Santos, possivelmente influenciada por uma tradição semelhante em alguns países europeus, nomeadamente na Flandres (Oliveira, 1988: 184): o “gâteau d’âme” (Pão das Almas). O leitor francófono comum não deve estar muito familiarizado com estes bolos, nem com o ritual associado. Do mesmo modo, o leitor lusófono comum não conhece, necessariamente, a história da caspeada, nem, portanto, o que ela representa. Mantivemos o termo português original — *intraduzível*, na nossa interpretação da definição que Barbara Cassin lhes deu na apresentação do seu Vocabulário Europeu das Filosofias<sup>21</sup> — ao qual acrescentámos uma nota explicativa incisa, preservando o efeito pretendido com a comparação: a caracterização do espaço social e psicológico.

---

<sup>20</sup> O sítio denominado *Marsilea* (coordenado por Antonieta Costa, doutorada em psicologia social pelo ISCTE — Instituto Universitário de Lisboa), é o mais documentado que consultámos. Ver: <http://www.marsilea.azorestourism.com/pt/mythology/mortos/caspiadas.php>, consultado em março de 2018.

<sup>21</sup> « Parler d’intraduisibles n’implique nullement que les termes en question, ou les expressions, les tours syntaxiques et grammaticaux, ne soient pas traduits et ne puissent pas l’être – l’intraduisible, c’est plutôt ce qu’on ne cesse pas de (ne pas) traduire. Mais cela signale que leur traduction, dans une langue ou dans une autre, fait problème, au point de susciter parfois un néologisme ou l’imposition d’un nouveau sens sur un vieux mot : c’est un indice de la manière dont, d’une langue à l’autre, tant les mots que les réseaux conceptuels ne sont pas superposables. » (Cassin, 2004)

Os casos subsequentes mostram soluções translatórias em que a manipulação do texto é mais profunda, motivada, em primeira instância, pela inexistência de uma resposta única satisfatória. Deste modo, em 3., procedemos inicialmente a uma tradução que normaliza o nome em análise (“alvarozes”: “salopette”) para, seguidamente, acrescentar entre parêntesis uma explicação sobre a estranheza do termo, que constitui um regionalismo. Em 4., a tradução desenvolve o significado contextual do termo *mistérios*, antes de alertar para o seu uso conotativo, acrescentando-lhe uma nota no fim do texto de chegada (dos capítulos traduzidos, neste caso particular), por forma a elucidar melhor a sua origem. Em linha com um dos objetivos deste trabalho de tradução, estas opções desvendam aspetos do texto de partida ligados à essência do ser açoriano para os quais o seu leitor não tinha ferramentas de leitura adicionais. Em 6., apenas acrescentámos uma nota explicativa no fim dos capítulos traduzidos (o que, lembramos, equivaleria ao fim do texto de chegada, se estivesse todo traduzido), para uma informação mais sistematizada. No caso 5, não houve qualquer elucidação dos implícitos discursivos, tendo sido adotada uma tradução literal que nos pareceu conveniente pelo paralelo cultural existente e tendo em conta uma sobriedade desejável da operação tradutiva.

### **Festividades do Espírito Santo**

A religiosidade afirma-se como um dos traços característicos da cultura açoriana, nomeadamente no que concerne os rituais do Espírito Santo:

Ao estabelecer a Segunda-feira do Espírito Santo como dia dos Açores, assentou-se em que a região era herdeira de um património simbólico e imaterial, que lhe empresta coesão, coerência e harmonia. De facto, as festividades do Espírito Santo consubstanciam o nosso imaginário popular, pois constituem um ato social de participação, de gregarismo e de identificação. Nestas celebrações, os Açorianos revisitam um inestimável tesouro que é transmitido de geração em geração, como uma pertença coletiva, e que sempre nos permitiu delinear utopias, espaços de fraternidade e campos de solidariedade. (Costa, 2007: 7)

TP	TC
1. a quem coubera coroar na sexta domingo de Espírito Santo (17)	à qui incombait d'exécuter le rituel du couronnement en ce sixième dimanche du Saint-Esprit (26)

2. a coroa do Divino (17)	la couronne du Divin (26)
3. as cozeduras de pão e de massa sovada (17)	les cuissons de pain maison et de cette sorte de brioche appelée <i>massa sovada</i> (26)
4. mais as carnes (cozidas e em alcatra) (17)	les viandes aussi (cuites et en ragoût, <i>l'alcatra</i> ) (26)
5. as « brindeiras » dos inocentes (17)	les <i>brindeiras</i> des innocents, des petits pains sucrés que l'on donne aux enfants (26)
6. “função” (17)	la <i>função</i> , le repas festif de ce jour sacré (26)
7. coroas, bandeiras, varas, tochas e bastões (18)	des couronnes, des drapeaux, des verges, des torches et des bâtons (27)
8. não fora sorte de pelouro para “irmão” (19)	n'était pas un hasard du tirage au sort entre « confrères » (27)

Como se depreende das afirmações de Carlos César, então presidente do Governo Regional dos Açores, transcritas mais acima, as festas do Espírito Santo encerram um simbolismo ímpar para os açorianos. Envolvem um conjunto de rituais e de adereços muito particulares. Esta condição das festas do Espírito Santo criou uma dificuldade acrescida no momento de reproduzir o contexto para o público-alvo da tradução. Pese embora a necessidade de adicionar informação, optámos por não o fazer através de notas de tradução (de rodapé, de fim de capítulo ou de fim de texto), para não prejudicar a fruição da leitura. Assim, em geral, a solução passou por explicitar alguns referentes, integrando a informação no próprio texto, como são os casos 1. e 6. Nos casos 2. e 7, limitámo-nos a produzir uma tradução tendo por base correspondentes interculturais, menosprezando eventuais conotações contextuais. Esta opção foi tomada por estarmos em presença de um léxico mais comum.

Nos três casos seguintes (3., 4. e 5.), por ausência de correspondentes na língua de chegada, mantivemos os termos *massa sovada*, *alcatra* e *brindeiras* com um complemento explicativo que possibilitasse a compreensão do texto. A estratégia passou por aludir à gastronomia francesa com o intuito de estabelecer um paralelo explicitador. Por outro lado, a preservação da designação utilizada no contexto de partida abre espaço para o leitor aprofundar, livremente, o conhecimento daqueles elementos.

Refira-se, antes de concluir esta secção, que apenas a pesquisa bibliográfica e as entrevistas informais efetuadas tornaram possível apreender os detalhes dos rituais das festas do Espírito Santo. Só desta forma, conseguimos que o significado de expressões como *sorte de pelouro* (exemplo 8) se aclarasse, evidenciando que o cargo de *mordomo* ou é sorteado, ou é atribuído em função de uma promessa por cumprir.

## Outras Referências à Religiosidade

O narrador não perde uma oportunidade para construir com as referências à religiosidade uma ambiência onde o imaginário divino está omnipresente. Assim, desenha uma componente fundamental da existência insular açoriana.

TP	TC
1. um joânico sinal dos tempos (14)	un signe johannique des temps (24)
2. O fumo dos seus tormentos se levantará pelos séculos dos séculos — Apocalipse, 14, 11 (17)	Et la fumée de leur tourment monte aux siècles des siècles — Apocalypse, 14, 11 (26)
3. Que terço mal rezado : « Avé-Maria, cheia de graça... (19)	Quel chapelet mal récité : « Je vous salue Marie, pleine de grâce... (27)
4. em escândalo digno de pedra ao pescoço, como manda o Evangelho (23)	un scandale digne de pierre au cou, comme l'ordonne l'Évangile (30)
5. em prato para o Menino Jesus (27)	une assiette pour l'Enfant Jésus (33)
6. Mas, os desígnios de Deus são sempre misteriosos e o casal, conformado com a Santa Vontade (41)	Mais les desseins de Dieu sont toujours un mystère et le couple, résigné à la Sainte Volonté (42)
7. Se conhecesse a vida de Cristo, julgaria reviver uma entrada hossanística em Jerusalém (47)	Si elle connaissait la vie du Christ, elle croirait être en train de revivre une entrée hosannistique à Jérusalem (47)
8. Os dois e o resto da família faziam uma trindade tão una e indivisível que nenhuma religião, misteriosa ou não, conseguia fazer vingar à face da terra. (49)	Ils formaient avec le reste de la famille une trinité si unie et indivisible qu'aucune religion, mystérieuse ou pas, n'était capable de faire triompher sur terre. (48)
9. mandá-lo desobrigar-se pela quaresma (51)	on ne lui ordonnerait pas de s'acquitter de ses obligations du Carême. (49)

De um modo geral, a tradução destes casos baseou-se em correspondentes interculturais diretos, tendo em conta que a cultura francesa partilha com a cultura portuguesa esta matriz religiosa. Não obstante esta simetria aparente, houve necessidade de verificar as citações bíblicas, nomeadamente, as que constam em epígrafe dos capítulos, cujo caso 2 é um exemplo, consultando o próprio autor, Álamo Oliveira. Segundo as indicações recolhidas, foi utilizada uma versão de 1954, traduzida da Vulgata pelo Padre Matos Soares, nas Edições da Sociedade de Papelaria, ou seja, uma versão muito difundida e tida como credível. Assim sendo, optámos por utilizar a versão da Associação Episcopal Litúrgica para os Países Francófonos, por ser considerada como a versão oficial pelas autoridades eclesiásticas, por ter sido traduzida diretamente da Vulgata e por estar disponível em linha.

Outros casos ilustram bem a complexidade do discurso narrativo quando se imiscui na referenciação bíblica, aludindo a episódios ou a figuras do texto sagrado. Qualquer intervenção no texto de partida tendo em vista a sua passagem para outra língua implica que o tradutor saiba do que o texto fala. Todas as áreas da cultura se movem em territórios muito vastos onde persistem campos recônditos. O primeiro movimento do tradutor destina-se a desvelar as regiões mais sombrias do texto. Contudo, se concordamos com a necessidade de compreender antes de traduzir, entendemos igualmente que a manipulação do texto de partida decorrente do ato translatório se deve pautar pela primazia do texto de partida, significando que o objetivo prioritário é o de reproduzir, na medida do possível (é aí que as opções de tradução divergem), as suas características essenciais.

Observando os casos acima destacados, pode verificar-se que escolhemos traduzir recorrendo aos correspondentes mais diretos, independentemente das dificuldades que pudessem ocasionar junto do leitor-alvo. Os índices de religiosidade baseiam-se, muitas vezes, em dados um tanto ou quanto subjetivos. Em maio de 2017, antes do centenário das “aparições” de Fátima, o Serviço Central de Estatística da Igreja anunciava que 88,7% dos portugueses são católicos. Todavia, de acordo com os dados compilados e facilmente consultáveis na sua página *online*, a base de dados do Portugal contemporâneo, vulgo Pordata, dando eco a um estudo do Instituto Nacional de Estatísticas, divulga que, em 2016, 64,7% dos casamentos foram não católicos. Em França, a Conferência Episcopal admitia que, aproximadamente 65% da população se declarava católica em 2010, seguindo um estudo do Instituto de Sondagens, Ifop. Destes, apenas 7% afirmavam frequentar a missa, pelo menos uma vez por mês. Outro indicador interessante que pode ajudar a compreender o lugar do facto religioso na identidade de um povo é o da Educação Religiosa no Ensino Público. Havia, em Portugal, 270 000 alunos (25% do total), a partir do 2º Ciclo, inscritos na disciplina de Religião e Moral nos estabelecimentos de ensino público, no ano letivo 2011/2012, segundo dados da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência. Em França, não existem aulas de educação religiosa nas escolas públicas desde 1882, mas 16% dos alunos frequentam escolas privadas, na sua maioria católicas. Esta realidade levou Christian Starck a escrever em 2003, no nº53 da Revista Francesa de Direito Constitucional:

La mise à l'écart de la religion de l'enseignement de l'école publique a conduit entre-temps en France à ce que pour beaucoup de gens, et pas seulement pour les jeunes, « Trinité » n'est plus comprise que comme une station de métro et « Pâques » que comme une date pour les vacances de printemps. On ne sait plus non plus comment expliquer à une classe les tympans du portail ouest de la cathédrale Notre-Dame de Paris (Jugement dernier, couronnement de Marie, Sainte-Anne), une scène de crucifixion de Tintoretto ou le roman d'Aragon : « La semaine Sainte ».

Como se percebe, quando se trata de avaliar objetivamente a importância da vida religiosa num determinado país, os dados podem parecer contraditórios. Independentemente das dificuldades em assimilar as referências religiosas por parte do leitor francófono, assumimos algum pudor no momento de ponderar a sua explicitação. De facto, o autor não as quis mais explícitas e as dificuldades de interpretação também se colocaram ao leitor do texto de partida. “Rezar o terço” no âmbito das festividades do Espírito Santo (que tem a força do rito) (3), o Evangelho (4), a alusão ao milagre da multiplicação dos pães (5), a submissão (inerente à fé) aos desígnios da Santa Vontade (6) e às obrigações da quaresma (9) e o simbolismo da trindade e de Cristo na chegada a Jerusalém (8 e 7) eram traços indeléveis do TP no retrato fundamental da vida espiritual açoriana que, por isso mesmo, quisemos manter, tanto quanto possível, *intactos* e equidistantes na relação entre os textos e os seus leitores respetivos.

### **1.3. Referências à Cultura Portuguesa**

Como vimos nos casos que analisámos anteriormente, não se torna fácil, para o tradutor, “reescrever”, mantendo os elementos culturais originais, quando não existem correspondentes referenciais na cultura recetora:

Ao aproximar culturas díspares, [a] reescrita manipula um texto literário de modo a funcionar numa determinada sociedade, de uma determinada maneira. Logo, a tradução não envolve a transferência de significados, mas dos valores comunicativos do texto de partida. Conclui-se, portanto, que, para o êxito de qualquer tradução, é importante que centremos a nossa atenção não nas palavras, isoladamente, nem no texto, por si só, mas no contexto, sob o ponto de vista histórico e cultural. [...] O problema principal que se coloca é que culturas diferentes, logo, línguas diferentes, conceptualizam e criam símbolos

de várias formas, já que cada língua tem as suas referências, seus usos e suas normas; cada povo, suas crenças e seus valores. (LIMA, 2009: 59-65)

Em *Burra Preta com uma lágrima*, a liberdade e a integridade moral da protagonista são postas à prova num contexto em que a marcha da História exerce um papel importante. Este facto, que influencia toda a narrativa, combinado com outros elementos culturais de âmbito nacional colocaram um desafio suplementar ao ato de traduzir. É o que pretendemos mostrar com os casos seguintes:

TP	TC
1. A tia Anica — a única que conheci que não era de Loulé (12)	La tante Anica – la seule que j’ai connue qui n’était pas de Loulé (23)
2. Lembre-se a Menina do Capuchinho Vermelho, a Alice no País das Maravilhas, a Carochinha e tantos outros heróis de tantas outras estórias... (13)	Rappelez-vous le Petit Chaperon Rouge, Alice au Pays des Merveilles, le Chat Botté et tant d’autres héros de tant d’autres histoires (23)
3. Fernão Lopes (28)	Fernão Lopes <sup>1</sup> (34) [Fernão Lopes fut le chroniqueur du Royaume pendant les Grandes Découvertes portugaises du XV <sup>e</sup> siècle.] (67)
4. 25 de Abril (30)	le 25 avril 1974, le jour de la Révolution (35)
5. pecês (30)	partis communistes (35)
6. linguça (30)	<i>linguiça</i> , le saucisson du terroir local (36)
7. presidente da Junta de Freguesia (35)	président du Village (40)
8. presidente da Câmara Municipal da Vila (36)	maire de Vila de Madalena (40)
9. doutores (19)	bourgeois (27)
10. como Fernando Pessoa, anos antes, tivera sono (40)	comme Fernando Pessoa <sup>3</sup> , des années auparavant, avait eu sommeil (41) [Allusion au poème <i>O Sono que Desce Sobre Mim</i> [Le Sommeil qui Tombe Sur Moi] de Fernando Pessoa.] (67)
11. porco da matança do ano (42)	le porc pour l’abattage annuel (43)
12. folares (47)	gastronomiques <i>folares</i> <sup>4</sup> (47) [Le pain de Pâques au Portugal, dont la recette varie selon les régions. La coutume veut que les parrains en offrent à leurs filleuls.] (67)
13. Zeca Afonso em “Grândola Vila Morena” (65)	Zeca Afonso et “Grândola Vila Morena <sup>5</sup> ”. La Révolution pouvait commencer. (60) [“Grândola Vila Morena” est une chanson écrite et interprétée par Zeca Afonso qui servit de signal pour enclencher la Révolution des Œillets au Portugal, le 25 avril 1974, mettant fin à un des derniers régimes autoritaires d’Europe.] (67)
14. Salazar (73)	Salazar <sup>8</sup> (65) [Homme politique portugais, inspirateur et figure centrale du régime autoritaire qui gouverna de 1932 à 1968.] (67)



A via de tradução mais fácil, porventura, destes casos passaria por acrescentar indiscriminadamente a informação suficiente para colocarmos o leitor-alvo, no mínimo, em pé de igualdade com o leitor do texto de partida. No entanto, o *modus operandi* para levar a cabo esta tarefa levanta algumas questões, como iremos ver, começando já pela questão das notas de rodapé:

O texto literário suporta mal a nota de rodapé [...] penso que faz mais sentido a manutenção da estranheza, com um complemento explicativo, de preferência no próprio texto, evitando a nota de rodapé. Este terá, aliás, de ser o caminho em situações para as quais não há correspondência na língua de chegada como os topónimos, os nomes de figuras históricas... (Barrento, 2002: 38-39)

A recomendação de um uso parcimonioso das notas de rodapé aplica-se sobretudo à tradução literária por razões que se prendem com a fluência desejável da leitura (recreativa) e com a estética discursiva.

Em nossa opinião, as notas explicativas instigam a curiosidade do leitor e podem funcionar como uma forma de compensação tendo em conta o distanciamento natural do leitor do TC relativamente ao contexto cultural do TP. As estratégias de incorporação das nossas notas explicativas variaram desde a sua inserção na narrativa, propriamente dita (caso 4), opção mais discreta, digamos assim; à inserção de um indício no parágrafo, mas que remete para uma explicitação mais completa no fim da narrativa (casos 12 e 13), opção interessante que desambigua, mas que não levanta totalmente o véu; e a uma nota explicativa apenas no fim da narrativa, para uma informação mais sistematizada, opção mais disruptiva para os ritmos de leitura (casos números 3, 10 e 14). Esta última opção foi tomada quando entendemos que outras não seriam eficazes ou quando a sua relevância não justificou uma intervenção mais pronta.

Quanto às outras referências culturais desta secção, as estratégias aplicadas tiveram de ser diversificadas, atendendo à natureza plural das situações.

O caso 1 apresenta uma referência cultural que não justificou qualquer tipo de explicitação, dado que não integra a intriga. Estando situada no capítulo omissivo, não faz alusão a qualquer das personagens da ação principal. Contribui, é verdade, para sublinhar o humor do narrador e a sua apetência pelo comentário sob a forma de apartes. Portanto, limitamo-nos a traduzi-la literalmente, deixando ao critério do leitor



da tradução, em caso de dúvida, uma exploração mais completa do seu significado. É um caso típico de sobriedade tradutiva, de quase apagamento, que se justifica, no entanto, em função do seu papel irrelevante na narrativa, um dos critérios que determina a maior ou menor exposição do trabalho do tradutor na manipulação do texto.

No caso 2, o autor, para validar um argumento, indica três contos infantis tradicionais onde intervêm animais falantes (O Capuchinho Vermelho, Alice no país das maravilhas e a Carochinha). A Carochinha é um conto popular português e, dos três citados, será o único que tem enraizamento exclusivamente na cultura portuguesa. Era impossível fazer passar a referência a um conto infantil e à cultura portuguesa em simultâneo. Como tal, entendemos que havia necessidade de adequar (recorrendo à equivalência dinâmica) a referência utilizada pelo autor para que pudesse funcionar a referência a um conto infantil popular na cultura francesa, o que serviria melhor os propósitos do texto de partida. Tal foi possível com uma transposição para outro conto infantil associado a um autor francês, Charles Perrault, devidamente ancorado na cultura francesa e cujo herói é um gato falante, conhecido entre nós pelo nome de Gato das Botas.

Em 9, levantava-se o problema da polissemia, isto é, da *coloração* que uma palavra adquire consoante a sua *roupagem*, a teia de sentidos que se urde à sua volta, de acordo com a missão que lhe for atribuída. “E depois é tudo doutores...” diz Joaquim Maúrça. O termo “doutores” é usado para designar, segundo a tradição portuguesa, os licenciados, mormente das áreas humanísticas. Neste contexto, remete para indivíduos que defendem os seus privilégios em detrimento de pessoas mais desfavorecidas. O uso da palavra é, portanto, pejorativo e fortemente conotativo. Na viagem para o TC (que é sempre um texto novo, lembre-se), era importante salvaguardar — assumindo de antemão que seria difícil encontrar um equivalente perfeito — o sentido crítico com que a personagem usa o termo para classificar aquele conjunto de indivíduos apenas preocupados com o seu bem-estar, desprovidos de nobreza e de abertura de espírito, fruto de uma sociedade estratificada com dinâmicas segregadoras das camadas mais baixas (das quais faz parte Joaquim Maúrça). Assim, acabámos por escolher a palavra “bourgeois” com maior carga conotativa de entre as várias opções possíveis, em detrimento de *privilégiés*, por exemplo (cuja função conotativa não é tão evidente), opção que corresponde àquilo que Eugene Nida classifica de equivalência dinâmica.

O caso 5 foi solucionado com a substituição da expressão original (“pecês” que é uma abreviatura própria do contexto português), por uma expressão mais universal, porque usada por extenso (*partidos comunistas*).

Da distinção entre Junta de Freguesia e Câmara Municipal (casos 7 e 8) dependia a compreensão dos mecanismos de nepotismo em funcionamento no espaço onde se desenrola a narrativa. Era fundamental levar o leitor da tradução a perceber as diferenças de dimensão e as dinâmicas de dominação daí decorrentes. Foi essa relação que quisemos reproduzir, acreditando que o cotexto era também suficientemente esclarecedor. O narrador informa-nos de que o presidente da Junta é um grande proprietário em Terra de Pão e que, por essa razão, terá sido cooptado pelo presidente da Câmara de Madalena. Apesar de não serem iguais as divisões territoriais e administrativas de França e de Portugal, o leitor francófono é capaz de interpretar jogos de influências em cargos políticos.

Em 6, o autor faz referência a um enchido tipicamente português, a *linguiça*, termo que não é transmutável. Nestes casos, mantivemos a palavra em itálico e acrescentamos uma tradução conceptual, ou definicional, que, portanto, descreve o que a palavra designa. É um aumento do texto inevitável, mas que preserva a proximidade essencial do leitor francófono com o sentido, dando-lhe a conhecer mais uma referência portuguesa e, do mesmo modo, familiarizando-o com o contexto cultural.

Finalmente, o caso 11 obrigou-nos a averiguar a possibilidade de haver a mesma prática cultural em França, a fim de nos certificarmos de como poderia ser percebida aquela referência. Tendo verificado que, efetivamente, existe, ou existiu, a mesma tradição de matar o porco caseiro numa determinada época do ano nas regiões mais rurais, limitámo-nos a usar a respetiva designação.

## **2. Tradução do Estilo do Autor**

Uma das principais dificuldades no manuseamento do discurso literário prende-se com o reconhecimento de uma estética autoral própria. Não basta entendermos a língua do texto, é necessário também captar a forma particular de determinado escritor manifestar os pensamentos e articular as expressões, o que constitui, afinal, as características que o distinguem e que o individualizam. O tradutor deve ir além das meras manifestações de superfície do texto a ser traduzido: ele deve ser capaz de

dominar a linguagem particular empregue no texto de partida, onde a forma mais elíptica poderá servir de indicador importante na descrição de uma cena particular ou de uma determinada personagem. O campo das marcas distintivas do estilo do autor, dos implícitos do texto — a sua camada hipodérmica —, constitui, pois, uma das áreas mais pertinentes para a análise da prática tradutiva do texto literário, por ser uma das que oferecem maior resistência à interpretação e reformulação.

Lembramos que a escrita inovadora e subversiva de Álamô Oliveira apresenta recursos tais como “o humorismo, a ironia crítica, a sátira, o grotesco, o registo burlesco, o fantástico, o estranho” (Cabral, 2010: 28), retrazendo um cenário em que a ilha surge encurralada e os seus habitantes atormentados pela escassez e pela impotência. São estes os traços gerais que iremos reencontrar aqui.

Convém assinalar, porém, que é difícil catalogar os casos dentro de segmentos estanques, querendo isso significar que alguns casos ou excertos contêm material linguístico relevante, do ponto de vista da análise tradutológica, e que preenche um espectro mais alargado do que qualquer uma das categorias criadas. No entanto, para efeitos práticos, cada caso foi tratado, exclusivamente, num dos campos.

## 2.1. Inventividade Lexical

Neste primeiro conjunto de exemplos que sublinham a capacidade criativa do autor, começámos por reunir palavras que iremos considerar neologismos, embora ainda não registados nos dicionários de língua portuguesa que consultámos<sup>22</sup>.

TP	TC
1. Aqui, as opiniões polipartiam-se e misteriorizavam-se. (12)	Là, les opinions se polypartageaient et se mystérifiaient. (23)
2. chuvinha espierradeira (20)	pluie éternuante (28)
3. nascer em ato quase desanimal (26)	naître d’un acte quasi inanimal (33)
4. o destino de Burra Preta [...] ficou estrelarmente traçado. (29)	le destin de Bourrique Noire [...] fut stellairement tracé. (35)
5. vocação detectivesca (30)	vocation détectivesque (36)
6. pifiados acordes da banda (30)	accords pénibles de la fanfare (36)

<sup>22</sup> *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*, 2013, *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa*, *Dicionário Aurélio de Português Online* e *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, da Academia das Ciências, 2001.

7. as palmolivadas narinas (36)	les narines palmolivées (40)
8. passos salerosos (45)	un pas <i>saleroso</i> (45)
9. hossanística (47)	hosannistique (47)
10. Burra Preta ginasticava o cérebro (52)	Bourrique Noire gymnastiquait le cerveau (50)
11. suplessamente oxfordiana” (55)	une souplesse oxfordienne (52)
12. Uma espécie de hibernação buzilar entrava (57)	Une espèce d’hibernation coquillée pénétrait (54)
13. a terminologia florescente da revolução cravalhesca (69)	la terminologie fleurissante de la révolution oeillétique (62)
14. desdemagogicadas de qualquer empirismo político-saloio (69)	Dédémagogiquées d’un quelconque empirisme politico-provincial (62)
15. gosto mais do amor na sua posição camal (72)	j’aime davantage l’amour dans sa position litale (64)

Diga-se que, não estando lexicografadas, estas palavras cumprem com as normas mais comuns de criação lexical, daí terem quase sempre um grau de aceitabilidade elevado, extraindo-se o seu sentido com alguma naturalidade. O seu cotexto imediato proporciona um efeito humorístico. O número de casos atesta a importância deste recurso e a sua originalidade vinca a estética narrativa do autor. Procurámos preservar o espírito do autor, criando assim palavras que pudessem ser entendidas como neologismos na língua de chegada, tendo por base os mesmos processos de derivação.

Isso implicou várias etapas na sua manipulação: inicialmente, uma decomposição visando a identificação do núcleo da palavra (o termo primitivo, digamos assim), a análise do seu processo de formação e a descodificação do seu sentido; numa segunda fase, tendo por base o seu sentido, tratava-se de obter um termo primitivo na língua de chegada com o mesmo significado e que permitisse uma derivação semelhante, seguindo o modelo do texto de partida. Este foi o processo para palavras como: “buzilar”, “camal”, “espirradeira”, “desanimal”, “estrelarmente” ou “palmolivadas”. A exceção neste conjunto de palavras é “salerosos” (9). Desta feita, o autor utilizou um estrangeirismo de origem espanhola para qualificar os primeiros passos de Burra Preta com ferraduras e assim criar uma imagem mais literária. Decidimos conservar a palavra, formando assim um estrangeirismo na língua de chegada que poderá funcionar de igual modo, tendo em consideração a proximidade do francês e do castelhano.

Ainda no campo das palavras “inovadoras”, acrescentámos ao nosso comentário três ocorrências que, sendo vulgares na língua de partida, apresentam uma estrutura quanto ao grau do adjetivo (superlativo absoluto) bem menos usual na língua de chegada. Referimo-nos aos adjetivos “ruralissime” (TC: 30), “secrètissime” (TC: 36) e

“sérénissime” (TC: 38) que encaramos como traduções literais de “ruralíssima”, “secretíssimo” e “sereníssimo”, usados pelo autor no texto de partida. São casos que vêm reforçar a sensação de estranheza por parte do leitor da tradução e que intensificam a originalidade do texto.

Casos há que demonstram o quanto a tradução está dependente da interpretação do texto e provam que, perante uma interpretação cuidada do texto e alguma capacidade recriadora, haverá sempre possibilidades de tradução. Atentemos no excerto seguinte:

Burra Preta não sabia o que mais a irritava no filho do presidente da Junta : se aquele ar despreocupado, com pasta em calfe e lancheira inchada ; se o fato miúra a fugir pró grande, que lhe deixava a cabeça saliente como a de pinto gargaludo (TP: 36);

Bourrique Noire ne savait pas ce qui l’énervait davantage chez le fils du président du Village: son air insouciant, avec sa mallette en cuir tanné et son goûter copieux; ou alors sa tenue longue et grêle, où sa tête pointait comme celle d’un poussin au cou frêle (TC : 40)

O vocábulo “miúra” (que significa literalmente “em forma de cauda de rato”: aplicado ao fato da personagem, poderá entender-se que é *estreito*, mas demasiado grande) ocorre neste contexto completando a descrição negativa e cómica da personagem. Todos os elementos descritivos evocados se revestem de uma consonância pejorativa. O adjetivo “grêle” sublinha a magreza excessiva e rima com a solução encontrada para a comparação que surge na oração relativa: “cou frêle”. Se avaliarmos estas opções em função dos critérios que definimos no início do comentário, então constatamos que o texto de chegada, designadamente neste excerto, é de leitura aprazível e fiel às características do texto em matéria de construção da personagem.

Os casos desta última categoria, e certamente das próximas também, enquadram-se, no que toca às exigências que se colocam ao tradutor, naquilo que João Barrento descrevia como uma “enorme capacidade imaginativa” (Barrento, 2002: 23). É, pois, esta aptidão para imaginar sentidos mais dissimulados que se espera do tradutor, quando este tem a tarefa de decifrar excertos como o seguinte, (caso 11):

é falta de chá, devendo pronunciar-se o chá de forma suplessamente oxfordiana (TP: 55)

un manque de flegme, flegme devant se prononcer avec une souplesse oxfordienne (TC : 52)

Acrescenta João Barrento que a tradução literária “não deve *resolver* os fenómenos de conotação, alusão, polissemia e ambiguidade, mantendo-os a funcionar de forma homóloga” à do texto de partida (Barrento, 2002: 36). Dissecando os elementos mais resilientes à tradução do excerto mais acima, diríamos que se situam a nível idiomático, mormente na expressão “falta de chá” e no seu desdobramento humorístico aludindo ao estereótipo britânico, povo que associamos ao consumo daquela bebida e a um comportamento impassível. A tradução da parte final do excerto esteve mais próxima daquilo que entendemos ser a dialogicidade (entre a cultura do texto de partida e o leitor do texto de chegada) desejada neste tipo de exercício, sem nunca perder de vista a fidelidade ao texto.

## 2.2. Registo de Língua Familiar

O fenómeno das variações linguísticas, mormente as de origem diatópica e diastrática, promove no texto literário de cunho realista o surgimento de níveis de língua diversificados. "A prosa literária caracteriza-se, em primeiro lugar, pelo facto de captar, condensar e misturar todo o espaço polilinguístico de uma comunidade. Mobiliza e ativa a totalidade das “línguas” que existem numa língua. [...] Daí que este cosmos linguístico que é a prosa [...] se caracterize por uma certa *informidade*" (Berman, 1997: 42). Veja-se este excerto em que alterna o registo estilizado do narrador e o registo oral da personagem António Filho:

Só António Filho emudecera num quebranto paranoico, quedando-se entre a incredulidade e o fascínio e deu por si taramulando com admirada tristeza, “Já me tinham dito que o gajo era doido. E eu defendia que o gajo era bom! (TP: 61)

Seul Antonio Filho devint muet, prostré et paranoïaque, plombé entre l’incrédulité et la fascination, puis il se surprit lui-même à répéter d’une tristesse stupéfaite, « On m’avait déjà dit que le mec était fou. Et moi qui défendais que le mec était bien ! (TC : 57)

Em *Burra Preta com uma lágrima*, o contexto social das personagens associado ao realismo do texto deixava antever ocorrências frequentes de um registo de língua mais familiar. Dada a sua função na caracterização das personagens e do espaço social, era importante preservar a autenticidade dessas passagens. Assim, recorrendo a palavras

e expressões do mesmo registo na língua-alvo, pretendemos criar o efeito correspondente.

TP	TC
1. espigadota, torneadinha (33)	grandelette, bien galbée (37)
2. pernas [...] cheinhas (33)	jambes [...] rondelettes (37)
3. moita ! (33)	motus! (37)
4. tinha um fraquinho (34)	elle avait un béguin (39)
5. bem feitinha (40)	bien taillée (42)
6. malzinho de peito (42)	un mal de poitrine (43)
7. amanho das terras (42)	labour des terres (43)
8. bolas! (45)	mince! (45)
9. Custava um pedacinho. (47)	C'était un petit peu dur. (47)
10. “Já me tinham dito que o gajo era doido. E eu defendia que o gajo era bom!” (61)	« On m'avait déjà dit que le mec était fou. Et moi qui défendais que le mec était bien ! » (57)

A descrição da personagem Burra Preta, por exemplo, comporta opções morfo-lexicais muito marcadas a denotarem uma relação afetiva com aqueles que a rodeavam. Em “espigadota”, “torneadinha”, “cheinha” e “bem feitinha”, encontramos sufixos que carregam todo o significado que acabámos de identificar. Para recuperar todo o sentido da descrição, optámos por declinar os adjetivos “grande” e “ronde” com o sufixo diminutivo “-ette”, de acordo com o nível familiar do texto de partida, resultando nas formas “grandelette” (espigadota) e “rondelette” (cheinha). “Torneadinha” e “feitinha” levantavam outro tipo de dificuldade por não encontrarmos diminutivos semelhantes em Francês. No entanto, a polarização positiva da descrição foi mantida com a anteposição do advérbio “bien” aos adjetivos “galbée” e “taillée”. Por último, face à utilização do nome “boniteza” de uso pouco frequente e algo familiar, escolhemos “joliessse” que nos parece causar o mesmo tipo de estranheza, tendo em vista a receção do texto por parte do leitor de chegada.

### 2.3 Expressões Idiomáticas

Reencontramos aqui o tom irónico e autorreflexivo do autor. As expressões em destaque ora alimentam verdadeiras diatribes (de um narrador que interpela o leitor: ver o capítulo VI de *Burra Preta com uma lágrima*), ora pontuam sequências narrativas com humor. Jorge Almeida e Pinho, em *O Escritor Invisível*, integra as expressões idiomáticas no conjunto das *peculiaridades da linguagem* que, segundo ele,

“representam opções estilísticas resultantes da intencionalidade do autor de contextualizar ou evocar determinadas ambiências, reforçando a integração cultural das personagens ou da totalidade da obra na comunidade ou na sociedade para a qual são criadas em primeira mão.” (Pinho, 2006: 112) Contribuem para a expressividade e a originalidade do texto.

TP	TC
1. de falinhas mansas (13)	la bouche en cœur (23)
2. salvo seja ! (30)	sans vilain jeux de mots ! (36)
3. . perdia [...] as estribeiras (34)	sortait [...] hors de ses gonds (38)
4. Santo Deus ! (35)	Grand Dieu ! (39)
5. Quem sai aos seus não degenera. (41)	Bon sang ne saurait mentir. (42)
6. são como pêros (41)	sains comme des pommes (42)
7. Dois anos já cá cantam. (41)	J'ai déjà deux années sur le dos. (42)
8. A verticalidade do meu carácter (quem há-de gabar o noivo?)... (54)	La verticalité de mon caractère (il n'y a point de laides amours !) (51)
9. Faça-o, pela sua rica saúde. (54)	Faites-le, pour votre riche santé. (51)
10. Segundo consta, é delas que o inferno está cheio. (55)	Il semblerait que l'enfer en est pavé. (52)
11. falta de chá (55)	manque de flegme (52)
12. “ensaboa falsidades” só para ser agradável. (58)	ne « fait pas mousser » quelqu'un juste pour être aimable. (55)
13. Graças a Deus [...] (73)	Dieu soit loué [...] (65)

Observando os casos em apreço, percebe-se que se trata, sobretudo, de expressões que, criando imagens e captando emoções, funcionam como um todo que não pode ser entendido nem traduzido de forma literal. Para Vinay e Darbelnet, as soluções tradutivas nestes casos formam aquilo que designam por *equivalências* (Vinay e Darbelnet, 2000: 90), ou segundo Roman Jakobson uma *transposição criadora* (Jakobson, 1963: 86). Fortunato Israel lembrará num texto sobre tradução literária e teoria do sentido “que qualquer tradução implica escolhas dependentes de uma tarefa interpretativa [...] não consiste em dar conta das palavras, nem em aperfeiçoar um instrumento de conhecimento, mas em recriar a magia que ressalta de todas as componentes afetivas e nocionais da obra.” (Israel, 1997: 78)

Esta última posição, que privilegia o sentido, embora discutível, como veremos a seguir, foi a posição seguida nos casos 1, 2, 4, 5, 8, 10, 11 e 13, em que, para além de mantermos o sentido, utilizámos expressões equivalentes, por serem também consideradas expressões idiomáticas, na língua de chegada. Em nossa opinião, estas soluções impuseram-se a nós, na medida em que as expressões são, na língua de partida,



de uso popular e contribuem, sobretudo, por isso mesmo, para a caracterização das personagens e do espaço sociocultural da narrativa. Reproduzimos, portanto, estes elementos no texto de chegada.

No entanto, tendo em consideração o objetivo de pôr em relevo a identidade da língua e da cultura de partida, na esteira dos estudos de Antoine Berman, para quem

[p]rocurar equivalentes não corresponde só a detetar um sentido invariável, uma idealidade que se exprime nos diferentes provérbios de língua para língua. É recusar introduzir na língua para que se traduz a “estranheza” do provérbio original [...] é recusar fazer da língua para que se traduz “a pousada do longínquo”, é, para nós, afrancesar: velha tradição. Para o tradutor formado nesta escola, a tradução é uma transmissão de sentido que, ao mesmo tempo, deve tornar esse sentido *mais claro*, limpando-o das obscuridades inerentes à estranheza da língua estrangeira. (Berman, 1997: 17)

adotámos uma estratégia menos *tradicional*, nos casos 3, 6, 9 e 12. Com efeito, manifestámos neles a natureza secundária da tradução, aí reintroduzimos alguma da opacidade do texto de partida. Mais concretamente, em 3 e em 12, preferimos uma versão da expressão menos usual na língua de chegada, mas que se adequa melhor à época e ao meio rural da narrativa e que está mais próxima do campo lexical e dos efeitos literários do texto de partida (as opções, com sentido *mais claro*, seriam “perdre son sang-froid” e “raconte des mensonges”, respetivamente). Em 6 e em 9, delineámos uma tradução “palavra a palavra” para partilhar o universo de referência do texto de partida, disseminando a estranheza da língua estrangeira.

#### **2.4. Particularismos Estéticos**

Os particularismos estéticos, marcas distintivas do autor, surgem através de formulações inéditas e dificilmente repetíveis por outras palavras, daí não serem sempre traduzíveis através de soluções prontas ou já experimentadas. Por outro lado, estes particularismos tendem a contribuir para a contextualização da narrativa, para a caracterização das personagens e para satisfazer intenções de índole estilística onde o sentido crítico combinado com a ironia estão omnipresentes. No ato de traduzir, tendo em conta a ambiguidade própria de algumas figuras de estilo, tentámos reproduzir os mesmos efeitos afastando-nos o menos possível das fórmulas linguísticas utilizadas pelo autor do texto de partida.

## Comparações

As comparações são, porventura, o recurso estilístico mais frequente no texto. Como iremos ilustrar através de alguns exemplos, a sua função está sobretudo associada à caracterização das personagens e do espaço, acrescentando elementos que aproximam o leitor do ambiente geral da narrativa.

TP	TC
1. E todos deixavam transparecer um ar alegremente grave, assim como quem dorme sem receio de morrer. (17-18)	Et tous laissaient transparaître un air joyeusement grave, comme celui qui dort sans craindre la mort. (26)
2. fiel como peregrino penitente (21)	fidèle comme un pèlerin pénitent (29)
3. « O tio Joaquim, apesar de ser bom como cama em dia de cansaço... » (34)	« L'oncle Joaquim, même s'il était doux comme un lit après un jour de fatigue... » (38)
4. que lhe deixava a cabeça saliente como a de pinto gargaludo... » (36)	où sa tête pointait comme celle d'un poussin au cou frêle... » (40)
5. como se fossem botões em batina de padre (47)	comme si c'étaient des boutons sur une soutane de curé (47)
6. Eram somente dois adolescentes, vivos e sadios como caneca de leite fresco" (62)	"Ils n'étaient que deux adolescents, vifs et sains comme un bol de lait frais » (58)
7. "habituaram-se um ao outro como lapa à concha." (62)	"s'étaient habitués l'un à l'autre comme une patelle à son rocher. » (58)
8. "num beijo demorado, imprevisível como a morte, mas tão doce como sono de menino." (64-65)	"un long baiser, imprévisible comme la mort, mais aussi doux que le sommeil d'un enfant » (59)
9. "Sentia a cabeça como vulcão rebentado." (70),	"Elle sentait sa tête comme un volcan qui a explosé. » (63)

Como já referimos, o objetivo foi sempre o de privilegiar uma tradução tão próxima quanto possível das escolhas lexicais do autor e dos efeitos criados através destes particularismos. No primeiro dos casos acima selecionados, a antítese "alegremente grave" foi transposta literalmente sem dificuldade: "joyeusement grave". O elemento comparativo que se segue, "como quem dorme sem receio de morrer", teve apenas uma transposição de classes de palavras, mas que não modificou o sentido do TP, onde se lê uma certa beatitude das personagens.

Nos casos 2 e 5, as comparações intrometem-se no imaginário religioso, sendo que a tradução literal também foi eficaz, na medida em que os referentes interlinguísticos encontram um paralelismo absoluto, conservando-se os efeitos almejados. No caso 3, a comparação tem um cariz mais secular que exigiu, na nossa ótica, uma formulação um pouco mais explícita e a escolha de outro adjetivo, "doux",

por ser mais ambivalente e mais sugestivo, quando atributo de “homem” e de “cama”. A comparação, em 4, também tem um efeito humorístico fruto de uma opção lexical mais inventiva (“gargaludo”), cuja tradução, “perifrástica” (“au cou frêle”), desencadeou um empobrecimento da imagem.

Em 6, 7 e 9, encontramos comparações que ajudam à configuração do espaço açoriano numa tríade que em nada devíamos defraudar, independentemente do estranhamento que pudessem causar no leitor do texto de chegada, tendo em conta que os elementos escolhidos pelo autor para o cotejo (“leite”, “lapa” e “vulcão”) são caracterizadores daquele espaço. A força das imagens assenta no exagero. Na tradução, preocupamo-nos em preservar as escolhas lexicais, procedendo apenas a ligeiros ajustes de natureza gramatical.

Finalmente, no oitavo caso, o autor descreve um beijo “proibido”, mas inocente. A opção tradutiva mais óbvia (porque literal) permitiu-nos criar a versão francófona que lhe corresponde.

### **Estruturas Com Sentido Metafórico**

As figuras de estilo com sentido metafórico conferem poesia ao texto, estimulam e promovem uma reconstrução mental, por parte do leitor, das ideias contidas nas expressões utilizadas pelo autor, uma vez que o sentido último só se obtém com uma leitura “au second degré”.

TP	TC
12. as mulheres, estampadas (17)	les femmes, estampées (26)
13. o coração amarrotado (19)	le cœur froissé (28)
14. a ternura amortalhada (19)	la tendresse linceuillée (28)
15. rebentaram os diques do coração vazando a dor pelas comportas dos olhos (22)	les digues du cœur se rompirent en versant leur douleur à travers les déservoirs des yeux (29)
16. Foi, assim, que me armei cronista, cavaleiro andante desta tábua marítima e cavalguei campos e ondas (23)	Je devins, ainsi, chroniqueur, chevalier errant de cette table maritime et je chevauchai champs et vagues (31)
17. humana e decantada filosofia (25)	philosophie humaine et décantée (32)
18. de perna direita da mãe (42)	de jambe droite de sa mère (43)
19. verde estragado [...] vermelho esfolado (45)	un vert usé [...] un rouge écorché (46)
20. “Gostou dos cravos e da manhã daquele dia que prenunciava sol de chocalhar suor.” (67)	“Elle apprécia les œillets et la matinée de ce jour qui annonçait un soleil à se secouer la sueur.»(61)

A tradução das metáforas, por serem amostras únicas da língua, requerem uma intervenção que é vista por alguns autores como um trabalho de reprodução ou de transformação semiótica, no sentido em que engloba as componentes sintática, semântica e pragmática. (Bassnett, 2014: 34-35) No entanto, mantendo-nos fiéis ao nosso plano de ação, nunca pretendemos “alterar” o texto de partida sem que houvesse uma forte fundamentação com origem na relação das línguas em uso ou das culturas em contacto.

As metáforas do texto em análise assentam em encontros lexicais inesperados. Nos casos 12, 13, 14, 17 e 19, temos adjetivos e nomes a formarem combinações insólitas, onde se envolvem entidades mais humanas com qualidades menos humanas. Em 15, 16 e 18, constatámos associações inauditas (“os diques do coração a vazarem dor”, em 15, e “um cronista a cavalgar ondas”, 16) ou “invertidas” (“perna direita” em vez de braço direito, 18). Para manter o impacto criado no TP, que resulta da verve do seu autor, procurámos reproduzir as mesmas imagens, assumindo escolhas vocabulares semelhantes e, por conseguinte, um efeito comparável quando da leitura da tradução.

### **Repetições**

As repetições, menos frequentes, não deixam de constituir outro recurso significativo por sublinharem estados de alma muito vincados ou por reforçarem o fatalismo de determinada condição.

TP	TC
21. Ia triste, triste, triste. (18)	Il était triste, triste, si triste. (27)
22. ia lento, lento... — lento demais (20)	il marchait lentement, très lentement... — trop lentement (28)
23. E sempre, sempre, sempre a encontrei (23)	Et toujours, toujours, je l’ai toujours vu (43)
24. trabalhar, trabalhar, trabalhar (32)	travailler, travailler, travailler (37)

Quando sentimos a necessidade de aumentar a sua legibilidade na língua-alvo, intercalámos um elemento adverbial (em 21 e 22). Nos outros casos, entendemos que uma tradução literal seria satisfatória, visto que reproduzia os mesmos efeitos do texto de partida.

## 2.5. Questões de Sintaxe

Os casos analisados em seguida prendem-se com a sintaxe do texto, isto é, com a organização das palavras, o seu reagrupamento em várias unidades intermédias que formam o discurso e dão sentido às ideias. Constatámos que estes casos, grosso modo, consubstanciam fenómenos de expansão tradutiva, se tivermos em conta o crescimento do TC quando comparado com o TP. De certa forma, correspondem, ao mesmo tempo, à necessidade que sentimos, por vezes, de *normalizar* o texto para o tornar mais *legível* nos períodos pautados por elipses e omissões ou nos períodos muito longos:

Ainda de bibe, vizinhos de porta, habituaram-se um ao outro como lapa à concha. (TP: 62)

Ils étaient voisins depuis qu'ils portaient un bavoir et s'étaient habitués l'un à l'autre comme une patelle à son rocher. (TC: 58)

Como se pode observar, os elementos sublinhados no TP estão separados por uma vírgula, subsistindo entre si uma forma de elipse. De facto, são ambos argumentos que remetem para a caracterização da relação de António Filho e Rosinha. Clarificámos a relação entre os elementos, reformulando os modificadores nominais através de complexos frásicos ligados por subordinação e coordenação.

Primeiro, num medo divino de anjos batendo as asas; depois, em coragem cronometrada de febre a subir, para acabar num beijo demorado, imprevisível como a morte, mas tão doce como sono de menino. (TP: 64-65)

Au début, elles semblaient mêlées à une peur divine comme des anges battant des ailes ; puis, stimulées par le courage chronométré de la fièvre montante, elles formèrent, à la fin, un long baiser, imprévisible comme la mort, mais aussi doux que le sommeil d'un enfant (TC: 59)

Neste segundo exemplo, vemos que o autor criou um período longo onde não constam predicados verbais e em que estão sempre implícitas “as bocas” que se tocaram. Uma vez mais, a tradução tornou o texto mais explícito através dos pronomes pessoais e das formas verbais. Ter-se-á perdido a originalidade da construção, no entanto cremos que se manteve a poesia e o pudor da descrição, ganhando o texto de chegada em legibilidade.

Tombaram sobre a palha, boca com boca, respirações alteradas num desassossego de cio como chaleira a ferver. (TP: 65)

Ils se laissèrent aller sur la paille, leurs bouches l’une contre l’autre, leurs respirations bouleversées et frénétiques comme des animaux en chaleur ou comme une bouilloire en ébullition. (TC: 59)

Aqui, são igualmente visíveis os acrescentamentos. A repetição do determinante possessivo “leurs” permitiu não desmobilizar a imagem das personagens e trouxe um efeito estilístico novo. A apetência do autor pelas comparações levou-nos a reconfigurar a parte final criando duas comparações e uma dupla adjetivação por forma a contornar a dificuldade em traduzir a sequência “alteradas num desassossego de cio”. Julgamos que o cenário aludido se manteve, tendo-se perdido alguma da originalidade criativa do autor.

Ilhéus de baleia à vista, de arpão afiado e mar bravo nos olhos... (TP: 67)

Peuple insulaire qui a l’habitude de voir des baleines à l’horizon, avec un harpon aiguisé et une mer houleuse dans les yeux... (TC: 61)

Uma vez mais, fica demonstrado com este exemplo a dificuldade que tivemos em reproduzir determinadas construções nominais como “ilhéus de baleia à vista”. Sentimos a necessidade de “reconstruir” esses elementos acrescentando o que estaria implícito. Perde-se aqui um registo mais literário. Diríamos que redundava numa certa banalização do texto que teria de ser, eventualmente, compensada.

Naquele momento, sentia-se submergir em remorsos. Remorsos de não ter encorajado José Joaquim quando, dois anos antes, apareceu na freguesia uma rapariga emigrada, que tinha papéis americanos garantidos e que, de bom grado, teria optado por ele e não pelo rapaz da Luzia, que era o segundo da lista. (TP: 50)

A ce moment-là, il se sentait submergé par les remords. Des remords pour ne pas avoir encouragé José Joaquim quand, deux ans plus tôt, une fille émigrée est venue au village avec des papiers d’identité américains. Elle aurait volontiers choisi José Joaquim à la place du garçon à Luzia, qui n’était que le second de la liste. (TC: 49)

Noutros momentos, perante períodos muito longos, onde coabitam o “que” enquanto pronome relativo e o “que” conjunção integrante, optámos por criar uma pausa maior, transformando duas frases em três. Acreditamos que esta opção deu mais “fôlego” à leitura e contribuiu para desambiguar o texto num ponto em que a confusão não era desejável.

Gargalhando à frescura do seu ingênuo descobrir do corpo, amoleceram o arfar da corrida, de cabelos molhados, mãos dadas num escape de ajuda e agora quietamente depositas uma na outra sem que, houvesse já necessidade. (TP: 62)

Tout en riant de leur découverte du corps vigoureuse et naïve, ils assouplirent l'essoufflement de leur course, les cheveux mouillés. Leurs mains s'étaient liées d'entraide pendant la fuite et elles restaient sagement déposées l'une dans l'autre malgré l'absence, déjà, d'un réel besoin. (TC: 58)

O objetivo das alterações efetuadas neste último excerto coincide com a vontade de fluidificar o texto, subtraindo-lhe algumas estruturas mais complexas. Na frase retirada da página 62 do TP, António Filho e Rosinha são o núcleo temático inicial, registando-se um desvio do foco, na segunda metade. Optámos, assim, por dividir a frase elucidando, de certa forma, a segunda parte do período em que “leurs mains” assume o papel de núcleo temático. Apesar disso, o sentido mantém-se, assim como os efeitos estilísticos essenciais.

Lá vinha ele, aos saltos, passando muros e hortas, chegando solícito à tia Anica. (TP: 12)

Et lui, obligeant, le voilà qui arrivait auprès de la tante Anica, en sautant par-dessus murs et potagers (TC: 23)

Procedemos a uma manipulação da ordem das palavras (os saltos e a solicitude do gato trocaram de posição) pela dificuldade que tivemos em traduzir o início da frase, preservando, não obstante, o ritmo e o sentido. Aliás, terá sido, justamente, por querermos conservar o ritmo sincopado da frase que efetuámos as modificações observáveis. Esta estratégia poderá corresponder àquilo que Vinay e Darbelnet chamam de transposição (Vinay e Darbelnet, 2000: 88).

Burra Preta foi moldando e impondo a sua personalidade (TP: 49)

Bourrique Noire adapta et impose **progressivement** sa personnalité (TC: 48)

...foram chegando, agrupados por famílias... (TP: 17)

...ils arrivaient **tour à tour**, par groupement familial... (TC: 26)

O gerúndio presente nas frases acima destacadas determina a progressividade da ação, uma certa noção de durabilidade e de continuidade. Era importante manter esse sentido, de maneira que acrescentámos um advérbio e uma locução com essa finalidade.

São casos que mostram o quanto é necessário estar atento e ser-se criativo, numa tradução literária.

Novos eram os seus caminhos e os seus horizontes. (TP: 62)

**Tout autres étaient devenus** ses chemins et ses horizons. (TC: 57)

Para permitir que *caminhos* (sujeito oracional) se mantivesse à direita do verbo predicativo, tivemos de encontrar outra solução (em destaque no excerto). “Novos” passou para “Tout autres” e “eram” para “étaient devenus”. cremos que se mantiveram o registo e os efeitos originais. Mais um caso de criatividade tradutiva que vai ao encontro do conceito de recriação translatória que reivindica para si um estatuto de texto “à part entière”.

No entanto os « burros » são como os pobres : trabalhar, trabalhar, trabalhar, **mal receber e mal não dizer** que há sempre um pobre à vez para substituir o outro. (TP: 32)

Cependant, les « bourriques » sont comme les pauvres : travailler, travailler, travailler, **être mal payé et ne pas rouspéter** car il y a toujours un pauvre pour en remplacer un autre à tour de rôle. (TC: 37)

A necessária capacidade criativa de um tradutor volta a ficar patente neste exemplo. A principal dificuldade prendia-se com os efeitos criados pela construção “mal receber e mal não dizer” que, como se constata, se situam também ao nível dos sons, uma vez que estamos perante uma rima, aparentemente voluntária, se tivermos em conta a ordem das palavras que o autor escolheu. Deste modo, procurámos conservar esta particularidade no discurso, assim como as outras características, a saber o nível de língua familiar da expressão “dizer mal”. Variámos a modulação da frase com o verbo “payer” na voz passiva, mantendo, assim, num primeiro momento, o advérbio “mal”. Para o registo familiar, escolhemos o verbo “rous-péter”, que colocámos na negativa para preservar a rima. Julgamos que foram recriados os efeitos pretendidos em termos de sonoridade e do impacto que pudesse ter no leitor do texto de partida, relativamente ao estilo do discurso e ao quanto este serve para caracterizar as personagens (sublinhando a condição submissa dos homens e mulheres a que se refere).



## 2.6. Campo Lexical Equídeo

Uma das particularidades de *Burra Preta com uma lágrima* assenta no facto de a personagem principal ser uma burra. Esta circunstância implicou que o autor utilizasse o léxico equídeo a fim de concretizar a sua personificação heroicizada.

TP	TC
1. arreata (20)	longe (28)
2. arribana [...] palheiro [...] atafona (26)	domaine [...] hutte [...] moulin (32)
3. curral (29)	enclos (35)
4. arreios (31)	harnais (36)
5. rédeas (31)	rênes (36)
6. relincho (31)	hennissement (36)
7. crinas (31)	crinière (36)
8. focinho (31)	museau (36)
9. macho puro (31)	vrai mâle de race pure (36)
10. cocheira (40)	écurie (41)
11. baia (40)	auge (42)
12. égua (40)	jument (42)
13. ferradura (44)	fers à cheval (44)
14. ferrador (44)	maréchal-ferrant (45)
15. cravos compridos enterrados no sabugo tenro dos cascos (44)	longs clous enterrés jusqu'à la chaire molle des sabots (45)
16. cauda encrespada (45)	queue bien haut (40)
17. garupa emproada (45)	croupe bombée (45)
18. carroça [...] caixa [...] varais (45)	charrette [...] ridelles [...] brancards (46)

Pese embora se tratasse de uma tradução literária, este conjunto de palavras colocou-nos numa situação que aproximou, por momentos, esta tradução de uma tradução especializada, ao implicar o desenvolvimento de uma pesquisa "enciclopédica". É verdade que a cultura equestre e camponesa não são totalmente estranhas nas tradições francesas, daí que os termos existam. No entanto, a fim de aumentar os níveis de confiança na utilização tradutiva de algumas dessas palavras, lemos alguns textos da literatura francesa e universal como: *L'Âne* de Guy de Maupassant, *Mémoires d'un Âne* de la Comtesse de Ségur, *L'Âne* de Victor Hugo e *Eu, Lúcio — Memórias de um Burro* de Luciano. Diga-se que estas leituras foram úteis e ajudaram a definir também as nossas escolhas tradutivas para as palavras: “burra” e “burro”, de entre as hipóteses “ânesse”, “âne”, “bourrique” e “bourricot”, sendo que as duas primeiras acabaram por se impor pela sua frequência e total ausência de

ambiguidade quanto ao sexo do animal. Excetua-se desta análise, como expusemos anteriormente, o nome da personagem “Burra Preta”, para o qual procurámos uma tradução mais próxima das características sonoras originais: a opção “bourrique” nutria maior afinidade com “burra”. A outra possibilidade, “ânesse”, resultaria numa tradução pouco feliz do ponto de vista prosódico.

## Conclusão

Numa comunicação em 1984, introduzindo aquilo que o próprio considerava ser “uma crítica às teorias tradicionais que colocam o ato de traduzir como uma restituição embelezante do sentido”, Antoine Berman afirmava o seguinte:

A tradução é uma experiência que pode começar e (re)encontrar-se na reflexão. Mais exatamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão. Esta reflexão não é nem a descrição impressionista dos processos subjetivos do ato de traduzir, nem uma metodologia. [...] A tradutologia: a reflexão da tradução sobre ele própria a partir da sua natureza de experiência. (Berman, 1997: 18)

Com propósitos distintos, Lawrence Venuti, na sua obra mais emblemática, *The Translator's Invisibility*, já aqui citada, incitava os tradutores a falar criticamente sobre as suas práticas, por forma a conquistar um estatuto e uma autoridade, que lhes são, muitas vezes, negados. (Venuti, 2008: 274-275) A tarefa que empreendemos no capítulo anterior e que concluímos agora visa “pensar a tradução” com base na experiência levada a cabo neste trabalho, admitindo que “não existe *a* tradução, mas uma multiplicidade rica e desorientada, que escapa a qualquer tipologia, *as* traduções.” (Berman, 1997: 23) Jorge Almeida e Pinho, em *O Escritor Invisível*, depois de ter perscrutado as considerações de vários tradutores portugueses acerca das traduções que desenvolveram, deduzia que: “não existem regras rígidas que determinem os pensamentos e as ações de cada tradutor, não há leis de tradução que imponham as formulações mais adequadas”. Frequentemente, a execução de uma tradução é apenas inconsciente ou até instintiva por parte do tradutor. E, assim, “é difícil ao tradutor fazer uma descrição completa da forma como idealiza, e depois transmite, o que a pouco e pouco vai respigando do texto a traduzir. Tal como é difícil descrever o processo mental que conduz a cada escolha lexical.” (Pinho, 2006: 93)

Contornando esta ausência aparente de referências, o tradutor deverá orientar-se pelo conhecimento apurado da obra a traduzir, em todas as suas vertentes, e pelos objetivos fundamentais que terá definido no seu projeto de tradução, se quiser iludir, aquela que, para muitos, constitui a condição inexorável do tradutor,

por essência, um ser atormentado. Habitado pela profissão a representar papéis secundários, está permanentemente dividido entre o desejo de reproduzir o mais fielmente possível aquilo que recebe, de representar o

melhor possível o seu papel de intérprete, e a necessidade de ir mais longe que o leitor, de ter de decidir, de suprir, sempre que preciso for, a falta de conhecimentos partilhados, as insuficiências do texto (Herbulot, 1997: 103)

Pretendemos, pois, nestas considerações finais, rever os processos tradutórios utilizados de modo a elaborarmos uma síntese das modificações do texto de partida que daí resultaram e concluirmos sobre o sucesso das soluções adotadas tendo em conta os objetivos previamente traçados: abrir horizontes literários e aproximar culturas, conservando tanto quanto possível as características do texto de partida, reconhecendo, de antemão, porém, que a experiência de leitura do leitor da tradução será sempre, no final, diferente.

Antes ainda de sistematizar algumas ideias que se destacam do comentário dos casos mais problemáticos da tradução, relevamos algumas notas prévias sobre elementos que influenciaram as nossas decisões e que decorrem já da reflexão que fomos realizando sobre a nossa prática tradutiva de *Burra Preta com uma lágrima*:

— o tradutor é, antes de mais, um leitor. A nossa experiência acumulada de leituras desenvolveu uma consciência das condições mínimas necessárias à possibilidade de fruição no ato de ler. Quando lemos literatura estrangeira, partimos com uma expectativa de descoberta, com a expectativa de vislumbrar um mundo desconhecido. Talvez por isso, quisemos que a nossa tradução fosse generosa com uma quantidade de informação adicional suficiente de modo a facilitar a compreensão do texto e, por conseguinte, a despertar um instinto de curiosidade natural no leitor; que alargasse, portanto, as fronteiras culturais, desvendando aspetos dos Açores, da cultura açoriana e da cultura portuguesa, em geral, previsivelmente desconhecidos;

— um tradutor, e por maioria de razão um tradutor neófito, mesmo que tenha definido claramente os seus objetivos, terá sempre “boas” dúvidas<sup>23</sup> ao longo da sua experiência, na medida em que as opções de tradução que se lhe oferecem são vastas. Conservar, acrescentar, alterar ou apagar. E viverá assombrado pela dicotomia estéril que divide qualquer tradutor (mas da qual se deve libertar) entre a busca de equivalentes formais, que se orienta para a língua de partida (uma tradução mais literal) ou de

---

<sup>23</sup> « C’est l’incertitude qui est le moteur de son éveil, qui l’encourage dans son désir de produire la meilleure traduction possible. » (Hewson, 2016 : 26)

equivalentes dinâmicos, que se orienta para a língua de chegada (uma tradução mais livre ou funcional);

— o exercício da tradução é solitário. O poder da decisão pesa sobre o tradutor, daí que necessite de legitimar algumas das suas posições. Só um estudo minucioso das línguas que utiliza e das obras que traduz; só uma consulta detalhada das referências bibliográficas teóricas essenciais no campo dos Estudos de Tradução; só a partilha e o aconselhamento de outros tradutores e de outras traduções e só, finalmente, quando possível, as informações fornecidas pelo autor do texto que pretende traduzir lhe poderão dar alguma segurança;

— além das dúvidas de ordem linguística suscitadas pela tradução, o tradutor depara-se, por vezes, com referências a um universo científico distante. A sua curiosidade não deve, pois, ter limites, uma vez que pode ser chamado a realizar pesquisas em domínios do saber que extravasam o campo da literatura;

— é óbvio que a nossa tradução só tinha fins académicos, e que por isso não esteve condicionada por imperativos editoriais, como já havíamos assinalado, o que nos permitiu ter maior liberdade de ação. Apesar do seu carácter experimental, traduzimos, tendo em mente um universo potencial de leitores;

— uma última nota para frisar que mantivemos a estrutura da obra original, na medida em que incluímos na tradução por razões essenciais: a página de rosto com o título, a dedicatória, importante porque se pronuncia sobre a tipologia do romance (uma crónica de viagem?), a primeira citação bíblica em página branca porque explicita a natureza do narrador (o seu ponto de focalização) e o capítulo omissos que funciona como verdadeiro *incipit*.

Como se viu no comentário, identificámos duas áreas que nos levantaram mais dificuldades de tradução: as referências culturais e o estilo do autor. No tocante às primeiras, o objetivo prioritário era o de **preservar a autenticidade** da configuração espaço-temporal da narrativa. O nosso plano visava pontilhar a tradução com *impressões digitais* dos traços culturais essenciais retratados no texto. Queríamos colocar o leitor da tradução em contacto com esses elementos sem, com isso, inviabilizar a sua compreensão do texto. A realização deste desiderato implicou variar as estratégias de tradução, pois era importante manter algum equilíbrio entre as manifestações dialógicas interculturais e a manutenção do carácter recreativo da leitura.

Não pretendíamos adulterar a natureza do texto de partida, que é, acima de tudo, uma obra literária de ficção, transformando-o numa espécie de tratado de etnografia ou num guia turístico. Portanto, se, por um lado, não traduzimos alguns componentes do texto, por outro lado, mesmo quando isso aconteceu, acrescentámos uma informação adicional onde entendemos que o défice de identificação cultural por parte do leitor do texto de chegada seria nocivo. A explicitação incisa desses conteúdos (absolutamente “estranhos”) combinou com notas no fim da narrativa e com tentativas de substituição pelas formas equivalentes na cultura de chegada.

Recordamos sumariamente os tipos de referências culturais analisadas no capítulo anterior e a prevalência de métodos tradutivos aplicados, usando uma terminologia que apenas pretende ser descritiva:

- Antropónimos: não tradução (exceto “Burra Preta”);
- Topónimos: não tradução com desambiguação e explicitação;
- Hagiónimos: tradução por equivalência (universais culturais);
- Formas de Tratamento: tradução (“literal”) ou por equivalência (cultural);
- Referências à cultura açoriana: não tradução com explicitação (incisa, glosa, nota); tradução “normalizadora” (*transfer* regionalismo — língua padrão);
- Espírito Santo: não tradução com explicitação (incisa, glosa, nota); tradução mais ou menos explicitadora (paráfrase);
- Religiosidade: tradução por equivalência (universais culturais);
- Cultura Nacional: não tradução com explicitação (incisa, glosa, nota), tradução por equivalência (*transfer* cultura de partida — cultura de chegada).

Ressalta destas situações uma mudança de informação e do grau de explicitação no texto de chegada, por comparação com o texto de partida, mesmo quando procedemos a empréstimos e a filtragem cultural (usando os conceitos de Chesterman). Julgamos ser esta uma consequência natural da introdução sem adaptações no texto de chegada de referências culturais pertencentes ao texto de partida e que, em nossa opinião, necessitaram, pontualmente, de ser esclarecidos para o leitor da tradução, o que, em última instância, implica uma maior visibilidade do tradutor.

Relativamente ao estilo do autor, julgamos ter sido possível reproduzir o seu humor, a sua originalidade criativa e a sua estética num número de situações suficientemente significativas, de modo a embrenhar o leitor da tradução no *espírito da letra*. A reprodução dos efeitos estilísticos respeitou as opções mais radicais do autor quando a sua originalidade consistiu na invenção de novas palavras. Da mesma maneira, quando o narrador usou de alguma leviandade terminológica, não nos furtámos ao nosso compromisso de autenticidade. A intenção foi sempre de nos mantermos o mais próximo possível da *letra* do texto de partida (Berman, 1997: 63). O trabalho de manipulação do texto é, por vezes, mais evidente e ajusta-se ao propósito de exhibir alguns *intraduzíveis* do texto de partida. Esta estratégia simbolizava a nossa vontade de traduzir, através de “vidros coloridos”, como diria Jean-René Ladmiral em *Sourcier ou Cibliste — Les Profondeurs de la Traduction*, ou seja, sem apagar totalmente as referências originais. Excetuando as questões de sintaxe retratadas, onde um policiamento gramatical excessivo nos levou a normalizar o texto, aumentando os índices de legibilidade, desenvolvemos um trabalho de tradução no qual buscamos uma equivalência funcional do texto de chegada, através de um esforço de recriação que não alterasse os particularismos iniciais e que assegurasse a equidistância ambicionada na relação dos leitores com os textos respetivos. Recapitulando as categorias em que dividimos o estilo do autor, listamos, em seguida, as estratégias de tradução que prevaleceram nestes casos. Uma vez mais, usamos aqui uma terminologia meramente descritiva:

- Inventividade lexical: recriação (equivalência funcional)
- Língua Familiar: recriação
- Expressões Idiomáticas: recriação, tradução literal
- Comparações: tradução literal, recriação
- Estruturas com Sentido Metafórico: recriação
- Repetições: recriação, normalização
- Questões de Sintaxe: normalização gramatical
- Campo Lexical Equívoco: equivalência

Procurando sermos coerentes, quisemos evitar as viciações disformantes apontadas por Berman (entre outras e por serem mais pertinentes neste contexto: a destruição das redes vernaculares ou exotização das mesmas e a destruição dos

idiomatismos), sendo certo que, tanto nestes casos, como nos anteriores, é impossível mantermos tudo exatamente como no texto de partida. Assim, sempre que possível, ou seja, desde que nos garantisse os mesmos efeitos do texto de partida, ou quando causasse um estranhamento que não impedia a compreensão do texto, privilegiámos a tradução literal. Verificámos, por outro lado, uma tendência para o decalque estrutural, conceito emprestado aos lexicalistas Vinay e Darbelnet, mas que preferimos apelidar de “recriação” e que também se poderia classificar como “tradução criativa”, pois sintetiza uma estratégia que se afasta do literalismo. Uma abordagem ou um tratamento meramente lexical do texto jamais poderia ser o caminho único da operação tradutiva pelo quanto se tem consciência, hoje, de que não existem normas que limitem as possibilidades da criatividade linguística, mormente num texto literário, o que diz bem, ao mesmo tempo, da impossibilidade de repetir determinadas estruturas com as mesmas palavras. Ultrapassado o dogma da fidelidade (conceito tornado inoperante), da tradução como mera cópia do original, cabe ao tradutor ser criativo (todo o ato de traduzir é criativo (Ballard, 1997)) na busca de soluções, quando estas não são óbvias, que se aproximem de uma equivalência funcional entre o texto de partida e o texto de chegada, ou seja, de uma equivalência que preserve o sentido e os efeitos estilísticos do texto de partida.

Apesar das dificuldades, cremos que a(s) metodologia(s) utilizada(s), que Michel de Certeau classifica como *feuilletage*, pela heterogeneidade dos seus recursos, serviu os desígnios de uma tradução ética, descentrada culturalmente, desassombrada e assumida. Transportámos o leitor da tradução, desafiámo-lo, pondo-o perante fatores de estranhamento evidentes (expressões não traduzidas), nos quais, por vezes, se perderam algumas conotações culturais (abreviaturas e diminutivos afetivos). Compensámo-lo com alguma informação adicional (notas explicativas). O caminho desta impregnação cultural queria-se subtil. O tradutor é apenas um intermediário, deve guardar as distâncias. Mas o equilíbrio entre duas culturas em contacto e perante o binómio autor-leitor é precário. A tradução é um exercício dilemático: em que momento é que devemos pensar que já revelámos o suficiente?

Todos os métodos de tradução aplicados resultaram de decisões ponderadas e do embaraço que foi ter de escolher entre várias soluções possíveis. Por vezes, como foi o caso com os nomes próprios, as opções foram tomadas de acordo com uma determinada



tradição tradutiva e não em função, apenas, de uma convicção pessoal ou de uma mera intuição:

les traditions traductives nationales déterminent largement le choix des traducteurs [...] Seul un traducteur travaillant dans un environnement où son intervention sur le texte, sa créativité et son autorité sont reconnues cherchera à reproduire l'humour du texte de départ (Faria, 2015 : 103)

Por vezes, onde tudo parecia óbvio, mecânico ou repetitivo, subsistiam subtilezas inaparentes quando chegava o momento de traduzir (o que fazer com os intraduzíveis: tia Anica, Carochinha, caspeada...?). Nada era completamente linear e transparente. As zonas de opacidade resistiam, multiplicavam-se ao longo do texto. E era nestes interstícios onde persistia a mais pequena nuance que estremecíamos, que relíamos o nosso “caderno de encargos” e tomávamos a decisão final de um trabalho de tradução que nunca está acabado. (Mounin, 2014: 279)

A receção do texto de chegada por parte do leitor da tradução dificilmente se poderá equiparar com a do leitor do texto de partida, o qual estará, naturalmente, mais identificado com a língua e a cultura portuguesas. Assim, as referências culturais terão sempre um impacto diferente consoante a origem cultural do leitor. Álamo Oliveira construiu a sua narrativa, ancorando-a num espaço muito característico. Quanto mais o leitor se sentisse afastado dos Açores, em termos gerais, mais *exótico* lhe iria parecer. Quisemos ser flexíveis, deixando que se manifestassem algumas curiosidades peculiares do texto de partida sem comprometer totalmente a compreensão do texto e a fluência da leitura.

Todo o trabalho de tradução literária começa, destarte, pela leitura interpretativa da obra a traduzir. A escolha de *Burra Preta com uma lágrima* prendeu-se com a vontade de divulgar a literatura e a cultura açorianas a um público francófono. A vontade de ver o romance de Álamo Oliveira abrir brechas no sistema literário francês mais central e, por isso, mais rígido, também. A vontade de veicular algumas especificidades do texto: as tradições e os costumes açorianos, a reflexão efabulada do autor sobre valores universais como a liberdade e a dignidade humana e o período político conturbado dos anos 70 que se vivia no país e na região. A vontade de incitar as instituições públicas a financiar mais projetos de tradução de obras importantes da nossa literatura, para não ficarem limitados a parcerias esporádicas como no caso da Bibliothèque Portugaise (onde se misturam autores de vários países lusófonos) da

editora francesa Métailié<sup>24</sup> (apoiada pelo Ministério da Cultura através da Direção Geral do Livro e das Bibliotecas) e de forma a não permanecer confinado ao voluntarismo militante de iniciativas particulares como sucede com a editora independente Chandeigne<sup>25</sup>, que vem divulgando em França a literatura e a cultura lusófonas desde 1992, pondo a nu a ausência manifesta de um planeamento regional e nacional de promoção da nossa cultura extramuros.

Aproximando-nos agora do termo desta reflexão, queremos retomar algumas ideias-chave. Nesta como noutras traduções, perfilhamos a ideia de que o texto traduzido não é o mesmo texto. A tradução não é um clone, uma versão robotizada, assepticizada do texto de partida. Há um determinado *parti pris* do tradutor.

O prazer de traduzir é um ganho quando, associado à perda do absoluto linguístico, aceita a diferença entre a adequação e a equivalência, a equivalência sem adequação. É aí que reside o seu prazer. Confessando e assumindo a irreducibilidade do próprio e do estrangeiro, o tradutor é recompensado pelo reconhecimento do estatuto intransponível de dialogicidade do ato de traduzir. A despeito da agonística que dramatiza a tarefa do tradutor, este pode sentir prazer com aquilo a que gostaria de chamar *hospitalidade linguística*<sup>26</sup>. (Ricoeur, 2005: 20)

O texto que resulta da tradução deve, ainda assim, transportar a identidade do texto de partida. A nossa tradução teve por objetivo a divulgação de uma obra tornando-a acessível a um maior número de leitores. Este *tornar acessível* implica proceder a modificações, desde logo, em termos de códigos linguísticos. Nesta transição de um código linguístico para outro, viajamos, simultaneamente, de uma mundividência para outra mundividência. O trabalho do tradutor é, pois, o de estabelecer um diálogo intercultural. Na mesma medida em que o texto de partida é transportado para outra língua, também o leitor da tradução é transportado para outra cultura. O tradutor é o peixe-piloto que mostra o caminho.

A *tarefa do tradutor* é um privilégio: o privilégio de abrir os horizontes do leitor, o privilégio de penetrar no universo do autor. É um privilégio que se situa a meio caminho: entre o compromisso para com o autor e a generosidade para com o leitor.

---

<sup>24</sup> Convidamos a conhecer a coleção em <URL <https://editions-metailie.com/collections/bibliotheque-portugaise/>> (consultado em abril de 2018)

<sup>25</sup> Ver linha editorial e respetivo catálogo em : <URL <https://editionschandeigne.fr/notre-maison/>> (consultado em abril de 2018)

<sup>26</sup> O itálico é do autor.

Guiar o leitor não significa percorrer o seu caminho: o tradutor aviva a curiosidade do leitor, não dá necessariamente todas as chaves da interpretação do texto. Traduzir é uma forma de reescrita, de recriação, mas é uma recriação que nunca perde de vista o texto que constitui o seu corpo e a sua alma.

Encarámos, pois, a tradução na pele de um funâmbulo, ágil, intrépido, mas ponderado, portadores de uma missiva que chegará ao seu destinatário.

Ao longo deste trabalho e da nossa experiência tradutiva, desenvolvemos a certeza de que as traduções enriquecem as línguas na exata medida em que introduzem nelas a novidade pela diversidade, revitalizam-nas. Ao longo das nossas leituras exploratórias, muito nos questionámos sobre o papel das traduções no mundo atual. Gostaríamos, pois, de finalizar com dois testemunhos fundamentais. O primeiro de Susan Bassnett que nos mostra o **potencial heurístico** dos Estudos de Tradução:

A translation is a physical manifestation of one person's reading and rewriting of someone else's text, and so can offer unique insights into processes of textual manipulation. The more we understand about translation, the more we learn about human communication in an increasingly multifaceted, globalized world. (Bassnett, 2014: 13)

O segundo de Barbara Cassin que incide sobre a **capacidade salvífica** da tradução:

La traduction est de fait une alternative, ou un antidote, à la globalisation sauvage. La globalisation a pour premier effet de faire disparaître la diversité des cultures et des langues au profit – et le mot est juste, car c'est aussi, et d'abord, de profit capitalistique qu'il s'agit –, au profit, donc, d'un nivellement, qui s'opère toujours vers le bas, en particulier en ce qui concerne la langue. La mondialisation fait advenir un *globish* de pure communication, comme si la langue ne devait servir qu'à cela : communiquer pour consommer la même chose, au détriment des langues singulières qui s'articulent en œuvres, écrites ou orales, et aux dépens de la diversité des cultures, des visions du monde, des possibles.

Pour maintenir cette richesse-là [...] la traduction est à la fois le meilleur des outils et la plus pédagogique des expériences. Elle est par excellence un savoir-faire avec les différences, qui n'essentialise rien mais qui permet de circuler, de mettre en rapport des identités non closes sur elles-mêmes, qu'elle fait évoluer ; elle oblige à prendre le temps de stationner « entre ». J'insiste : la pratique de la traduction ne ferme pas les identités chacune sur soi ; au contraire, elle décentre le regard et fait comprendre à chacun la manière dont l'autre existe, donc dont lui-même existe. (Cassin, 2018)

## **Bibliografia**

### **Textos do Autor**

- OLIVEIRA, Álamo. 1995. *Burra Preta com uma lágrima*. 2ª Ed. Lisboa, Edições Salamandra.
- OLIVEIRA, Álamo. 1997. *Com Perfume E Com Veneno*. Lisboa, Edições Salamandra.
- OLIVEIRA, Álamo. 2000. *A Solidão Da Casa Do Regalo*. Lisboa, Edições Salamandra.
- OLIVEIRA, Álamo. 2011. “Estória de Natal.” In CHRYSTELLO, Helena e GIRÃO, Rosário, *Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos*. V. N. de Gaia, AICL-Colóquios da Lusofonia, Ed. Calendário de Letras.
- OLIVEIRA, Álamo. 2012. “Os Sonhos do Infante; Eu fui ao pico piquei-me.” In CHRYSTELLO, Helena; GIRÃO, Rosário, *Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos*. V. N. de Gaia, AICL-Colóquios da Lusofonia, Ed. Calendário de Letras. Volume I e II.
- OLIVEIRA, Álamo. 2013. *Murmúrios com Vinho de Missa*. Ponta Delgada, Letras Lavadas.
- OLIVEIRA, Álamo. 2014. *Marta de Jesus — A Verdadeira*. Ponta Delgada, Letras Lavadas.
- OLIVEIRA, Álamo. 2017. *Pátio D’Alfândega meia noite*. Lajes do Pico, Companhia das Ilhas.
- OLIVEIRA, Álamo. 2017. *Já não Gosto de Chocolates*. Lajes do Pico, Companhia das Ilhas.

### **Textos sobre os Açores**

- AUZIAS, Dominique; LABOURDETTE, Jean Paul. 2014. *Petit Futé Açores 2014/2015*. Paris, Les Nouvelles Éditions de l’Université.
- COSTA, Antonieta *et al.*. 2007. *Pelo Sinal do Espírito Santo*. Ponta Delgada, Governo dos Açores — Presidência do Governo — Direção Regional da Cultura.
- DERVENN, Claude. 1955. *Les Açores*. Paris, Horizons de France.

- GOULART, Débora Paula Machado. 2012. *O Bom Jesus Milagroso de São Mateus do Pico Património Cultural Imaterial*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Universidade dos Açores. <URL: [O Bom Jesus Milagroso de São Mateus](#)> (Consultado em: março de 2018)
- PETIT, Jérôme; PRUDENT, Guillaume. 2008. *Changement climatique et biodiversité dans l'outre-mer européen*. Gland, Suíça e Bruxelas, Bélgica, Union Internationale pour la Conservation de la Nature. <URL : [changement-climatique-et-biodiversité-dans-l'outre-mer-européen](#)> (Consultado em: março de 2018)

### Textos sobre Literatura Açoriana

- BATISTA, José Manuel Dias. 2012. *Contributos para uma noção de açorianidade literária*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Multidisciplinares. Lisboa, Universidade Aberta. <URL: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/3963/1/Tese%20Doutoramento.pdf>> (Consultado em: março de 2018)
- BETTENCOURT, Urbano. 2015. “Revista de Livros — Álvaro Oliveira Marta de Jesus — A Verdadeira.” In COSTA, Ricardo (ed.). *Boletim Núcleo Cultural da Horta*, 2015. 407-411. <URL: <http://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch24/bol-NCH2015-1.pdf>> (Consultado em: março de 2018)
- BETTENCOURT, Urbano. 2017. *O Amanhã não Existe — Inquietação Insular e Figuração em José Martins Garcia*. Lajes do Pico, Companhia das Ilhas.
- BRASIL, Luiz António de Assis. 1999. *A narrativa açoriana pós-revolução dos cravos: uma breve notícia*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Revista via atlântica n. 3 dez. 1999, 205-223. <URL: [www.revistas.usp.br/viaatlantica/Farticle](http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/Farticle)> (Consultado em: março de 2018)
- CABRAL, Mónica. 2010. *O Conto Literário de Temática Açoriana: a Ilha, o Mar e a Emigração*. Tese de Doutoramento em Literatura. Universidade de Aveiro. <URL: [O Conto Literário de Temática Açoriana](#)> (Consultado em: março de 2018)
- GIRÃO, Rosário; CHRYSTELLO, Helena. 2010. *Cadernos de Estudos Açorianos — Dedicado a Álvaro Oliveira*. Editor AICL/Colóquios da Lusofonia. <URL: [Cadernos de Estudos Açorianos, nº5](#)> (Consultado em: março de 2018)
- GIRÃO, Rosário; SILVA, Manuel José. 2014. *O Voo do Garajau: dos Açores a Macau*. Vila Nova de Gaia, Calendário de Letras.

PIMENTEL, Afonso Alberto Pereira. 2013. *Identidade, Globalização e Açorianidade*. Dissertação de Mestrado em Estudos Interculturais — Dinâmicas Insulares. Universidade dos Açores.  
<URL: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3104/2/DissertMestradoAfonsoAlbertoPereiraPimentel2013.pdf>> (Consultado em: março de 2018)

### **Textos sobre Tradução**

BAKER, Mona. 2005. *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Londres, Nova Iorque, Routledge.

BALLARD, Michel. 1997. “Créativité et traduction”. *Revista Target*. Vol. 9(1). 85-110. John Benjamin’s Publishing Company.

BARRENTO, João. 2002. *O Poço de Babel — Para uma Poética da Tradução Literária*. Lisboa, Relógio D'Água.

BASSNETT, Susan. 2014, (4ª edição). *Translation Studies. Fourth edition*. Croydon, Routledge.

BENJAMIN, Walter. 2015. “A Tarefa do Tradutor”. In BARRENTO, João (edição e tradução), *Linguagem Tradução Literatura*. Porto, Assírio & Alvim.

BERMAN, Antoine. 1984. *L'Épreuve de l'Étranger*. Paris, Gallimard.

BERMAN, Antoine. 1997. “A tradução e a letra ou a pousada do longínquo”. In JORGE, Guilhermina (coord.). *Tradutor Dilacerado*. Lisboa, Edições Colibri.

CAILLOCE, Laure. 2014. « La diversité des langues enrichit la pensée » (Entretien avec Barbara Cassin) *Le Journal du CNRS*. 19/11/2014.  
<URL: <https://lejournald.cnrs.fr/articles/la-diversite-des-langues-enrichit-la-pensee>> (Consultado em março de 2018)

CAMPOS, Haroldo de. 1997. “A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin”. *Revista USP, São Paulo* (33): XX-XX, março/maio.  
<URL: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/35052>> (Consultado em: março de 2018)

CASSIN, Barbara. 2013. « Les intraduisibles », *Revue Sciences/Lettres* [En ligne], 1 | 2013. <URL : <http://rsl.revues.org/252>> (Consultado em: março de 2018)

CATFORD, J.C. 2000. “Translation shifts”. In VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. London, Nova Iorque, Routledge.

CHANUT, Maria Emília Pereira. 2012. “A Noção de Equivalência e a sua Especificidade na Tradução Especializada.” *TradTerm*, São Paulo, vol.19. 43-70  
<URL: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/47345>> (Consultado em: março de 2018)

- CHESTERMAN, Andrew. 1997. *Memes of Translation: The Spread of Ideas in Translation Theory*. Philadelphia, J. Benjamins edition.
- COSTA, Cristina Bensassy. 2011. *The Speckled People de Hugo Hamilton: Voda Matizadas e os Matizes da Tradução*. Dissertação de Mestrado em Estudos Ingleses e Americanos. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.  
<URL: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6945/1/ulfl110806\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6945/1/ulfl110806_tm.pdf)> (Consultado em: março de 2018)
- COSTA, Patrícia Rodrigues. 2013. *Do ensino de Tradução Literária*. Dissertação de Mestrado em Estudos de Tradução. Universidade de Brasília.  
<URL: [http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/15077/1/2013\\_PatriciaRodriguesCosta.pdf](http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/15077/1/2013_PatriciaRodriguesCosta.pdf)> (Consultado em: março de 2018)
- DESCHAUMES, Ghislaine Glasson. 2011. *État des lieux de la traduction dans la région euro-méditerranéenne*. Projeto conduzido por: “Transeuropéennes et la Fondation euro-méditerranéenne Anna Lindh pour le dialogue entre les cultures” <URL: [http://www.transeuropeennes.eu/ressources/pdfs/TEM\\_2011\\_Conclusions\\_et\\_recommandations\\_116.pdf](http://www.transeuropeennes.eu/ressources/pdfs/TEM_2011_Conclusions_et_recommandations_116.pdf)> (Consultado em: março de 2018)
- ECO, Umberto. 1985. *Lector in fabula: le rôle du lecteur ou la coopération interprétative dans les textes narratifs*. (Trad. Myriem Bouzaher). Paris, Grasset.
- ECO, Umberto. 1994. *La recherche de la langue parfaite dans la culture européenne*. Paris, Seuil.
- ECO, Umberto. 2006. *Dire Presque la Même Chose — Expériences de Traduction*. (trad. Myriem Bouzaher) Paris, Grasset.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. 2000. “The position of translated literature within the literary polysystem”, In VENUTI, Lawrence (ed.) *The Translation Studies Reader*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- FARIA, Dominique. 2015. « Noms humoristiques de personnages et traditions traductives nationales », *Traduire* [En ligne], 232 | 2015.  
<URL : <https://journals.openedition.org/traduire/pdf/702>> (Consultado em: março de 2018)
- FERREIRA, Rui Diogo Marques. 2010. *A tradução literária numa perspectiva metodológica: problemas de tradução em Le Livre des fuites, de J.M.G. Le Clézio*. Dissertação de Mestrado em Tradução. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. <URL: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/15290>> (Consultado em: março de 2018)
- FERRO, Maria João. 2017. “A Tradução de Originais em Língua Portuguesa na Europa: uma Análise Contrastiva.” In Ferreira, António Manuel *et al.* “Pelos Mares da Língua Portuguesa 3”, Universidade de Aveiro, 2017.  
<URL: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/26473/1/A\\_tradu\\_o\\_de\\_originais\\_em\\_l\\_ngua\\_portuguesa.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/26473/1/A_tradu_o_de_originais_em_l_ngua_portuguesa.pdf)> (Consultado em: março de 2018)



- HEILBRON, J. 1999. “Towards a Sociology of Translation. Book Translations as a Cultural World-System”, *European Journal of Social Theory*, 2(4), 429-444.
- HEILBRON, Johan. 2010. “Structure and dynamics of the world system of translation”. UNESCO, *International Symposium ‘Translation and Cultural Mediation’*, 22-23 de Fevereiro.  
<URL: <http://webarchive.unesco.org/20161115012824/http://portal.unesco.org/culture/en/files/40619/12684038723Heilbron.pdf/Heilbron.pdf>> (Consultado em: março de 2018)
- HENSON, Lance. 2016. « Les Incertitudes du Traduire ». *Meta*. 61(1). 12-28. Les Presses de l’Université de Montréal. <URL : <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2016-v61-n1-meta02588/1036980ar/>> (Consultado em : abril de 2018)
- ISRAEL, Fortunato. 1997. “Tradução Literária e Teoria do Sentido”. In JORGE, Guilhermina (coord.). *O Tradutor Dilacerado*. Lisboa, Edições Colibri. 69-78.
- JAKOBSON, Roman. 2000. “On Linguistic aspects of translation”. In VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- JORGE, Guilhermina (Coord.). 1997. *Tradutor Dilacerado — Reflexões de Autores Franceses Contemporâneos sobre Tradução*. Lisboa, Edições Colibri.
- JORGE, Guilhermina. 2014. *Da Criatividade Linguística à Tradução — Uma Abordagem das Unidades Polilexicais em Mia Couto*. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.  
<URL: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/17849/1/ulsd070269\\_td\\_tese.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/17849/1/ulsd070269_td_tese.pdf)> (Consultado em: março de 2018)
- KNUPFER, Marlene. 2016. *Um modelo de crítica de tradução: Estratégias de tradução a partir de The Kite Runner de Khaled Hosseini*. Dissertação de Mestrado em Tradução. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
<URL: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26396/1/ulfl220140\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/26396/1/ulfl220140_tm.pdf)> (Consultado em: março de 2018)
- LADMIRAL, Jean-René. 2015. (2ª edição). *Sourcier ou Cibliste — Les Profondeurs de la Traduction*. Paris, Les Belles Lettres.
- LANE, Patricia. 2013. « What’s in a word? », Traduire [En ligne], 228 | 2013.  
<URL : <https://journals.openedition.org/traduire/pdf/543>> (Consultado em: março de 2018)
- LEAL, Alice. 2005. “Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos.” *Scientia Traductionis*, UFSC, Florianópolis, Brasil. <URL: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12916>> (Consultado em: março de 2018)
- LEFEVERE, André (ed.). 2003. *Translation, history, culture*. Londres, Nova Iorque, Routledge.



- LEVY, J. 2000. "Translation as a decision process". In VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- LEWIS, Philip. 2000. "The measure of translation effects", In VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- LIMA, Conceição. 2009. *A Dupla Tradução do Outro Cultural em Luandino Vieira*. Lisboa, Edições Colibri.
- LIS, Louise. 2018. « Les Maisons de la sagesse: philosophie, traduction et microcrédit (entretien avec Barbara Cassin) » *Le Journal du CNRS*. 01/03/2018.  
<URL: <https://lejournald.cnrs.fr/articles/les-maisons-de-la-sagesse-philosophie-traduction-et-microcredit>> (Consultado em março de 2018)
- LYRA, Regina de Oliveira Tavares. 1998. "Explicar é preciso? Notas de Tradutor: Quando, Como e Onde". *Fragmentos*, vol.8, nº1, (73-87). Florianópolis/jul-dez/1998. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.  
<URL: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/6039/5609>> (Consultado em: março de 2018)
- MARIAULE, Mickaël. 2015. « Créativité, création et recréation en traduction : un flou conceptuel », *Parallèles*, 27(2). 83-96. <URL : [http://www.paralleles.unige.ch/tous-les-numeros/numero-27-2/mariaule/Paralleles\\_27-2\\_2015\\_mariaule.pdf](http://www.paralleles.unige.ch/tous-les-numeros/numero-27-2/mariaule/Paralleles_27-2_2015_mariaule.pdf)> (Consultado em : abril de 2018).
- MOUNIN, Georges. 2014. *Les Problèmes Théoriques de la Traduction*. Paris, Gallimard.
- NEWMARK, Peter. 1995. *A Textbook of Translation*. Nova Iorque, Prentice-Hall International.
- NIDA, Eugene. 1945. "Linguistics and Ethnology in Translation Problems", *Word*, 1945, n.º2, 194-208.  
<URL: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00437956.1945.11659254>> (Consultado em: março 2018)
- NIDA, Eugene. 2000. "Principles of correspondence". In VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- PINHO, Jorge Almeida e. 2006. *O Escritor Invisível — A Tradução tal como é Vista pelos Tradutores Portugueses*. Lisboa, Quidnovi.
- PINHO, Jorge Almeida. 2011. *A Tradução para Edição*. Dissertação de Doutoramento em Estudos Anglo-Americanos — Tradução. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.  
<URL: [https://repositorio\\_aberto.up.pt/bitstream/10216/56697/2/tesedoutjorgepinho000135389.pdf](https://repositorio_aberto.up.pt/bitstream/10216/56697/2/tesedoutjorgepinho000135389.pdf)> (Consultado em: março de 2018)

- PLACIAL, Claire. 2015. « Intraduisibles et intraduits, des sciences humaines aux textes littéraires », *Traduire* [En ligne], 232 | 2015. <URL : <http://journals.openedition.org/traduire/706>> (Consultado em : março de 2018)
- PONTES, Valdecy de Oliveira; PEREIRA, Livya Lea de Oliveira. 2016. “A tradução a partir do modelo funcionalista de Christiane Nord: perspectivas para o ensino de línguas estrangeiras”. *TradTerm*, São Paulo, vol.28. 338-363.  
<URL: <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/125566>> (Consultado em: março de 2018)
- POPINEAU, Joëlle. 2015. « Traduire les jeux de mots et calembours de journaux satiriques – *Le Canard enchaîné* et *Private Eye* », *Traduire* [En ligne], 232 | 2015.  
<URL : <https://journals.openedition.org/traduire/pdf/694>> (Consultado em: março de 2018)
- REISS, Katharina. 2000. “Type, kind and individuality of text”. In VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- RICOEUR, Paul. 2005. *Sobre a Tradução*. (trad. Jorge Vilar de Maria Figueiredo) Lisboa, Edições Cotovia.
- ROCHARD, Michel. 2016. « La capacité d’assertion garantie ou la fin (provisoire) de l’incertitude ». *Meta*. 61(1). 104-116. Les Presses de l’Université de Montréal.  
<URL : <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/2016-v61-n1-meta02588/1036985ar.pdf>> (Consultado em : abril de 2018)
- SALAÜN, Jean-Christophe ; CHANTEGREL, Géraldine. 2015. « Jeux de mots glacés : entretien avec Salaün ». *Traduire* 232 | 2015 : Intraduisible ? Vous voulez rire ! 131-137 <URL: <http://journals.openedition.org/traduire/711>> (Consultado em: março de 2018)
- SAPIRO, Gisèle. 2008. *Translatio. Le marché de la traduction en France*. Paris, CNRS Éditions.
- SAPIRO, Gisèle. 2011. « Des échanges inégaux : géographie de la traduction à l’heure de la mondialisation », *Actes du forum du 25 et 26 octobre 2011 de la Société des Gens de Lettres* <URL : <https://www.sgdl.org/ressource/documentation-sgdl/actes-des-forums/la-traduction-litteraire/1523-des-echanges-inegaux-geographie-de-la-traduction-a-lheure-de-la-mondialisation>> (Consultado em: março de 2018)
- SAPIRO, Gisèle. 2012. *Rapports de force et échelles de grandeur sur le marché de la traduction*. [Rapport de recherche] DEPS (ministère de la Culture), Centre européen de sociologie et de science politique (CESSP).  
<URL: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01621156/document>> (Consultado em: março de 2018)
- SELESKOVITCH, Danica; LEDERER, Marianne. 1989. *Pédagogie raisonnée de l’interprétation*. Paris, Didier Érudition.
- STEINER, George. 2002. *Depois de Babel. Aspectos da Linguagem e Tradução*. Lisboa, Relógio D’Água Editores.

- TEGELBERG Elisabeth. 2014. « La transmission de l'étrangéité : traduire et retraduire Camus en suédois », *Traduire* [En ligne], 231 | 2014.  
<URL : <https://journals.openedition.org/traduire/pdf/676>> (Consultado em: março de 2018)
- TOURY, Gideon. 2000. “ The nature and role of norms in translation”, *In* VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- VENUTI, Lawrence. 2008, (2ª edição). *The Translator's Invisibility — A History of Translation*. Londres, Routledge.
- VERMEER, Hans. 2000. “Skopos and commission in translation action”, *In* VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- VINAY, Jean-Paul, DARBELNET, Jean. 2000. “A methodology for translation” *In* VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. Londres, Nova Iorque, Routledge.
- VINAY, Jean Paul e DARBELNET, Jean. 2004. *Stylistique Comparée du Français et de l'Anglais*. Paris, Didier Scolaire.
- VITALI, Ilaria. 2012. « Une traduction « puissance trois » : Rachid Djaïdani et la langue des cités », *Traduire* [En ligne], 226 | 2012.  
<URL : <http://journals.openedition.org/traduire/165>> (Consultado em : março de 2018)

## Outros

- AGUALUSA, José Eduardo. 2016. *Le Marchand de Passés*. (trad. Cécile Lombard) Paris, Éditions Métailié.
- AGUALUSA, José Eduardo. 2017. “Discurso Proferido na Entrega do Prémio Literário Internacional de Dublin”. <URL: <http://www.agualusa.pt/imagens/pdf/discurso-pt.pdf>> (Consultado em: março de 2018)
- BAKHTINE, Mikhail. 2009. *Le Marxisme et la Philosophie du Langage — Essai d'application de la méthode sociologique en linguistique*. (trad. Marina Yaguello) Paris, Les Éditions de Minuit.
- BYRAM, Michaël. 1992. *Culture et Éducation en Langue Étrangère*. (trad. Katharina Blamont-Newman e Gérard Blamont) Paris, Didier.
- FIGUEIREDO, Maria Augusta da Fonseca. 2006. *O 25 de Abril na Literatura para Crianças e Jovens*. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares. Universidade Aberta Lisboa.  
<URL: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/605/1/LC182.pdf>> (Consultado em: março de 2018)

- LUCAS, Isabel, NADAIS, Inês. 2017. “José Eduardo Agualusa é o vencedor do International DUBLIN Literary Award”, *Público*, 21 de junho de 2017.  
<URL: <https://www.publico.pt/2017/06/21/culturaipsilon/noticia/jose-eduardo-agualusa-e-o-vencedor-do-international-dublin-literary-award-1776394>> (Consultado em: março de 2018)
- LUCIANO. 1992. *Eu, Lúcio — Memórias de um Burro*. (trad. Custódio Magueijo) Lisboa, Editorial Inquérito Limitada.
- MARTINS, Rui Cardoso. 2017. “Salada Russa”. In MARQUES, Carlos Vaz (dir.). *Revoluções. Revista Granta*, número 10. Lisboa, Tinta da China.
- OBSERVATOIRE DE L'ECONOMIE DU LIVRE. 2015. *Économie du Livre — le secteur du livre : chiffres-clés 2013/2014*. Ministère de la Culture et de la Communication MCC, Direction Générale des Médias et des Industries Culturelles DGMIC, Service du Livre et de la Lecture SLL.  
<URL : [http://www.syndicat-librairie.fr/images/documents/chiffres\\_cles\\_livre\\_sll\\_2013\\_2014.pdf](http://www.syndicat-librairie.fr/images/documents/chiffres_cles_livre_sll_2013_2014.pdf)> (Consultado em: março de 2018)
- OBSERVATOIRE DE L'ECONOMIE DU LIVRE. 2016. *Économie du Livre — le secteur du livre : chiffres-clés 2014/2015*. Ministère de la Culture et de la Communication MCC, Direction Générale des Médias et des Industries Culturelles DGMIC, Service du Livre et de la Lecture SLL.  
<URL : [http://www.abf.asso.fr/fichiers/file/Limousin/Chiffres-cles\\_Livre\\_SLL\\_2014-2015.pdf](http://www.abf.asso.fr/fichiers/file/Limousin/Chiffres-cles_Livre_SLL_2014-2015.pdf)> (Consultado em: março de 2018)
- OBSERVATOIRE DE L'ECONOMIE DU LIVRE. 2017. *Économie du Livre — le secteur du livre : chiffres-clés 2015/2016*. Ministère de la Culture et de la Communication MCC, Direction Générale des Médias et des Industries Culturelles DGMIC, Service du Livre et de la Lecture SLL.  
<URL : <http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/67448-chiffres-cles-du-secteur-du-livre-2015-2016.pdf>> (Consultado em: março de 2018)
- OBSERVATOIRE DE L'ECONOMIE DU LIVRE. 2018. *Économie du Livre — le secteur du livre : chiffres-clés 2016/2017*. Ministère de la Culture et de la Communication MCC, Direction Générale des Médias et des Industries Culturelles DGMIC, Service du Livre et de la Lecture SLL.  
<URL: <http://www.enssib.fr/bibliotheque-numerique/documents/68055-chiffres-cles-du-secteur-du-livre-2016-2017.pdf>> (Consultado em: março de 2018)
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de. 1988. *Festividades Cíclicas em Portugal*. Lisboa, Dom Quixote.
- OLIVEIRA, Gilvan Müller de. 2013. *Política Linguística e Internacionalização: a Língua Portuguesa no Mundo Globalizado do Século XXI*. Trabalhos em Linguística Aplicada, Versão online, vol.52, n.2. 409-433  
<URL: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v52n2/a10v52n2.pdf>> (Consultado em: março de 2018)

- PERRAULT, Charles. 2011. *Neuf Contes de Charles Perrault*. Ministère de l'éducation nationale, de la jeunesse et de la vie associative. <URL:[http://www.cndp.fr/fileadmin/user\\_upload/CNDP/catalogues/perrault/files/contes\\_perrault.pdf](http://www.cndp.fr/fileadmin/user_upload/CNDP/catalogues/perrault/files/contes_perrault.pdf)> (Consultado em: março de 2018)
- PORDATA. 2018. Títulos em língua portuguesa: total, originais e traduzidos (1985-2014) [PDF]. <URL: [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt)> (Consultado em março de 2018)
- SÉGUR, Comtesse de. 2006. *Mémoires d'un Âne*. Paris, Hachette.
- UNESCO. 2018. *Index Translatorium*. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. <URL : <http://www.unesco.org/xtrans/>> (Consultado em março de 2018)



**UNIVERSIDADE DOS AÇORES**

**Faculdade de Ciências Sociais e  
Humanas**

Rua da Mãe de Deus

9500-321 Ponta Delgada

Açores, Portugal